



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY



Mayki Bruno dos Santos Gonçalves

Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo: lutas simbólicas para implantação (1948-1951)

Rio de Janeiro

2024

Mayki Bruno dos Santos Gonçalves

Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo: lutas simbólicas para implantação (1948-1951)

Relatório Final de Dissertação apresentado ao
Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da
Escola de Enfermagem Anna Nery da
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Orientadora: Prof^a Dra. Tânia Cristina Franco
Santos

Rio de Janeiro
2024

CIP - Catalogação na Publicação

G469e Gonçalves, Mayki Bruno dos Santos
Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo: lutas
simbólicas para implantação (1948-1951) / Mayki Bruno
dos Santos Gonçalves. -- Rio de Janeiro, 2024.
148 f.

Orientadora: Tânia Cristina Franco Santos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery,
Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2024.

1. Enfermagem. 2. História da Enfermagem. 3.
Educação em Enfermagem. 4. Instituições Acadêmicas.
5. Escolas de Enfermagem. I. Santos, Tânia Cristina
Franco, orient. II. Título.

Mayki Bruno dos Santos Gonçalves

Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo: lutas simbólicas para implantação (1948-1951)

Relatório Final de Dissertação, apresentado ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Banca examinadora:

Tânia Cristina Franco Santos
Presidente

Mercedes Neto
1ª Examinadora

Antonio José de Almeida Filho
2º Examinador

Rosane Barreto Cardoso
Suplente

Jane Márcia Progianti
Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho e essa conquista a minha mãe **Mariana Luiz dos Santos Gonçalves**, por todo apoio em todas as fases da minha vida e por todo amor. Minha mãe é a grande inspiração para o cuidado, o meu grande ideal.

Dedico, também, as professoras pioneiras da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo; Zaira Cintra Vidal, Safira Pereira Cardoso Machado, Guiomar Pereira Puppain. E para as professoras que com o logo do tempo lutaram para preservação da memória da atual Faculdade de Enfermagem da UERJ como: Zulmira de Assis Paiva, Nalva Pereira Caldas, Gertrudes Teixeira Lopes, Maria Regina Araujo Reicherte Pimentel e Maria Lelita Xavier.

AGRADECIMENTOS

De início, agradeço a minha Deusa tríplice e meus Deus Cornífero, pela inspiração que me guiou em minha jornada de vida e durante todo o mestrado. Seus incentivo e força me permitiram continuar esta caminhada com dedicação e amor nutrida em meu caldeirão e no grande útero sagrado. As Netas das Bruxas resistem e não serão caladas pelo Patriarcado!

Meus sinceros agradecimentos para minha mãe, pela paciência, o amor incondicional e incentivo foram fundamentais para me manter motivado e chegar até aqui. Seu exemplo é poderoso para me inspirar, mesmo em tempos difíceis.

Agradeço à minha orientadora Prof.^a Dra. Tânia Cristina Franco Santos pelo apoio inabalável, orientação e sabedoria ao longo desta pesquisa. Seu conhecimento e conselhos foram fundamentais para o progresso deste trabalho e para o meu desenvolvimento acadêmico. O seu amor pela ciência e sua dedicação são dignos de inspiração, e isto liberta.

Agradeço ao Núcleo de Pesquisa em História da Enfermagem Brasileira - NUPHEBRAS pela troca de conhecimento e apoio de todas as professoras, em especial Prof.^a Dra. Rosane Barreto Cardoso, Prof.^a Dra. Camila Pureza Guimarães da Silva e Prof.^a Dra. Maria Angélica de Almeida Peres. E a todos outros colegas membros do Núcleo.

Agradeço Prof.^a Dar Rosane Barreto Cardoso e ao Prof.^o Dr. Antonio José de Almeida Filho, que me ajudaram na minha formação acadêmica. Seus ensinamentos, incentivo e críticas construtivas me ajudaram tremendamente a construir minha dissertação e a incorporar os *habitus* acadêmicos.

Sou muito grato aos membros da banca examinadora pela disposição em revisar meu trabalho e pelas valiosas contribuições e conselhos que deram. Suas opiniões e reflexões beneficiaram enormemente esta pesquisa e minha evolução durante a construção da dissertação.

Agradeço o apoio emocional, o incentivo e o relaxamento dos meus amigos durante essa jornada, que foram essenciais para me manter equilibrado.

A Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Escola de Enfermagem Anna Nery e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, eu agradeço o apoio estrutural, organizacional, do ensino, extensão e pesquisa durante a minha formação.

Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo apoio, capacitação e incentivo a pesquisa no nosso país e para profissão de enfermeira.

Por fim, agradeço aos Centros de Documentação e seus funcionários, cuja dedicação e prontidão em auxiliar foram essenciais para o acesso a fontes históricas indispensáveis para a minha pesquisa. Os seus trabalhos são fundamentais para o progresso da historiografia e preservação da memória da nossa profissão, e foi fundamental para a realização deste estudo.

EPÍGRAFE

Os direitos adquiridos sem mudanças fundamentais nos sistemas que governam nossa vida poderiam facilmente ser tirados. [...] Conceder direitos civis dentro do patriarcado já se mostrou perigoso, porque levou mulheres a pensar que estamos em uma situação melhor do que a que realmente estamos, que as estruturas da dominação estão mudando. (hooks, 2023, p.162-163)

RESUMO

O objeto do estudo é o processo de implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. O recorte temporal foi o período de 1948 a 1951. O marco inicial refere-se ao ano de inauguração e o marco final demarca o ano de formatura da primeira turma de enfermeiras.

Objetivos: Descrever o jogo de forças que determinaram a implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo; Analisar as estratégias de luta dos agentes sociais envolvidos no processo de implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo; discutir os efeitos simbólicos da implantação de mais uma escola de enfermeiras na capital federal a época. **Metodologia:** Trata-se de um estudo histórico-social com abordagem qualitativa. Sendo o *corpus* documental formado por oitenta e oito documentos escritos e catorze fontes iconográficas, encontradas no Centro de documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery, Centro de Memória Nalva Pereira Caldas, Hemeroteca Digital e outras bases *online*. Os dados foram interpretados a luz da teoria do Mundo Social de Pierre Bourdieu. **Resultados e Discursão:** A Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo foi criada e implantada em tempos difíceis no mundo e no Brasil. As agentes envolvidas no processo de implantação havia um alto *habitus* profissional, sendo, portanto, utilizado como moeda de troca para uma bem-sucedida implantação e reputação. Prova disso foi a rápida equiparada, o reconhecimento social e político. A Escola utilizou de uniforme, rituais, emblemas e um excelente padrão de ensino, inspirado nas escolas americanas, para inculcar o *habitus* profissional da enfermeira moderna. A dominação masculina enfrentada por uma instituição feminina ficou claro com a não entrada a Universidade e nos discursos da naturalização do feminino (causa-efeito), mas ao mesmo tempo possuía professoras engajadas com discurso e ação de igualdade de gênero reivindicando direitos iguais e lutando pelo conhecimento científico feminino. **Considerações Finais:** A Escola se posicionou no jogo antes de ser inaugurada, sendo sua primeira diretora a presidente da Associação de Enfermeiras Diplomada Brasileira, sua visão de ensino em enfermagem permitiu a construção de uma Escola de Enfermeiras qualificada. As estratégias de luta empreendidas pelas agentes sociais geraram lucros simbólicos para a conquista de um espaço na sociedade e demonstrando sua importância para a qualidade dos serviços de saúde da Secretaria Geral de Saúde e Assistência, logo um bem-estar a população carioca.

Descritores: Enfermagem; História da Enfermagem; Educação em Enfermagem; Instituições Acadêmicas; Escolas de Enfermagem.

ABSTRACT

The object of the study is the implementation process of the Rachel Haddock Lobo School of Nurses. The time frame was the period from 1948 to 1951. The initial milestone refers to the year of inauguration and the final milestone marks the year of graduation of the first class of nurses. **Objectives:** To describe the interplay of forces that determined the implementation of the Rachel Haddock Lobo School of Nurses; Analyze the struggle strategies of the social agents involved in the process of implementing the Rachel Haddock Lobo School of Nurses; discuss the symbolic effects of the implementation of yet another nursing school in the federal capital at the time. **Methodology:** This is a historical-social study with a qualitative approach. The documentary corpus is made up of eighty-eight written documents and fourteen iconographic sources, found in the Documentation Center of the Anna Nery School of Nursing, Nalva Pereira Caldas Memory Center, Hemeroteca Digital and other online databases. The data were interpreted in light of Pierre Bourdieu's Social World theory. **Results and Discussion:** The Rachel Haddock Lobo School of Nurses was created and implemented in difficult times in the world and in Brazil. The agents involved in the implementation process had a high professional habitus, therefore being used as a bargaining chip for a successful implementation and reputation. Proof of this was the rapid recognition, social and political recognition. The School used uniforms, rituals, emblems and an excellent teaching standard, inspired by American schools, to inculcate the professional habitus of the modern nurse. The male domination faced by a female institution became clear with the non-entry into the University and in the discourses of the naturalization of the feminine (cause-effect), but at the same time it had female professors engaged in discourse and action of gender equality, demanding equal rights and fighting for female scientific knowledge. **Final Considerations:** The School positioned itself in the game before it was inaugurated, with its first director being the president of the Brazilian Graduate Nurses Association, her vision of nursing education allowed the construction of a qualified School of Nurses. The fighting strategies undertaken by social agents generated symbolic profits for gaining a space in society and demonstrating their importance for the quality of health services from the General Secretariat of Health and Assistance, thus improving the well-being of the Rio population. **Descriptors:** Nursing; History of Nursing; Education, Nursing; Schools; Schools, Nursing

LISTA DE SIGLAS

ABED	Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (1944 – 1953)
ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem (1952- atual)
ANED	Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas (1926-1929)
ANEDB	Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (1929-1944)
CDOC/EEAN/UFRJ	Centro de documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery
CMNPC	Centro de Memória Nalva Pereira Caldas
DNSP	Departamento Nacional de Saúde Pública
EEAAC	Escola de Enfermagem Aurora Afonso Costa
EAN	Escola Anna Nery
EEAN	Escola de Enfermagem Anna Nery
EERHL	Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo
EEUSP	Escola de Enfermeiras da Universidade de São Paulo
ENF/UERJ	Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
FR	Fundação Rockefeller
REBEn	Revista Brasileira de Enfermagem
Sesp	Serviço Especial de Saúde Pública
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE QUADROS

- Quando 1 Escolas de Enfermagem, suas localizações e ano de criação de 1890 - 1948
- Quadro 2 Fontes escritas organizada por localização, título, mês e ano de produção
- Quadro 3 Fontes fotográficas e iconográficas

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Técnicas de enfermagem
- Figura 2 Placa de inauguração da sede provisória da EERHL
- Figura 3 Inauguração da sede provisória da EERHL
- Figura 4 Apresentação de História da Enfermagem
- Figura 4 Cerimônia de imposição da touca
- Figura 5 Imposição da touca
- Figura 6 O juramento de Florence Nightingale
- Figura 7 Festa de despedida das pioneiras
- Figura 8 Convite de formatura das pioneiras
- Figura 9 Formatura da turma pioneira e suas professoras
- Figura 10 Ritual da Passagem da lâmpada
- Figura 11 Insígnia utilizado pelas alunas diplomadas
- Figura 12 Placa de identificação da EEHRL
- Figura 13 Primeira sede provisória da EERHL
- Figura 14 Visita da jornalista
- Figura 15 Segunda sede provisória da EERHL
- Figura 16 Planejamento de uma sede definitiva

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
1.1	OBJETO E PROBLEMA DE PESQUISA SITUADO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM DO PAÍS	15
1.2	QUESTÕES INVESTIGATIVAS E OBJETIVOS DA PESQUISA	19
1.3	JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA	19
1.4	CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA	21
2	REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1	PIERRE BOURDIEU: UMA BREVE HISTÓRIA DAS LUTAS EMPREENDIDAS DE UM SOCIÓLOGO	22
2.2	NOÇÕES CONCEITUAIS DA TEORIA DE MUNDO SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU	23
3	REFERENCIAL METODOLÓGICO	26
3.1	TIPO DE ESTUDO	26
3.2	RECORTE ESPACIAL	26
3.3	FONTES DE PESQUISA	26
3.3.1	Fontes escritas	28
3.3.2	Fontes iconográficas e fotografias	33
3.3.3	Fontes indiretas	35
3.4	TRIANGULAÇÃO DOS DADOS	36
3.5	ASPECTOS ÉTICOS	36
CAPÍTULO 1 – A CONFORMAÇÃO DO JOGO DE FORÇAS E A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA DE ENFERMEIRAS RACHEL HADDOCK LOBO		37
O Panorama da Educação em Enfermagem: da Proclamação da República a criação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo		50
Enfermeiras brasileiras protagonistas na criação e implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo		61
Enfermeira e docente Zaira Cintra Vidal		62
Enfermeira e docente Safira Pereira Cardoso Machado		74
Enfermeira e docente Guiomar Pereira Puppain		75
CAPÍTULO 2 – AS ESTRATÉGIAS PARA A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA DE ENFERMEIRAS RACHEL HADDOCK LOBO E OS SEUS EFEITOS SIMBÓLICOS (1948 – 1951)		77
A denominação: Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo		78
Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo: inauguração e funcionamento		85
O Diretório Acadêmico Carlos Chagas e o jornal “As Pioneiras”		100

O Ritual da Touca	101
O Hino da Enfermeira da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo	106
“Da luta surge a glória”: formatura da Turma Pioneira	110
A conquista de um espaço	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	128
APÊNDICE A - Carta de anuência para autorização de pesquisa EEAN/UFRJ	145
APÊNDICE B - Carta de anuência para autorização de pesquisa – ENF/UERJ.....	146
ANEXO A – Quadro para coleta das fontes escritas	147
ANEXO B – Instrumento para exame da fotografia.....	148

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1 OBJETO E PROBLEMA DE PESQUISA SITUADO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO EM ENFERMAGEM DO PAÍS

O presente estudo tem como objeto o processo de implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo (EERHL), atualmente denominada Faculdade de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ENF/UERJ). O recorte temporal foi o período de 1948 a 1951. O marco inicial refere-se ao ano que a EERHL foi inaugurada; e o marco final demarca o ano de formatura da primeira turma de enfermeiras.

A Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo teve essa denominação autorizada pelo então Prefeito do Distrito Federal, por meio da Resolução nº 8, de 21 de junho de 1944. Rachel Haddock Lobo foi a primeira diretora brasileira da Escola de Enfermagem Anna Nery/ Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEAN/UFRJ). Sua gestão compreendeu o período de 1931 a 1933, quando veio a falecer (Caldas, 2000). Além disso, Rachel Haddock Lobo participou da criação e exerceu o cargo de Redatora-Chefe da revista *Annaes de Enfermagem*, atual *Revista Brasileira de Enfermagem*, criada em 1932. (Caldas, 2000; Santos, Oliveira, 2002).

A primeira Diretora da EERHL foi a Professora Zaira Cintra Vidal, egressa da Escola de Enfermagem Anna Nery, pois formou-se na segunda turma, em 1926. Também atuou como professora nesta escola e exerceu o cargo de diretora interina, no período de 31 de agosto a 21 de dezembro de 1938. Na EERHL, sua gestão compreendeu o período de 04 de janeiro de 1945 a 30 de julho de 1954. A ela coube a idealização e execução do projeto de criação e implantação da escola (Caldas, 2000; Lopes et al, 2001).

A inauguração da EERHL se deu em 20 de junho de 1948 e a sua equiparação à Escola Oficial Padrão (Decreto nº 20.109/1931) ocorreu no dia 27 de janeiro do ano seguinte, pelo Decreto nº 26.251, do então Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra. Sobre o processo de equiparação, vale destacar que, normalmente as escolas passavam por uma avaliação prévia para receberem a autorização para o início do funcionamento e, se aprovadas, eram equiparadas ao final de dois anos. A EERHL foi reconhecida rapidamente, ou seja, seis meses após a sua inauguração. No relatório da comissão encarregada de tal avaliação consta a seguinte informação: "dotada de requisitos que permitem o seu funcionamento" e equiparação imediata (Caldas, 2000, p.348; Pimentel; Xavier, 2018).

Vale ressaltar que, no plano mundial, o campo da educação em enfermagem foi se desenvolvendo acompanhando as grandes crises e/ou mudanças políticas, econômicas e sociais da humanidade. O modelo de enfermagem criado por Florence Nightingale, na Inglaterra mostrou-se eficaz para combater a crise sanitária do país. Posteriormente, esse modelo de formação de enfermeiras se difundiu pelo mundo, primeiramente nos países Escandinavos e em seguida nos Estados Unidos da América e Canadá (Pava; Neves, 2011).

No Brasil, esse modelo chega em 1922, por meio da “Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil”. Essa missão, chefiada pela enfermeira americana Ethel Parsons, transplantou, com a criação da Escola de Enfermagem Anna Nery, à época denominada Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, um modelo de ensino que agregava às características do tradicional modelo *Nightingale*, outras, desenvolvidas em seu processo de adaptação à sociedade americana, desde os tempos da guerra civil (Santos et al, 2011).

Nesse contexto, o Brasil passava por crises sanitárias, tais como a falta de saneamento básico e o aumento dos casos de tuberculose. Essa crise foi agravada em 1918, com a chegada da denominada Gripe Espanhola, deixando claro a falta de recursos do país para dar conta minimamente das consequências da referida gripe. No bojo dessa crise sanitária, o presidente da República Epitácio Pessoa (1918-1922), comprometido com o Movimento Sanitarista, criou o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), em 2 de janeiro de 1920, sob a direção do cientista renomado Carlos Chagas (Santos et al, 2011).

Carlos Chagas empreendeu uma reforma sanitária que abrangeu o período de 1920 a 1924. Essa reforma, mediante uma série de decretos, buscou redefinir o papel do Estado nas questões de saúde do país. Houve um incremento da participação de sanitaristas nas decisões de caráter político e teve início o Programa de Cooperação da Fundação Rockefeller na Capital Federal (Santos et al, 2011).

Logo em 1921, Carlos Chagas viajou aos Estados Unidos da América e, mediante entendimentos com a Fundação Rockefeller, após conhecer o serviço das Visitadoras Domiciliares, acertou a vinda uma Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, para dar sustentação operacional à reforma sanitária, em desenvolvimento, sob sua liderança. Essa missão, por ser chefiada pela enfermeira Ethel Parsons, atualmente é denominada, por pesquisadores de História da Enfermagem, como “Missão Parsons”, (Santos et al, 2011).

A enfermeira norte-americana Ethel Parsons foi convidada para chefiar a referida missão, chegando no Rio de Janeiro em 2 de setembro de 1921. Seu trabalho foi iniciado por um diagnóstico da situação de saúde. De acordo com sua apreciação, os hospitais estavam superlotados e a enfermagem em condições precárias, sendo exercida por pessoas consideradas ignorantes, de ambos os sexos, com características semelhantes à enfermagem da Inglaterra antes do legado de Florence Nightingale (Barreira et al, 2015).

Parsons constatou que, no interior do DNSP, haviam sido contratadas quarenta e quatro mulheres com baixo nível de instrução, que após 12 palestras, passavam a atuar como visitadoras. De acordo a sua avaliação, com base nos padrões americanos, os resultados desse trabalho eram insatisfatórios, pois careciam dos conhecimentos básicos de enfermagem e treinamentos em campos de prática (Barreira et al, 2015).

A Missão Parsons atuou no Brasil, por uma década (1921 a 1931), iniciando as atividades em três importantes frentes de trabalho: organização de um serviço unificado de enfermeiras de saúde pública, reorganização do Hospital Geral da Assistência e a criação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, conforme o alto padrão da enfermagem norte-americana (Barreira et al, 2015). Já em 2022, o Decreto 15.799, de 10 de novembro, que aprovou o Regulamento do Hospital Geral de Assistência do Departamento Nacional de Saúde Pública, determinou em seu Artigo 3º, a anexação da Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública ao referido hospital

Em 1926, por meio do Decreto nº 17268, a referida escola mudou sua denominação para Escola de Enfermeiras D. Ana Néri. Cinco anos mais tarde (1931), pelo Decreto nº 20109 da Presidência da República, a Escola foi considerada o padrão de ensino em enfermagem do país, onde as Escolas existentes e as futuras deveriam seguir os seus moldes de ensino (Medeiros, Tipple, Munari, 1999; Pava, Neves, 2011). Esse decreto vigorou até 1949, quando foi sancionada a lei nº 775, de 6 de agosto de 1949, que dispôs sobre o ensino de enfermagem no país.

Sobre a diplomação de enfermeiras no Brasil, o Quadro 1 apresenta o total de formadas no período de 1889 a 1948, ano de inauguração da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo, em 1948. Vale dizer que as escolas estão descritas conforme a denominação utilizada no final do período mencionado.

Quadro 1- Escolas de Enfermagem brasileiras criadas no período de 1890 – 1948

Escola de Enfermagem	Cidade e Estado	Ano de criação	Número de formadas
----------------------	-----------------	----------------	--------------------

Alfredo Pinto	Rio de Janeiro/ RJ	1890	1.536
Cruz Vermelha Brasileira (FESP)	São Paulo/ SP	1914	30
Cruz Vermelha Brasileira (FERJ)	Rio de Janeiro/ RJ	1916	535
Anna Nery	Rio de Janeiro/ RJ	1922	632
Carlos Chagas	Belo Horizonte/ MG	1933	171
Florence Nightingale	Anápolis/GO	1933	48
Cruzeiro do Sul	Rio Verde/GO	1937	-
Hospital São Paulo	São Paulo/ SP	1938	46
Luiza de Marillac	Rio de Janeiro/ RJ	1939	59
Universidade de São Paulo	São Paulo/ SP	1942	81
Hospital São Vicente de Paulo	Goiânia/GO	1943	25
São Vicente de Paulo	Fortaleza/CE	1943	13
Estado do Rio	Niterói/ RJ	1944	21
Rachel Haddock Lobo	Rio de Janeiro/ RJ	1944	-
Magalhães Barata	Belém/PA	1944	-
Hugo Werneck	Belo Horizonte/MG	1945	-
Nossa Senhora das Graças	Recife/PE	1945	-
São Francisco de Assis	São Luís/MA	1945	-
Hermantina Beraldo	Juiz de Fora/MG	1946	-
Universidade da Bahia	Salvador/BA	1946	-
Recife	Recife/PE	1948	-
Número de enfermeiras formada no país			3.197

Fonte: Sesp, 1950; Carrijo, Leite, 2011

A leitura dos dados evidencia o total de vinte e uma escolas, com a seguinte distribuição: seis no Rio de Janeiro; três em São Paulo, Minas Gerais e Goiás; duas em Pernambuco; e uma no Ceará, Pará, Maranhão e Bahia. Observa-se que a região sudeste concentra o maior número de escolas (57%). Sobre o quantitativo de enfermeiras, o total de 3.197 enfermeiras revela a insuficiência do número de enfermeiras para atender as necessidades da população que, em 1948 estava estimada em 49.207.657 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000).

Não obstante, a partir de 1942, houve um incremento no quantitativo de escolas de enfermagem, em face do acordo bilateral entre o Brasil e os Estados Unidos que culminou na criação, nesse mesmo ano do Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp). Esse serviço que possuía entre outras, a atribuição de preparar profissionais para o Serviço de Saúde Pública, contribuiu sobremaneira para a expansão das escolas de enfermagem no país.

Nesse mister, o Sesp fomentou estudos de pós-graduação no exterior, por meio de bolsas e contribuiu para a criação e implantação de escolas de enfermagem, com auxílio financeiro e técnico. A EERHL recebeu esse apoio (Renovato e Bagnato, 2008).

Assim, no ano de 1944, foram criadas duas escolas no Rio de Janeiro: a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo (capital federal a época) e Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro, atual Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa (EEAAC) da Universidade Federal Fluminense. A EEAAC foi inaugurada no ano de 1945 e a EERHL no ano de 1948 (Lima; Baptista, 2000). Chama atenção o fato de duas escolas criadas no mesmo ano, terem suas inaugurações em tempos distintos, com uma diferença de três anos, ou seja, em 1948.

1.2 QUESTÕES INVESTIGATIVAS E OBJETIVOS DA PESQUISA

Trazidas as inquietações que instigaram esta pesquisa foram formuladas as seguintes questões investigativas: **Quais as forças em jogo que determinaram a implantação de mais uma escola de enfermeiras na capital federal a época? Quais as estratégias para implantar a escola?**

A resposta ao problema formulado é o objetivo final pretendido à esta pesquisa. Para dar esta resposta, faz-se necessário o alcance de objetivos expostos a seguir:

- Descrever o jogo de forças que determinaram a implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo;
- Analisar as estratégias de luta dos agentes sociais envolvidos no processo de implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo;
- Discutir os efeitos simbólicos da implantação de mais uma escola de enfermeiras na capital federal a época.

1.3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Primeiramente, cabe situar o objeto e a pesquisa num campo epistêmico, visando a natureza científica. Partindo dessa premissa, o ambiente societal da pesquisa é constituído por quatro campos, a saber: axiológico, da demanda social, doxológico e epistêmico. O campo axiológico está relacionado aos valores sociais e individuais que motivaram a construção da pesquisa científica. O campo da demanda social está vinculado ao entendimento que toda produção científica está vinculada a demandas da sociedade. Já o campo doxológico é vinculado ao saber não sistematizado e de onde surgem os problemas de pesquisa. No que se refere ao campo epistêmico, é o conhecimento científico, o qual possui sua objetivação reconhecida por teorias e reflexões epistemológicas. Assim, esses campos são inseparáveis,

pois se entrelaçam, sendo um processo intelectual do pesquisador, desde a primeira observação do fenômeno até sua configuração ao campo epistêmico (SAND et al, 2013).

Sendo assim, o campo axiológico desta pesquisa está relacionado ao campo em que eu como pesquisador estou inserido. Sou egresso da Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (ENF/UERJ), galguei durante a minha graduação e agora, na pós-graduação em espaços de pesquisa, ensino e extensão vinculada a temática da história da enfermagem e o fazer cuidativo da minha profissão. E, somado aos meus valores pessoais estão conectados com a importância da elucidação da história da enfermagem a fim de promover a história e o conhecimento feminino que tanto foi apagado, “queimado” e ilegitimado pela força hegemônica do patriarcado. Com isso, não posso confundir a minha subjetividade com o subjetivismo do objeto desta pesquisa, sendo necessário a demarcação, graças as bases científicas.

O campo da demanda social do objeto em estudo surge a partir da compreensão da importância social, científica e sanitária que a ENF/UERJ possui perante a sociedade. O corpo social da ENF/UERJ vem ocupando espaços importantes para consolidação da enfermagem no país, como docentes ocupando cargos de presidência e comissões na Associação Brasileira de Enfermagem Nacional e Sessão Rio de Janeiro, liderando a organização e consolidação do Conselho Regional de Enfermagem do Rio de Janeiro e Sindicato profissional (Pimentel; Xavier, 2018). Desta maneira, a ENF/UERJ vem provando com o tempo sua importância social na formação qualificada de enfermeiros e nas crises de saúde da sociedade, colocando o seu conhecimento e corpo social em prol da comunidade. Assim a ENF/UERJ, nesse estudo mencionada como EERHL, em face do tempo histórico que foi estudado, possui a demanda social de conhecer a gênese da sua história e memória institucional, se mostrando relevante para sociedade.

O campo doxológico, está relacionado com a prática de pesquisa. O pesquisador durante a construção do trabalho de conclusão de curso de graduação, onde pesquisou a evolução histórica dos uniformes utilizado pelas alunas e professoras da EERHL (1948 – 1968), notou a falta de clareza do fenômeno histórico acerca das lutas simbólicas para o processo de implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo (EERHL).

Diante disso, percebe-se a lacuna do conhecimento e a necessidade do processo de ruptura com o senso comum e de elevar esse objeto de pesquisa ao campo epistêmico. Dessa forma, os conceitos de *habitus*, capital e campo do projeto sociológico de Pierre Bourdieu foram fundamentais nesse processo. Esses conceitos são centrais em sua teoria explicativa,

pois Bourdieu analisa as relações dialéticas entre os agentes (indivíduos ou grupos) e as estruturas dos campos.

Essa temática versa com os interesses de pesquisa da Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde do Ministério da Saúde, no tocante “subagenda 22.1.1 Memória e História da Saúde (BRASIL, 2015). Ademais, também está consoante com a Agenda 2030, em seu Objetivo de Desenvolvimento Sustentável nº 5, qual seja, “Igualdade de Gênero”, uma vez que a historiografia da implantação da EERHL põe em relevo o protagonismo das mulheres e enfermeiras na formação qualificada no país. Essas evidências históricas empoderam as mulheres porque dão visibilidade as lutas que foram vitoriosas na superação de subalternidade históricas que envolvem os homens sobre as mulheres.

Ademais, estudos que tratam da criação das instituições de ensino em enfermagem podem trazer diversas contribuições como: preservação da memória da profissão; compreensão de parte da trajetória profissional; contribuição para identidade profissional; e representações e significados que têm sido socialmente atribuídos ao enfermeiro e ao que essa profissão faz (Costa et al, 2016).

1.4 CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

As contribuições do estudo estão relacionadas ao ensino e a pesquisa em História da Enfermagem, bem como para a preservação da memória e história da ENF/UERJ, e por conseguinte, da enfermagem brasileira. No que tange ao ensino, o estudo contribuí para uma melhor compreensão da história da EERHL e sua relevância na consolidação do ensino em enfermagem no país. Assim, a história da escola será difunda para os discentes e docentes, podendo desenvolver um maior sentimento de pertencimento, identidade profissional, reflexões do presente e do seu futuro.

Esse estudo, por meio da produção, análise e discussão dos dados balizada, erudita e consistente, contribuí para a historiografia da profissão e da saúde, bem como se configura como uma fonte histórica para responder novas questões de pesquisa relacionada a EERHL e ao ensino superior em enfermagem do país. Isso porque a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo oferece ensino de qualidade de forma ininterrupta desde a sua inauguração e estudos referentes à essa escola no cenário da educação e saúde do país tem o efeito de demonstrar as estratégias que lograram êxito em prol do desenvolvimento da profissão.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A base teórica e epistemológica desta pesquisa apoia-se na teoria de Mundo Social de Pierre Bourdieu. O autor trabalha com um olhar do ser social de forma única, com conceitos de *habitus*, campo, capital, poder simbólico e violência simbólica, que são conceitos importantes para direcionar o olhar histórico e social. Assim, tornou-se possível descrever, analisar e discutir o jogo de forças, as estratégias de luta e os efeitos simbólicos da implantação da EERHL.

2.1 PIERRE BOURDIEU: UMA BREVE HISTÓRIA DAS LUTAS EMPREENDIDAS DE UM SOCIÓLOGO

Antes de conceituar as principais ideias de Pierre Bourdieu, cabe brevemente, compreender a história desse autor e seu local de fala. Pierre Félix Bourdieu nasceu em 1º de agosto de 1930 no sudoeste da França. Ingressou como discente na École Normale Supérieure de Paris, em 1951. Nesta renomada Escola, forma-se em Filosofia e nesse mesmo tempo estudou na Faculdade de letras em Paris (Monteiro, 2018).

De 1955 a 1960 a vida deste autor é marcada pelo serviço militar na Argélia, colônia francesa na época. Esses anos serviram para uma certa mudança do filósofo para sociólogo e etnólogo, sendo a Argélia um grande “laboratório sociólogo” marcado pela dominação capitalista colonial. Durante os dois últimos anos, atuou como professor na Faculdade de Letras da Argélia e isso possibilitou-lhe a realização de diversas pesquisas etnográficas e um arsenal de dados empíricos, rendendo publicações importantes como a *Sociologie de l’Algérie* (Monteiro, 2018).

Ao retornar para França, casou-se em 1962 com socióloga Marie-Claire Brizard, com quem teve três filhos. Ocupou cargo de secretário-geral do Centro de Sociologia Européenne (CSE), e em 1964 foi indicado como Diretor deste mesmo Centro. Durante a década de 1960, Pierre Bourdieu avança como pesquisador, professor e editor, publicando obras importantes como *Le Sens Commun*, que reunia os principais pensadores clássicos da sociologia e filosofia, e outras obras relacionadas ao uso da fotografia e da arte como objeto da sociologia (Monteiro, 2018).

Nesta mesma década, Bourdieu funda o Centro de Sociologia da Educação e da Cultura, na tentativa de apreender as relações do universo da cultura e o campo do poder e das classes sociais. Na década de 1970, Publicou: *La distinctin - Critique sociale du jugement*. Neste livro, ele trata dos seus principais conceitos de campo, capital, *habitus*, classes sociais, dentre

outros. Nas duas décadas subsequentes o autor tornou-se reconhecido mundialmente demarcando no campo científico sua epistemologia a fim de superar as lógicas existentes - subjetivismo x objetivismo (Monteiro, 2018).

Bourdieu era engajado nas lutas sociais, participando ativamente na luta contra o avanço das injustiças sociais e do neoliberalismo, apoiando os movimentos sociais em prol dos trabalhadores, imigrantes, intelectuais e outros grupos minoritários. Com 71 anos, faleceu vítima de um câncer, em 23 de janeiro de 2002, mas até os dias atuais sua teoria e ideias vêm sendo utilizadas por diversos campos científicos para compreender e interpretar os fenômenos históricos e sociais (Monteiro, 2018).

Mediante o exposto, ficou claro o quanto Pierre Bourdieu contribuiu para o pensamento científico. Ele reconhecia o pensamento fenomenológico e estruturalista, mas era com o praxiológico que se identificava e o desenvolveu. Isto envolve a corrente fenomenológica voltada para a experiência primeira do mundo social, para o subjetivo e o estruturalismo possui uma busca na compreensão das estruturas objetivas da sociedade. Assim, o conhecimento praxiológico que tem como objeto não só as estruturas objetivas, mas a internalização dessas estruturas nos agentes, ou seja, uma superação dos pensamentos anteriores ao olhar a ação social como consequência da relação da estrutura objetiva e estrutura subjetiva, mediada pelo *habitus*, traduzida na prática social (Bourdieu, 2002).

2.2 NOÇÕES CONCEITUAIS DA TEORIA DE MUNDO SOCIAL DE PIERRE BOURDIEU

Inicialmente, cabe mencionar o significado do uso do termo “agente social”, pois Bourdieu afirma que não se trata de pessoa no sentido abstrato do indivíduo com o olhar subjetivista, e sim a compreensão da ação do agente numa rede de relações sociais e de condições objetivas existentes. Portanto, a ação do agente é mediada entre a posição ocupada no espaço social e as disposições internalizadas em seu corpo proveniente de um processo histórico (Bourdieu, 2002).

Diante do exposto, os conceitos centrais do projeto sociológico bourdieusiano são de *habitus* e campo. Sendo o primeiro como um conhecimento histórico adquirido, disposição incorporada, dinâmica e dialética. O segundo está relacionado ao espaço multidimensional em que ocorre as relações sociais, sendo uma estrutura objetiva onde é palco para espaço de força (estático) e de lutas (dinâmico) (Bourdieu, 1996).

Bourdieu expressa que o *habitus* é a incorporação da estrutura e a estruturação das práticas em relação a posição que os agentes ocupam no campo. Assim, o agente não nasce com o *habitus*, mas o incorpora. Sendo *habitus* primário os provenientes da socialização com a família e que auxilia nas experiências posteriores. As instituições e outros campos vão gerar novas interiorizações das exterioridades que irão atualizar os *habitus* (Bourdieu, 2007).

Na ideia de Bourdieu a história possui um papel central para compreender a relação agente e estrutura, de forma dialética mediada pelos *habitus*. Com o olhar imediato, leva-se ao pensamento que as práticas sociais são, de forma natural provenientes apenas das forças dos agentes (subjetivismo), mas na verdade são provenientes de fatos históricos vivenciados, experimentados, conhecidos e estruturados. Com isso, o *habitus* é a história incorporada, o mundo social exterior no interior de cada agente e no seu local que ocupa no campo (Bourdieu, 2007).

Sob o mesmo ponto de vista, é relevante dizer que o agente como um ser social é construído por um processo histórico determinado por sua posição no campo. Assim, pelo *habitus* de classe é possível reconhecer a posição ou classe que um indivíduo pertence no campo. Desta maneira, as classes sociais funcionam como grupos práticos que são mobilizados pelas lutas políticas e simbólicas (Bourdieu, 2007).

Outro conceito a ser tratado é o de campo em que é o palco para prática social, um espaço multidimensional e estruturado historicamente, onde as posições que ocupam os agentes determinam as suas interações. O capital é responsável por estruturar o campo, onde a distribuição desigual dos agentes, gera hierarquias, levando a lutas pela manutenção ou subversão do sistema estruturado. Assim, cada campo possui especificidades com *habitus* e capital específico (campo artístico, campo jurídico, campo científico etc.) e possui certa autonomia, não obstante, cada campo está diretamente implicado com o jogo de forças do macrocosmo ou metacampo que é o estado (Bourdieu, 1996).

Bourdieu Compreende o Estado como um metacampo que possui um metacapital que exerce poder sobre outros campos e capitais. Assim, o estado é produtor da realidade social que manipula as estruturas mentais através do conjunto de instituições como o sistema social, escolar, linguístico, moda, saúde, entre outros (Catani, et al. 2017).

Para Bourdieu a sociedade capitalista se estrutura por dois capitais: econômico e cultural. Sendo o primeiro o conjunto de recursos materiais, e o segundo os conjuntos de atribuições intelectuais produzidos pelo ensino e pela família. Outros tipos de capitais são tratados pelo autor como o capital social, capital político e o capital simbólico (BOURDIEU, 1996).

Cabe destacar o capital simbólico, a fim de facilitar o entendimento de poder simbólico, violência simbólica e na compreensão dos demais capitais. Assim, entende-se como capital simbólico o conhecimento prático da legitimação da diferença de um indivíduo ou classe, ou seja, do reconhecimento, fama, prestígio, títulos etc. Posto isso, compreende-se que os outros capitais podem ser entendidos como capital simbólico. Contudo, a uma relação inversamente proporcional, quanto mais esse capital é denegado ou naturalizado pelos agentes mais ele se torna força e poder de dominação (Bourdieu, 2007).

O capital acumulado em um determinado campo, se reconhecido, confere poder a determinados agentes. Com isso, o poder é exercido por uma relação determinada entre dominador e dominado, e é no campo que se produz e reproduz a crença da legitimidade do poder. Assim, o campo é um local de jogo de forças e de lutas, onde lutas simbólicas são estabelecidas no intuito de conservação ou transformação do espaço social. (Bourdieu, 2007).

Bourdieu define:

O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.

Nesse sentido, o poder simbólico reside nas entrelinhas da sociedade, um poder irreconhecível, transfigurado e que abriga outras formas de poder. É uma relação em que os dominados necessitam reconhecer para legitimar, mas necessitam ignorar para naturalizar e perpetuar o poder da classe dominante (Bourdieu, 2007, p.14).

Dessa forma, essa relação de poder é exercida pela violência simbólica, capaz de transformar, produzir efeitos reais sem nenhuma força física. Os dominados agem pensando ter gosto próprio, mas foram inculcados a maneira de agir, falar, vestir, ouvir, sentir e experimentar (Bourdieu, 2007).

Compreendendo o objeto de estudo situado dentro do campo da educação em enfermagem, os conceitos de *habitus* e campo são fundamentais para apreender esse fenômeno histórico. Nesse mister, os diferentes tipos de capitais (social, cultural, profissional, simbólico) foram utilizados como moeda de troca para implantação de mais uma Escolas de Enfermagem na capital federal do Brasil. Não foi qualquer agente e sim aquele que possuía poder simbólico para criar estratégias de luta para implantação da EERHL.

Diante do exposto, os conceitos de Pierre Bourdieu auxiliaram na análise, interpretação e discussão dos dados, como também, ajudou na construção de toda dissertação

no que tange o objeto de pesquisa, problemática do estudo, questões norteadoras, objetivos e passos metodológicos.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo histórico-social com abordagem qualitativa. O estudo histórico-social consiste em compreender os eventos investigados, descrevê-los e procurar as suas possíveis relações, integrando o individual com o social e valorizando as percepções pessoais. Este tipo de abordagem permite focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender a situação dos agentes envolvidos e, por seu intermédio, compreender o contexto. Nessa concepção, a história social pode trabalhar com um grupo profissional específico; no caso presente, o processo de implantação de uma escola por enfermeiras reconhecidas na sociedade da época (Barros, 2005).

O estudo qualitativo é baseado no paradigma naturalista, na realidade subjetiva, indutiva para que os resultados se encontrem por palavras e descrições narrativas, valorizando o que não pode ser quantificado (Driessnack, 2007). Especificamente, a união do estudo qualitativo com a abordagem Histórico-social é o cuidado de compreender os eventos pesquisados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, unindo o individual com o social (FREITAS, 2002). Ademais, o método histórico caracteriza-se como uma abordagem sistemática por meio de coleta de dados, organização e avaliação crítica dos dados e sua relação com o problema de pesquisa (Padilha, Borenstein, 2005).

3.2 RECORTE ESPACIAL

O recorte espacial é a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, cuja primeira sede foi localizada à Rua Carlos Seidl, nº 127, no bairro Caju Retiro (dentro do complexo de hospitais do Hospital São Sebastião). Na atualidade, a escola está localizada na Boulevard 28 de Setembro, nº 157, bairro Vila Isabel, Rio de Janeiro – RJ.

3.3 FONTES DE PESQUISA

Visando apreender o contexto histórico e social que permeia o objeto deste estudo, foi utilizado fontes diretas: documentos escritos e iconográficos/fotográficos; e fontes indiretas representadas pelas produções científicas relacionadas ao tema, localizadas em dissertações,

teses e artigos científicos. Cabe definir a diferença entre os tipos de fontes, sendo elas caracterizadas pela sua posição ou natureza em relação ao problema estudado. Com isso, fonte direta é tudo aquilo que teve contato direto com o fato ou responde o objeto de pesquisa diretamente, sendo essas analisadas e interpretadas pelo pesquisador; a fonte indireta já foi analisada por outros pesquisadores, já presente no meio científico como artigos, teses de doutorados e entre outros, sendo complementar ao objeto de pesquisa (Barros, 2012).

O universo documental desta pesquisa foi abalizado com fontes escritas e iconográficas/fotográficas sob a guarda do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery; do Centro de Memória Nalva Pereira Caldas da ENF/ UERJ; Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Digital, que faz parte da Fundação Biblioteca Nacional; Legislações do Diário Oficial; Rede Sirius Bibliotecas da UERJ; e nas bases de dados online. Assim, houve a necessidade de estabelecer um *corpus* documental, sendo definido como “o conjunto de fontes que serão submetidas à análise do historiador com vistas a lhe fornecer evidências, informações e materiais passíveis de interpretação historiográfica” (Barros, 2012, p. 413).

Assim, a construção do *corpus* documental seguiu regras e critérios, a saber: pertinência das fontes para responder os objetivos da pesquisa; suficiência das fontes a responder todas as dimensões do problema; exaustividade, obedecendo os critérios de elegibilidade da pesquisa e não excluir a fonte por limitação do pesquisador como tradução, tempo e compreensão do texto; representatividade, no qual foi possível ter uma amostra, mas representativo ao universo global; homogeneidade do conteúdo das fontes e de sua produção; e organização do corpus por setores, em escritas e iconográficas pois cada um possui uma forma distinta de tratamento e análise (Barros, 2012).

Com isso, se fez necessário a autorização da Direção da EEAN e da ENF/ UERJ, respectivamente, mediante a Carta de Anuência (APÊNDICE A e B), para ter o acesso aos dados a serem colhidos, sob a guarda do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery (CDOC/EEAN/UFRJ) e do Centro de Memória Nalva Pereira Caldas (CMNPC). E ao mesmo tempo, foi solicitada a autorização para que o nome da ENF/UERJ conste no relatório final, bem como em futuras publicações na forma de trabalhos científicos, como livros, capítulos de livros ou artigos científicos.

3.3.1 Fontes escritas

As fontes escritas colocam o pesquisador diretamente com o problema da pesquisa; também, por meio delas, pode-se analisar uma sociedade humana no tempo. É a fonte que dá acesso àqueles fatos históricos que se deseja reconstruir e interpretar (Barros, 2007). Eles evidenciam o passado do fato histórico no seu tempo e, portanto, propicia reflexões sobre a relação presente-passado (Padilha; Borenstein, 2005, p. 580).

As fontes escritas eleitas foram as que responderam ao objeto de pesquisa, abarcando tanto os antecedentes históricos como àquelas de acordo do recorte temporal, temática e agentes participantes do fenômeno estudado. Essa seleção totalizou que 88 documentos como demonstrado no Quadro 2 são: Decretos-Lei Nº 6.275, legislações, currículo e regimentos da Escola, ficha de inscrição, atas e livros de registro.

As fontes escritas foram localizadas no CDOC/EEAN/UFRJ, CMNPC e Hemeroteca Digital. As legislações e decretos como: o Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931, Decreto-Lei Nº 6.275, de 16 de fevereiro de 1944, Decreto nº 26.251, de 27 de janeiro de 1949 e a Lei Nº 775, de 6 de agosto de 1949 foram encontrados nas bases de dados *on-line* no diário oficial. Os critérios de exclusão não foram aplicados às fontes encontradas em bom estado de conservação, legíveis e assinados.

A coleta de dados ocorreu de 15 de maio a 30 de junho de 2023, com visitas semanais ao CMNPC, CDOC/EEAN/UFRJ e acessos virtuais aos acervos digitais. Os procedimentos para a coleta dos dados escritos físicas foram digitalizados, somando com os que estavam digitalizadas online. Após isso, foram relacionados em um quadro sintético para classificação dos documentos (ANEXO A), contendo o modelo de documento, descrição da temática do documento, local da realização do documento, localização atual do documento, data, autor, estado de conservação e observações (Aperibense, 2016).

Quadro 2 – Fontes escritas organizada por localização, título, mês e ano de produção

Localização	Título	Mês/ano
DOC/EEAN	Revisão de Registro de Nascimento de Zaira Cintra Vidal	Fevereiro 1929
	History Card	Maio de 1943
	Inscrição para Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de saúde pública – Zaira Cintra Vidal	março de 1924
	Histórico da Vida Escolar Zaira Cintra Vidal	1943
	Prefacio de livro feito por Rachel Haddock Lobo para o livro de professora Zaíra Cintra Vidal	06 de fevereiro de 1933

	Semana da Enfermagem – 3º dia	maio de 1940
	Solicitação dos serviços de Zaira Cintra Vidal	julho de 1941
	Ofício 738/43- Carta ao snr. Reitor, em resposta a solicitação o mesmo.	setembro de 1943
	Histórico da vida funcional de Zaira Cintra Vidal	1943
	Relatório dos Estudos feitos na América do Norte	1944
	Viagem de funcionário	1944
	Ata da 3ª sessão preparatória da 3ª reunião de diretoras	SETEMBRO DE 1944
	Ata da 4ª sessão da 3ª reunião de diretoras de escola de enfermagem	Setembro de 1944
	Ata da 5ª sessão da 3ª conferência de diretoras de escola de enfermagem	Setembro de 1944
	Ata da 6ª sessão da 3ª conferência de diretoras de escola de enfermagem	Setembro de 1944
	Ata da sessão inaugural da 4ª reunião de diretoras	Fevereiro de 1945
	Ata da 2ª reunião da 4ª conferência de diretoras de Escolas de enfermagem	Fevereiro de 1945
	Ata da 4ª reunião da 4ª conferência de diretoras	Fevereiro de 1945
	Ata da 5ª reunião da 4ª conferência de diretoras	Fevereiro de 1945
	Ata da 1ª reunião da 5ª conferência de diretoras	Julho de 1945
	Ata da 2ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri	Julho de 1945
	Ata da 3ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri	Julho de 1945
	Ata da 4ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri	Julho de 1945
	Ata da 5ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri	Julho de 1945
	Ata da 6ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri	Julho de 1945
	Ata da 1ª seção da 6ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri	Mai de 1946
	Livreto de divulgação e programação do 1º congresso Nacional de Enfermagem	Março de 1947
	Livreto de divulgação e programação do 2º congresso Nacional de Enfermagem	Julho de 1948
	Regulamentação da Enfermagem - Decreto nº 27 426, de 14 de novembro de 1949	Novembro de 1949
Centro de Memória Nalva Pereira Caldas	Certificado de comprovação de presidência da ABED	Julho de 1963
	Certificado de comprovação de serviços	Junho de 1988
	Convite de solenidade de recepção de touca	Dezembro de 1949
	Convite de formatura da turma pioneira	Agosto de 1951

	Fundamentos de uma Boa Escola de Enfermagem		1951
	Placa de inauguração da primeira sede		Junho de 1948
	Manual de Enfermagem - Técnicas de ataduras		1948 – 2ª edição
	Técnicas de enfermagem		1953 – 7ª edição
	Placa de inauguração da sede provisória da EERHL		1948
	Placa de sede provisória		1948
	Epítom Histórico da Escola de Enf. Rachel Haddock Lobo		1960
	Rumo Histórico da Escola de Enfermeiras “Raquel Haddock Lobo”		Outubro de 1961
	Hino da Enfermeira		--
	Hino da Escola de Enfermeiras Raquel Haddock Lobo		Janeiro de 1956
	Relatório sobre as atividades do estabelecimento no exercício de 1949 conforme portaria nº 105 do Diretor do Ensino Superior do Ministério de Educação		Janeiro de 1950
	Relatório sobre as atividades do estabelecimento no exercício de 1950 conforme portaria nº 105 do Diretor do Ensino Superior do Ministério de Educação		Setembro 1950
	Regimento interno da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo - Processo nº 23 513/50 - 173		1950
	Escola de Enfermagem corte transversal e visão fontal		Fevereiro de 1951
HEMEROTECA DIGITAL	Título da matéria	Jornal	Mês e ano
	O curso de samaritanas	A Manhã	Março de 1942
	Como transportar um soldado ferido	A Noite	Mai de 1942
	Curso de enfermagem no fluminense	A Noite	Setembro de 1942
	Inaugurado o curso de enfermagem dos serviços Hollerith	A Manhã	julho de 1942
	Cooperação da A.B.I. com a Legião	A Manhã	Outubro de 1942
	As novas enfermeiras do Posto 5, da Cruz Vermelha receberam seus diplomas	A Manhã	Março de 1943
	Viajantes	Diário de Notícias	Novembro de 1943
	Uma Escola de Enfermeiras em cada estado	A Noite	Dezembro de 1943
	Letras e arte	A Noite	
	Viajantes	Diário de Notícias	Março de 1944
	Uma escola de enfermagem, como a Ana Neri, para Porto Alegre	A Manhã	Novembro de 1944
	Avisos Fúnebres: Eugenia da Silva Cintra Vidal	Diário de Notícias	Fevereiro de 1945
5ª Conferência de Diretoras de Escolas de	Jornal do	Julho de 1945	

	Enfermagem	Brasil	
	Amando de Araujo Cintra Vidal (missa de 7º dia)	Jornal do Brasil	Novembro de 1945
	Viajantes	Diário de Notícias	Setembro de 1946
	Em Viagem as representantes do Brasil ao IX Congresso Internacional de Enfermagem	Jornal do Brasil	Maio de 1947
	Inaugurada a Escola de Enfermeiros da Prefeitura	Diário de Notícias	Junho de 1948
	Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo	Diário de Notícias	Fevereiro de 1949
	Curso de Enfermagem Oficial Gratuito	Diário de Notícias	Maio de 1949
	Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo Solenidade da entrega das toucas simbólicas	Diário de Notícias	Dezembro de 1949
	Matrículas na Escola de Enfermeiras “Rachel Haddock Lobo”	Diário de Notícias	Fevereiro de 1950
	Curso de enfermagem oficial Escola de enfermeiras “Raquel Haddock Lobo”	Diário de Notícias	Julho de 1950
	Homenagens- Professora Zaira Cintra Vidal	Diário de Notícias	Agosto de 1950
	Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lôbo Matrículas abertas	Diário de Notícias	Julho de 1951
	Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lôbo Colação grau, hoje, as novas enfermeiras	Diário de Notícias	Agosto de 1951
	O QUE É A ESCOLA DE ENFERMAGEM RACHEL HADDOCK LOBO - Aquele órgão da secretaria geral de saúde e assistência da PDF diplomou a sua primeira turma de enfermeiras – em visita àquele estabelecimento de ensino observamos a existência de um plano didático admirável	Jornal do Brasil	Agosto de 1951
Legislações do Diário Oficial	Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931 Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa, as condições para a equiparação das escolas de enfermagem		Junho de 1931
	Decreto-Lei Nº 6.275, de 16 de fevereiro de 1944 Cria na Prefeitura do Distrito Federal uma Escola de Enfermeiras, e dá outras providências		fevereiro de 1944
	Decreto nº 26.251, de 27 de janeiro de 1949 Concede equiparação à Escola de Enfermeiras Raquel Haddock Lôbo, do Distrito Federal		janeiro de 1949
	Lei Nº 775, de 6 de agosto de 1949 - Dispõe sobre ensino de enfermagem no País e dá outras providências.		agosto de 1949
Rede Sirius Bibliotecas da UERJ	Os caminhos da lembrança: Um olhar retrospectivo sobre a memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ – autora Nalva Pereira Caldas		1995

Fonte: próprio autor

A análise documental se caracteriza como uma investigação técnica, que reúne de forma unificada e sistematizada as informações contidas nos documentos (Iglesias e Gómes, 2004). Tal análise foi realizada levando-se em consideração: o contexto; o autor (a escrita no documento corresponde à pessoa ou ao grupo); a autenticidade e a confiabilidade do texto; a natureza; os conceitos-chaves e a lógica interna do texto (Sá-Silva, Almeida e Guindani, 2009). Com isso, “os documentos existem como evidências dos acontecimentos. Quem constrói os fatos é o historiador” (Padilha e Borenstein, 2005, p.579).

Os dados passaram por análise rigorosa do que é verdadeiro ou falso, para garantir a confiabilidade da pesquisa, e isso é chamado de crítica externa e interna. A crítica externa se refere ao questionamento da veracidade e natureza do documento, e a crítica interna está relacionada ao conteúdo (Padilha e Borenstein, 2005).

O uso de matérias jornalísticas e de fotojornalistas necessitou de um olhar diferenciado, por ser uma fonte histórica produzida de forma distintas das outras fontes supracitadas. Assim, o jornal pode ser nomeado como o local que faz a editoração de um produto, que também é chamado de jornal. Sendo esse, um papel que contém informações e, principalmente para o historiador, um meio de comunicação que passa ideias, valores e possuem interesses próprios, usando essas armas para influenciar o agir da sociedade (Barros, 2023).

Desta forma, a busca por fontes jornalísticas ocorreu na hemeroteca digital, com o recorte de toda a década de 1940 e o início da década de 1950. O termo utilizado para busca foi “ZAIRA CINTRA VIDAL”. Inicialmente o termo “ESCOLA DE ENFERMEIRAS RACHEL HADDOCK LOBO” foi utilizado, mas descartado ao perceber que possuía variações na escrita do nome da escola, mas em todas as matérias relacionado a EERHL havia o nome da diretora Zaira Cintra Vidal. Desta maneira o número de ocorrências aumentou, ficando apenas com uma estratégia de busca do nome da diretora.

Para analisar essas fontes jornalísticas, foi levado em consideração a polifonia, seções temáticas, conteúdo, periodicidade, materialidade, publicização, recepção (interação entre informação, discurso e seguimento dos leitores), meio de impressão, lugar de impressão, lugar de produção. Assim, o lugar de produção é igualmente importante que a fonte digitalizada e materializada em um jornal (Barros, 2023).

Assim, as fontes foram digitalizadas e organizadas por setores de forma sistematizada. A análise das fontes escritas se deu pela leitura exaustiva, levando em consideração as interpretações dos achados, emergiram as unidades de contexto. A partir de análise da unidade de contexto, localizando o acontecimento Histórico-social (implantação da EERHL) e no

contexto sociocultural. Assim, foi possível superar a mera descrição para o alcance do nível analítico (Cardoso, Vainfas, 1997). A unidade de contexto emergiu das lutas empreendidas pelas agentes sociais da EERHL, havendo a construção das categorias de percepção do mundo social, logo, reconstruindo a realidade social desse grupo de agentes. Com isso, “Essa ciência empenha-se em descobrir nas propriedades mais tipicamente formais dos discursos os efeitos das condições sociais de sua produção e de sua circulação”. Assim, levando em consideração todas suas censuras e formulação (Bourdieu, 2022, p. 129).

3.3.2 Fontes iconográficas e fotografias

As fontes iconográficas, incluídas as fotografias foram eleitas dentro do recorte temporal do estudo e em conformidade com a temática. Assim, foram analisadas dez fotografias, três fac-símile, um desenho e um broche, como demonstra o Quadro 3. Tais fontes são representativas no processo de implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. E foram localizadas no CMNPC e na Hemeroteca digital.

Os critérios de exclusão das fontes iconográficas e das fotografias foram relacionados ao estado de conservação. Não houve exclusão, por estarem ilegíveis ou incompreensíveis.

A iconografia faz parte de um ramo da história da arte que se propõe a lidar com tema ou mensagens das obras de arte. Assim, qualquer imagem, pintura, objeto, gestos podem ser analisados. Esse processo é feito pela análise do tema primário ou natural (identificação da forma, linhas, cores, material tec.); tema secundário ou convencional (composições e seus conceitos) e ao significado intrínseco ao conteúdo (entra a iconologia, a interpretação da produção com o seu tempo, o meio social, religioso e filosófico) (Panofsky, 1979).

Boris Kossoy (2009, p.113) define a fonte fotográfica como:

indiscutivelmente um meio de conhecimento do passado, mas não reúne em seu conteúdo o conhecimento definitivo dele. A imagem fotográfica pode e deve ser utilizada como fonte histórica. Deve-se, entretanto, ter em mente que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade, um e só um enfoque da realidade passada: *um aspecto determinado* (Kossoy, 2009, p.113).

As fontes iconográficas e as fotografias foram digitalizadas (frente e verso), organizadas e descritas, com o apoio de um instrumento para exame da fotografia (ANEXO B). Esse instrumento contempla: nível Contextual, nível Morfológico, nível Compositivo, nível Enunciativo.

A primeira etapa chamada de heurística consiste na localização das fotografias. Após, reúne-se informações para auxiliar na contextualização das fotografias, através de:

documentos escritos, iconográficos, orais e objetos ou um desses isoladamente pois, as fontes fotográficas não conseguem atingir sua finalidade se não for alimentada de informações escritas e iconográficas (Kossoy, 2009). Sendo esse processo feito juntamente com a coleta de fontes escritas.

Quadro 3 – Fontes fotográficas e iconográficas

Local	Descrição	Título da imagem	Ano
CMNPC	fac-símile	Técnicas de enfermagem	1953
	Fotografia	Seleção de candidatas	1948
	Fotografia	Inauguração da sede provisória da EERHL	1948
	Fotografia	Cerimônia de imposição da touca	1949
	Fotografia	O juramento de Florence Nightingale	1950
	Fotografia	Apresentação de História da Enfermagem	1949-1951
	fac-símile	Convite de formatura das pioneiras	1951
	Fotografia	Fotografia da festa de despedida das pioneiras	1951
	Fotografia	Formatura da turma pioneira e suas professoras	1951
	Desenho	Planejamento de uma sede definitiva	1951
	Fotografia	Festa de despedida das pioneiras	1951
	Broche	Broche com a insígnia da Escola	1951
	Fotografia	Segunda sede provisória da EERHL	1952
	Fotografia	Ritual da Passagem da lâmpada	1953
Hemeroteca Digital	fac-símile/ fotojornalismo	O que é a Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo	1951

Fonte: própria do autor

A análise das fotografias seguiu o modelo metodológico do teórico e pesquisador de fotografia, o brasileiro Boris Kossoy, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Para ele, o método, denominado construção e desmontagem da imagem fotográfica possuem duas dimensões complementares que são a análise iconográfica e a análise iconológica (Kossoy, 2009).

A análise iconográfica é o detalhamento sistematizado e de categorização, fornecendo o assunto principal e o que é visível da imagem, elucidando espaço e tempo. Já a iconologia é um método de interpretação dos significados intrínsecos, explanando o que não se pode ver diretamente na imagem. Diante do exposto, não é possível desassociar um do outro, sendo necessário a análise da iconografia, realidade exterior, para depois a interpretação da iconologia, realidade interior (Kossoy, 2009).

Em seguida foi feito o estudo técnico-iconográfico da fotografia. Vale ressaltar que a descrição é importante, pois, fornece elementos seguros para uma futura interpretação. Nesse processo, também se leva a crítica externa em consideração (Kossoy, 2009).

A iconologia, interpretação e manipulação da imagem começa com a identificação e descrição do autor da foto (fotógrafo), do cliente, do meio que a publicou e os seus receptores. A imagem pode ter múltiplas interpretações dependendo de quem a vê. Leva-se em conta sua cultura, os preconceitos, ideologias e desenvolvimento socioeconômico. Com isso, Kossoy (2009, p.122) diz que “Há de recuperar pacientemente particularidades daquele momento histórico retratado, pois uma imagem histórica não se basta em si mesma”.

A interpretação iconológica demandou uma imersão na cena da fotografia, de modo a articular os elementos visíveis da fotografia com o que é invisível, ou seja, analisar em torno do que se vê o que não se vê. E, como as imagens não trazem de imediato todas as informações históricas, o pesquisador precisou se informar de tudo o que se relacionou com a imagem fotográfica a ser analisada. Assim, foi realizado o levantamento das informações sobre o contexto histórico, social e cultural imbricados com a fotografia. Essa estratégia ainda confere validade e autenticidade ao estudo da imagem fotográfica. (Kossoy, 2009).

Ao final das etapas supracitadas, foi realizado a interpretação global do texto fotográfico, por meio da construção de uma síntese interpretativa que levou em consideração os significados pelos aspectos morfológicos da imagem (planos, linhas, etc.); a existência do aspecto enunciativo da fotografia, que engloba, atitude dos fotografados e seus atributos, expressão facial, entre outros; focalização do texto fotográfico, através do exame da articulação do ponto de vista e dos modos de representação do espaço e tempo; e relações intertextuais. Esse momento de síntese materializa o assunto retratado e o tempo imobilizado na fotografia estudada.

3.3.3 Fontes indiretas

Para as fontes indiretas foram selecionados livros, periódicos, teses de doutorado e dissertações de mestrado que versavam sobre as seguintes temáticas: contexto histórico e social brasileiro, no período da Ditadura do Estado Novo, Serviço Especial de Saúde Pública, Segunda Guerra Mundial; Governo de Eurico Gaspar Dutra; contexto histórico e social da enfermagem e educação em enfermagem brasileira; e traços biográficos de agentes sociais importante para Escola como de Zaira Cintra Vidal, disponíveis em Bibliotecas Setoriais de Universidades, no banco de teses de dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e nas bases de dados *on-line*.

3.4 TRIANGULAÇÃO DOS DADOS

Para confiabilidade e rigor metodológico foi utilizada a técnica de triangulação das fontes, que é o confronto das informações levantadas, tornando possível olhar para o mesmo acontecimento de diferentes fontes e suas informações foram confrontadas e complementadas. Assim, foi de extrema relevância na compreensão do problema desta pesquisa. Tal providência também contribuiu para um maior rigor metodológico e vigilância epistemológica, além de diminuir os vieses pessoais e metodológicos e amplia a generalização do estudo (Azevedo et al, 2013). Com isso, o estudo utilizou os documentos escritos e iconográficos para dar subsídios a responder à questão de pesquisa.

Assim, do ponto de vista teórico, os principais conceitos de Pierre Bourdieu e sua teoria do mundo social auxiliaram a expor o invisível, as lutas simbólicas empreendidas pelos agentes envolvidos na implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa seguiu as recomendações das Resoluções nº 466/2012 e 510/2016, do MS/Conselho Nacional de Saúde, que visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes de pesquisas, à comunidade científica e ao Estado (Brasil, 2012, 2016). Ainda de acordo com a referida resolução — e cumprindo o ritual protocolar — o projeto foi registrado na Plataforma Brasil e encaminhado para aprovação à Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Anna Nery/Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis/Universidade Federal do Rio de Janeiro (CEP-EEAN/HESFA/UFRJ). No qual teve aprovação no dia 13 de dezembro de 2022, sob o número de CAAE 64937022.7.0000.5238.

Para excluir os riscos envolvendo o ambiente virtual, relacionado ao vazamento de informações dos documentos, os dados não foram armazenados em plataformas online ou “nuvens”, pois foi adotado a o modelo de armazenamento em dispositivos de HD externo e guardados em local seguro. O computador foi protegido pelo Software antivírus McAfee.

Os benefícios desta pesquisa são: aumento das informações históricas para educação em enfermagem no país, em especial para a história da enfermagem e dos agentes envolvidos da UERJ.

CAPÍTULO 1 – A CONFORMAÇÃO DO JOGO DE FORÇAS E A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA DE ENFERMEIRAS RACHEL HADDOCK LOBO

O objetivo deste capítulo é descrever a conformação do jogo de forças que determinou a implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. A narrativa perpassa pelo contexto internacional e seus reflexos nas políticas nacionais, especialmente, no tocante as de educação e saúde. Neste capítulo, também, são apresentadas breve síntese biográficas de três enfermeiras e professoras Zaira Cintra Vidal, Safira Pereira Cardoso Machado e Guiomar Pereira Puppain que foram protagonistas na implantação da EERHL, com destaque para a Diretora Zaira C. Vidal.

Assim, este capítulo abarca em termos contextuais a conformação dos jogos de força durante os quinze anos de Vargas no poder, inicialmente como chefe provisório, depois, eleito por voto indireto e, por fim ditador; o governo de Eurico Gaspar Dutra apoiado, inicialmente, pelo antecessor; e a vitória de Getúlio Vargas em 1950 pelo voto popular e o início do seu mandato em 1951 (Fausto, 2019). Estas temáticas são relevantes para compreensão do contexto histórico e social do objeto desta pesquisa e das fontes históricas analisadas.

Desta maneira, de 1930 a 1951 houve mudanças políticas, sociais, na saúde, e na educação em enfermagem que possibilitaram a implantação de mais uma escola de enfermagem no DF. Como exemplo desse período ocorreu a Segunda Guerra Mundial, o crescimento da expansão das escolas de enfermagem na década de 1940, a Lei Nº 775, de 6 de agosto de 1949 que regulamentava o ensino de enfermagem no País e a incorporação de tecnologias no ambiente hospitalar havendo a expansão do quantitativo de hospitais na capital federal, elevando a demanda dos serviços qualificado das Enfermeiras.

Vale recuar no tempo e pontuar que, a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), deslindou a crise do capitalismo, pois, um modelo econômico que havia prometido riquezas e igualdade, entregou pobreza, desemprego e desesperanças. Essa crise econômica e social enfrentada por muitos países desencadeou o remodelamento das estruturas políticos, levando a uma crise na democracia liberal (Fausto, 2019).

Essa crise no panorama europeu desencadeou a ascensão dos movimentos autoritários e totalitários, durante as décadas de 1920, 1930 e 1940, principalmente com Benito Mussolini na Itália, Adolf Hitler na Alemanha e Josef Stálin na União Soviética. É nesse contexto que o Brasil, começa a flertar com esses regimes, culminando na Ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas (Fausto, 2019).

Já em 1933, quatro anos antes da instauração da Ditadura do Estado Novo, Vargas criou a Delegacia Especial de Segurança Política e Social. O chefe desse departamento, apoiado incondicionalmente por Vargas, era o capitão do Exército Filinto Muller que mantinha interlocução direta com a polícia secreta de Hitler. Nessa interação, havia compartilhamento de informações de técnicas e meios de interrogatórios, os quais eram aplicados àqueles que demonstrassem oposição ao regime vigente, por meio de torturas e assassinatos (Schwarcz e Starling 2018; Fausto, 2019).

O Estado Novo (1937 a 1945) com o perfil autoritário, possuía uma carta vigente com proximidade com a legislação da Itália fascista, com a centralização do executivo e liderança única. Entretanto não se tratava de um regime fascista, e sim algo criado na natureza brasileira sendo autoritária e conservadora, mas com o objetivo de modernizar trazendo uma identidade nacional. Essa modernização, afetou diversos campos da sociedade, como exemplo, a condição feminina e da população negra na sociedade, consolidação da cultura nacional, industrialização do país e os direitos trabalhistas. Graciliano Ramos afirmava que era “nosso pequenino fascismo tupinambá” (Schwarcz e Starling 2018, p.375).

Durante o Estado Novo os sindicatos eram cada vez mais dependentes do Estado. Não obstante, nesse período, houve a criação da Justiça do Trabalho e ampliação das legislações trabalhistas. Assim, em 1943, foi consolidada a -CLT. Entre os direitos estava a jornada de oito horas de trabalho, repouso semanal, férias anuais remuneradas e indenização por dispensa (Fausto, 2019).

Para melhorar a economia do país, uma estratégia foi a de substituir as importações por produtos internos e fortalecer uma indústria de base. Assim, a industrialização do país, foi apoiada pelos civis, militares e burguesia industrial. O reflexo desse movimento na educação, embora feita a reforma secundária pelo ministro Capanema, a maior preocupação foi centralizada no ensino industrial para formação de mão de obra mais qualificada para atuar nas indústrias e fábricas. (Fausto, 2019).

O Estado Novo para conseguir consentimento da população para pleitear sua existência, criou o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, para difundir suas ideologias. A DIP era diretamente ligada ao ditador e dirigido por um jornalista, Lourival Fontes, muito leal à Vargas e possuía atração pelo fascismo italiano (Schwarcz e Starling, 2018).

Esse Departamento, era bem estruturado e possuía ações na imprensa, radio, turismo, teatro, cinema, serviços auxiliares, ou seja, interferia em todas as áreas da comunicação e cultura do Brasil. Censurou formas de manifestações culturais e artísticas e trabalhou em

inculcar nos jornalistas, escritores, artistas, compositores uma forma de pensar coerente ao do Estado Novo (Schwarcz e Starling, 2018).

Nesse período, o samba, foi consolidado como uma produção cultural de raízes brasileira e o carnaval se tornou a maior festa popular do Brasil. No ano de 1942, o DIP exigiu que os sambas-enredos das escolas de samba fossem de temas nacionais e históricos, tornando o samba uma identidade nacional (Schwarcz e Starling 2018).

Em 1942, a DIP proibiu mais de 350 canções e 100 de rádio. Na época a rádio era um meio de comunicação de massa e possuía uma audiência crescente. Esse veículo de comunicação foi uma grande estratégia do governo para uni-lo com os trabalhadores e criar uma figura simbólica de Getúlio Vargas como o apoiador/pai dos brasileiros (Schwarcz e Starling 2018; Fausto, 2019).

O DIP dirigiu diretamente o programa diário de rádio “Hora do Brasil”, no qual foi um instrumento de produções de representações mentais da figura de Vargas. Esse programa popularizou a voz de Getúlio com discursos que aparentavam estar falando diretamente com o ouvinte, em 1942, os discursos vinham intercalado de humor e músicas boas da época. (Schwarcz e Starling 2018; Fausto, 2019).

A cultura foi uma peça importante para o jogo de forças do Estado Novo, ela foi utilizada para inculcar uma nacionalidade esplendorosa baseada na autenticidade da produção social da população e pelas misturas de diferentes regiões do país. Assim, nascendo uma identidade de ser brasileiro e começando a mestiçagem. A mistura das raças começou a ser incentivada e elogiada em diversos campos como na culinária, música, religião e dança. Na verdade, fazendo uma desafricanização, e virando motivo de orgulho para o país, seguindo até os dias atuais (Schwarcz e Starling 2018).

A feijoada é um exemplo desse processo de mestiçagem do Brasil. Esse prato culinário era fonte de alimentos dos “escravos”. Era composto de feijão preto, toucinho de porco, couve, arroz, farofa e laranja. Portanto, a mestiçagem era representada pela mistura do arroz branco (população branca) e feijão preto (população preta); acrescido do verde da couve e amarelo da laranja, presentes na bandeira do Brasil. O verde representando nossas matas e o amarelo o ouro.

Outros exemplos de descriminalização no Estado Novo foram a Capoeira e o Candomblé. Tudo isso, tornou o país mais original na diversidade cultural e religiosa. Assim, o projeto de mestiçaria gerou efeitos simbólicos com a demonstração de interesse da exportação para os americanos e europeus (Schwarcz e Starling 2018).

Todos os campos da sociedade eram válidos para impregnar as ideias do nacionalismo e de uma identidade brasileira. Como mais um exemplo, Nossa Senhora da Conceição Aparecida, popularmente chamada de Nossa Senhora Aparecida, que foi encontrada em 1717, por pescadores no Rio Parnaíba do Sul, devido ao desgaste da água, estava escurecida e, portanto, era mestiça como os brasileiros. Em 1930, a Igreja Católica, grande aliada a Getúlio Vargas, por meio do Papa XI, decreta em 16 de julho de 1930, Nossa Senhora Aparecida como a santa como padroeira do Brasil (Schwarcz e Starling 2018).

Em 1939, Carmen Miranda, portuguesa que emigrou para o Brasil antes de completar um ano de idade. A imagem amplamente divulgada da cantora que fazia sucesso nos palcos e cassinos brasileiros era a de uma baiana branca. Tal imagem, de certa forma divulgava a mestiçagem brasileira no círculo midiático da época, pois, Carmem Miranda, após atuar no filme *Sena Tropical* conquistou fama mundial e se tornou a atriz melhor paga de Hollywood. Além disso, Carmen estampava as revistas e a publicidade nos EUA. Era a “cara do brasil” porque expressava uma brasilidade generalista de brancos, negros e indígenas, celebrando uma cultura feliz e harmoniosa (Schwarcz e Starling 2018).

Outro exemplo, foi o movimento realizado pelos Estúdios Disney, ao buscar inspiração para suas novas produções no México, Brasil e Argentina. No qual, surgiu o filme *Alô Amigo* (1943) e *you já foi a Bahia?* (1945), essas produções tocavam canções brasileiras e exprimia uma identidade brasileira basilar no samba. O personagem criado no Rio de Janeiro, chamado “Zé Carioca” representava bem o mestiço que trabalhava de biscate e vivia sem dinheiro. Era um personagem livre, alegre, caloroso, folgado, craque de bola e samba. O filme projetou o país para o exterior e foi muito apreciado pela família Vargas (Schwarcz e Starling 2018).

Fica claro, que os EUA, antes mesmo de iniciar a Segunda Guerra Mundial, sabidamente das possibilidades futuras, já realizava ações para aumentar o círculo de segurança do país, isso incluía a América do Sul e principalmente a saliência territorial do Nordeste brasileiro. As questões políticas-ideológicas eclodiram em defesa das Américas na Conferência Pan-Americana. No lado econômico, possuía políticas conservadoras voltadas para matérias primas como borracha, minério de ferro, manganês etc., buscando o controle da aquisição desses materiais (Fausto, 2019).

Entre os anos de 1933-1945 no período da presidência do Franklin Roosevelt nos EUA, foi estabelecida a política de boa vizinhança com os países do continente americano, por meio de um discurso de solidariedade e panamericanismo. Os americanos forneceram

aparato militar, econômico, tecnológico e de saúde para os países das américas (Schwarcz e Starling 2018).

No jogo de forças das políticas externas, o Estado Novo possuiu seus (re)alinhamentos sendo apenas mais uma peça para as grandes nações. Com o declínio da Inglaterra e ascensão dos Estados Unidos da América (EUA) e, também, da Alemanha nazista o Brasil tratou de fazer negócios com quem desse a melhor proposta, valendo-se das rivalidades das potências mundiais (Fausto, 2019).

Com o início da Segunda Guerra Mundial, o bloqueio comercial da Inglaterra fez com que a Alemanha cortasse comércio com a América Latina. Isso deixou um vazio comercial, sendo a Alemanha uma das principais importadoras e exportadoras do Brasil, a época. Assim, o EUA surgiu com grande força para o Brasil e para toda América (Fausto, 2019).

O Brasil cada vez mais se aproximou da América do Norte e principalmente dos EUA, na tentativa de conseguir vantagens em diversos setores como políticos, econômico e sociais. Com a entrada dos EUA na Guerra, em 1941, Getúlio teve que assumir um posicionamento e um discurso com uma linguagem clara do panamericano. Mas isso, não era bem claro para os EUA, pois o Brasil peregrinou para conseguir apoio militar e equipamentos de guerra. Mesmo com a chegada da tropa americana no Nordeste, o clima ainda era ambíguo, um governo fascista e ditador, apoiando países democratas. (Fausto, 2019).

Em 1942, mesmo com a resistência das maiores forças militares brasileiras, como Eurico Gaspar Dutra e Góis Monteiro, o Brasil rompe sua relação com o Eixo Alemanha e seus apoiadores, Brasil e EUA assinaram um acordo político-militar, de forma secreta. Contudo, a certeza do posicionamento do Brasil na Guerra só ficou clara quando entre 5 e 17 de agosto cinco navios brasileiros são afundados por submarinos alemães (Fausto, 2019).

Desta maneira, o Brasil entra para guerra, com apoio popular, concretizando o seu apoio contra as forças fascistas na Europa com o envio da Força Expedicionária Brasileira – FEB em 30 de julho de 1944, com mais de 20 mil soldados enviados para combate na Itália, por iniciativa brasileira sem pressão das forças aliadas. Havia até resistência dos EUA e Inglaterra na incorporação das tropas brasileiras, por considerarem problemático integrar com sucesso a FEB (Fausto, 2019).

Os efeitos simbólicos da participação do Brasil na guerra foram de extrema importância para o questionamento dos brasileiros da situação em que viviam. Assim, pessoas importantes da oposição deram holofote para contradição do Brasil, ou seja, um governo ditador apoiar países democratas e ser conta regimes parecidos com o vivido pelos brasileiros (Schwarcz e Starling 2018; Fausto, 2019).

Em 1943, houve o manifesto dos mineiros e o surgimento de um grupo importante que foi a União Nacional dos Estudantes (UNE). Uma passeata realizada pelos estudantes de mãos dadas e panos brancos na boca, de alto valor simbólico com o que era vivido e experimentado na época. Mas a manifestação foi diluída rapidamente pela polícia havendo duas mortes e mais de vinte feridos, ocorrendo o aumento do clima de indignação. A Imprensa cada vez mais empenhada em conseguir burlar as regras, tornando claro o regime de Getúlio Vargas e o Fim do Estado Novo (Fausto, 2019).

Com as críticas dos jornais ao Estado Novo, as matérias já declaravam que a oposição já teria candidatos para concorrer à presidência da república. Assim, em 1945, Getúlio fixa na carta de 1937 um prazo de noventa dias para ocorrer a marcação das próximas eleições. Para candidatos havia Eduardo Gomes e o ministro da guerra general Eurico Gaspar Dutra. E Vargas declara a sua não candidatura (Fausto, 2019).

Em 1945, surge a União Democrática Nacional (UDN), Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que foram os três principais partidos políticos que iriam durar até o golpe militar de 1964. A UDN foi derivada dos partidos democratas estaduais, e de poucos grupos socialistas e de comunistas, adversário do Estado Novo. O PSD foi fundado pelo Estado e seus interventores. E por último, o PTB, fundado com forças de Getúlio Vargas, dos sindicatos e ministério do trabalho, com objetivo de reunir os trabalhadores das cidades com a bandeira getulista (Fausto, 2019).

As greves operárias, reprimidas no Estado Novo, começam a reaparecer. A mobilização se deu com o retorno da democracia. Nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial houve o agravamento da inflação. Mas, também, houve os “queremistas” ou “queremos Getúlio” que foi uma iniciativa promovida pelo círculo de trabalhadores aliados à Vargas e apoiados pelos comunistas. Esse grupo saiu as ruas querendo a instalação de uma Assembleia Nacional Constituinte, com o próprio Getúlio no poder, e posteriormente as eleições diretas com a candidatura de Vargas (Fausto, 2019).

Porém, houve a queda de Getúlio. O presidente do Supremo Tribunal, José Linhares, manteve o calendário das eleições para o dia 2 de dezembro. Ocorreu também a perseguição aos comunistas, com invasões a algumas sedes do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a nomeação de novos interventores de estado e prefeitos (Fausto, 2019).

As eleições para presidência estavam aparentemente vantajosas para o brigadeiro Eduardo Gomes. Nos comícios havia campanha do lenço branco, os quais eram acenados pela população. Por outro lado, a campanha de Dutra não havia entusiasmo. Às vésperas das

eleições, Vargas, declarou publicamente seu apoio à Dutra, ressaltando que ficaria do lado do povo caso ele não cumprisse com o prometido em sua candidatura (Fausto, 2019).

O processo eleitoral de 1945 foi marcado pela efervescência do povo ao ir votar depois de anos sem poderem realizar tal ação pelo governo ditatorial. Num período histórico que não havia pesquisa eleitoral a oposição ficou surpresa com a vitória de Eurico Gaspar Dutra. Porém, o maior vencedor das eleições foi do antigo ditador, que se elegeu ao senado em cinco Estados e Deputado Federal em nove, decidindo por ocupar o cargo de senador no Rio Grande do Sul. Dessa forma, essa eleição deixou claro o sucesso do incitamento do maquinário político do Estado Novo como produtor de votos, mesmo num regime democrático. Também se fez ver a força dos trabalhadores, o capital simbólico de Getúlio Vargas e o repúdio ao antigetulismo. (Fausto, 2019).

Em 18 de setembro foi promulgada a nova constituição brasileira e no final de janeiro de 1946 se deu a posse do presidente Dutra. Nessa constituição, o Brasil foi definido como uma República Federativa, determinando as atribuições da União, Estado e municípios. O poder executivo, legislativo e o judiciário foi estabelecido, sendo o poder executivo executado pelo presidente por cinco anos. O legislativo ficou sob responsabilidade do Congresso Nacional (composta pela câmara dos deputados e pelo senado). Foi fixado o quantitativo de três senadores por Estado e Distrito Federal, favorecendo os Estados com menor número populacional. Assim, o desenho desta constituição era liberal-democrático com o distanciamento da constituição de 1937 (Fausto, 2019).

No que se refere à cidadania e ao direito de votar, passou-se a ter direito e a obrigação, os brasileiros alfabetizados e maiores de dezoito anos, de ambos os sexos. A constituição de 1946 conferiu à mulher os mesmos direitos dos homens, diferenciando da constituição de 1934 que só permitia, ao voto, as mulheres que executavam funções públicas remuneradas. Por outro lado, o conservadorismo ligado à igreja permaneceu com a definição que a família constituída pelo casamento era irrompível (Fausto, 2019).

No que tange a organização dos trabalhadores, a nova constituição, exprimia o apego ao Estado Novo. De uma forma ambígua concedeu a liberdade sindical, mas com uma ideia de colaboração com o Estado. O direito a greve foi concedido com uma expressão de regularização no futuro, pela nova constituição. O decreto-lei 9.070 de março de 1946, regularizou a greve no país com tantos empecilhos para diversas classes trabalhadoras que por fim “só seria legal greve nas perfumarias” (Fausto, 2019, p.343).

O Partido Comunista do Brasil era o mais forte da América Latina, calculava-se que o partido possuía 200 mil militantes em todo país. Tanto assim, que nas eleições 1946, para

presidente do Brasil, conseguiu acumular 10% dos votos, e elegeram dezessete deputados e um senador e no Distrito Federal atingiu a maioria na câmara dos vereadores. (Schwarcz e Starling 2018; Fausto, 2019).

No cenário internacional, nos anos seguintes da Segunda Guerra Mundial, com o fim de grandes impérios, a reconstrução geográfica do mapa-múndi, a soberania dos Estados Unidos e a estabilização da Europa era ameaçada pela ocupação dos países do Leste Europeu, pela União Soviética. Assim, o clima era pessimista a respeito das intenções de Stálin e a paz mundial ficou em situação que chamaram de “Guerra Fria” (Schwarcz e Starling 2018; Fausto, 2019).

Com esse clima internacional, Dutra aparentava respeitar a constituição, mas quando o assunto era comunismo ou organização dos trabalhadores as regras do jogo eram ignoradas. Em maio de 1947, por uma denúncia dos deputados do PTB, o Supremo Tribunal Federal resolveu descontinuar o registro do Partido Comunista, vedando qualquer existência de partido contrários à democracia. Com o fechamento do PCB, houve intervenções nos sindicatos controladas pelos comunistas. No ano seguinte o Congresso Nacional determinou a cassação dos mandatos dos deputados, senadores e vereadores eleitos pelo PCB (Fausto, 2019). A inculcação do fantasma do comunismo nos agentes permitia a violência simbólica, de podar as organizações trabalhistas opostas ao governo.

No campo econômico, o presidente se mostrou pouco eficiente com sua política liberal. Com o aumento da inflação nos últimos anos de guerra, Dutra liberou as importações indiscriminadamente, queimou a reserva interna acumulada com as exportações na guerra, gerando a sobrecarga do mercado interno. Devido a este fracasso, em 1947 o governo realinha a legislação para importações, favorecendo a produção interna, embora o governo não tenha tomado providencias direta para o crescimento industrial do país. Neste mesmo ano passou a ser apurado o produto interno bruto (PIB), que envolve a produção agrícola e industrial do país, havendo o crescimento de 8% ao ano de 1948 – 1950 (Schwarcz e Starling 2018; Fausto, 2019).

Na tentativa de reparar a má gestão econômica no ano de 1948, foi anunciado o plano SALTE (Sigla criada a partir das iniciais de saúde, alimentação, transporte e energia elétrica), a fim de definir o direcionamento das finanças públicas para essas áreas da sociedade. A Lei nº 537, de 14 de dezembro de 1948, aprovou o orçamento geral da República para o exercício financeiro de 1949 (Brasil, 1948). Porém, foi a Lei nº 749, de 27 de junho de 1949, que discriminou as aplicações desse crédito global (Brasil, 1949), e, em 18 de maio de 1950, foi então sancionada a Lei nº 1102, que aprovou o Plano Salte e dispôs sobre sua execução

(Brasil, 1950). O plano pouco avançou e não trouxe grandes resultados com boa parte só ficando no papel (Schwarcz e Starling 2018).

Os partidos políticos, na metade do governo Dutra, já realizavam suas manobras e lançavam seus candidatos à sucessão do atual governo. O presidente Eurico não apoiou a candidatura de Vargas, alegando uma descontinuidade de suas ações. Já Vargas alegava a industrialização do país e ampliação da legislação trabalhista e bem-estar social. Em cada lugar do país mudava o seu discurso, no Rio de Janeiro onde havia a maior concentração de militantes comunistas, chegou a dizer que o povo juntamente a ele iria ficar no poder e subiriam juntos ao Palácio do Catete (Schwarcz e Starling 2018; Fausto, 2019).

Getúlio Vargas é eleito com 48,7% dos votos e toma posse no dia 31 janeiro de 1951 e retorna ao Palácio do Catete, por voto direto da população. Nesse momento os componentes das Forças Armadas não se inclinaram a terminar com o jogo democrático, mas deixava claro o quanto a democracia brasileira dependia do pleito militar para sua continuidade (Fausto, 2019).

A inflação que havia baixado nos anos pós-guerra, voltara a subir novamente de forma acelerada e potencializada com a guerra das Coreias. Dessa forma, Getúlio ficou num campo contraditório, pois, de um lado não podia deixar de ouvir os trabalhadores e por outro lado tomava decisões antipopulares para tentar controlar a inflação (Fausto, 2019).

No comício de 1º de maio de 1951, Getúlio incentivou a organização sindical dos trabalhadores e aboliu o “atestado de ideologia” para participar dos sindicatos. No final desse ano, reafirma sua proposta de governo e independência do país pelo desenvolvimento econômico com autonomia na produção do petróleo, com a criação da Petrobras. A demanda por esse produto era a maior importação do país. Mas, sua relação próxima com os trabalhadores e o retorno a liberdade de direito, em 1953, o Brasil é tomado pelas greves trabalhistas (Fausto, 2019).

Com tudo que foi exposto, podemos notar que a história política brasileira é complexa e cheia de nuances. No período em estudo, o país passou por instabilidades políticas/democráticas e econômicas; o fascismo tupinambá; pensamentos ideológicos diversos; transição de um modelo agrário e para um início de um modelo industrial; a mulher conseguiu direitos trabalhistas e de votar, mas, a Igreja continuava a reafirmar o patriarcado; a transição de poder dos tenentes para os militares e a importância que eles possuíam para manutenção de determinado regime. Todos esses movimentos, acontecimentos e transformações refletiram nas questões de gênero, raça, classe, cultura, saúde e enfermagem.

As forças em jogo no campo da saúde

Na República Velha e até mesmo na década de 1930, observa-se as ações de saúde voltadas para interesses econômicos, com o aumento nos investimentos do país, bem como a atração de imigrantes para trabalhar nas lavouras de café. Um importante marco foi o movimento sanitário e toda representação política e simbólica na construção de uma nacionalidade brasileira, principalmente relacionado a criação de agências e políticas governamentais para saúde pública, a reforma dos serviços sanitários, possibilitando a presença do serviço federal nos Estados que posteriormente foi espaço de ações centralizadoras, de expansão da autoridade pública, construção de um estado nacional e da criação e consolidação da Enfermagem Moderna no país (Campos, 2006).

No âmbito internacional um órgão muito importante para saúde era a Divisão Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller, e no Brasil houve grande atuação dos representantes da Fundação Rockefeller, principalmente na implementação e institucionalização de políticas sanitárias, formação de profissionais qualificados, combate a determinadas doenças e parcerias entre os Estados brasileiros (Campos, 2006).

Em 1930, Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e da Saúde Pública (MESP), e concedeu a pasta a Washington Pires para estruturar esse novo ministério num período turbulento durante o Governo Provisório. No ano de 1934, Gustavo Capanema assume tal função e permaneceu até o final da ditadura do Estado Novo (Quadros e Machado, 2013).

A primeira reforma de Capanema demorou mais de dois anos para ser aprovada e foi no ano de 1937, que estabeleceu modificações na educação e na saúde, incluindo o nome do MESP para Ministério da Educação e Saúde - MES e o órgão de administração especial da saúde, que era o Departamento Nacional de Saúde -DNS (Campos, 2006).

A segunda reforma durou menos de um mês para aprovação no ano de 1941, foi ela que guiou as políticas de saúde pública brasileira e que pouco modificou até os anos de 1956. Essas reformas desencadearam a centralização, profissionalização e normatização das políticas de saúde pública. O Estado passou a ocupar territórios antes controlados pelas oligarquias locais. Desta maneira, o maquinário do Estado inculcava a nacionalidade defendida por Vargas através dos serviços de saúde e educação (Campos, 2006).

Em 1934, o DNS, determinou o modelo dos centros de saúde e em 1942 já havia 552 unidades pelo Brasil e era executado pelo departamento de cada estado e supervisionados pelo DNS. Dessas unidades 54 eram centro de saúde, 194 postos e 340 subpostos. Um modelo centralizador que era descendente do Estado para sociedade. Essa característica era oposta do

desenvolvimento da saúde americana que era mais horizontal e se desenvolveu crescente. Esse tipo de modelo favorecia o poder público e foi motivo de desafio para as intervenções americanas na saúde brasileira (Campos, 2006).

Outro órgão importante que investiu esforços na saúde nos países latino-americanos foi o Instituto de Assuntos Interamericanos (IAIA), no qual, possui indícios, que essa agência foi pensada pela Rockefeller na proposta de defender os interesses americanos. Surge num contexto de uma notória aproximação dos países latinos que faziam comercio com a Alemanha nazista (Campos, 2006).

Como relatado anteriormente, os EUA, acreditavam que os seus interesses estariam mais preservados com a cooperação dos países da América e começaram a realizar esforços na compra de matérias agrícolas, além das matérias primas de guerra, para suprir a falta do comercio com a Alemanha. Outra ação foi ajudar no desenvolvimento econômico para que esses países fossem futuros compradores das tecnologias produzida pelos americanos (Campos, 2006; Fausto, 2019).

No contexto da saúde, algo que merece destaque foi a criação em 1942 do Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp), como uma agência bilateral entre o Brasil e os EUA. Essa agência especial foi gerada num contexto de Segunda Guerra Mundial e seria algo temporário voltado para políticas sanitárias em áreas específicas e estratégicas como na Amazonia com produção de borracha; o vale do Rio Doce com a produção de minerais; e o Nordeste por ser próximo a Europa e local que permanecia os soldados americanos. Todas essas ações estavam de acordo com as ideias políticas e ideologias do Estado Novo e o plano do Ministro Gustavo Capanema com a interiorização da saúde e do poder de Vargas (Campos, 2006).

No pós-guerra a IAIA passa por instabilidades importantes, sua existência foi muito questionada. Com isso, sua permanência foi defendida pelo aumento de compra de matérias dos EUA para realização de saneamento e pelo argumento da Fundação Rockefeller pelo avanço do conhecimento em saúde pública que passava a ser defendida num contexto de saúde internacional, principalmente com a possibilidade da chegada das doenças tropicais como a febre amarela nos EUA. Assim, sua concepção fica mais consolidada no ano de 1947, principalmente para demarcar a superioridade americana no período de Guerra Fria (Campos, 2006).

A permanência do Sesp no Brasil no cenário pós-guerra, foi importante para o contexto de Guerra Fria, tornando-se um instrumento de poder e acúmulo de capital simbólico de superioridade e dos países capitalistas, em especial os norte-americanos, ou seja, a saúde como um instrumento de propaganda política contra o comunismo. Assim, a agência

empreendeu esforços na área da saúde com políticas sanitárias, de água e esgoto no interior brasileiro; fomentou e administrou escolas de enfermagem; construiu centros de saúde e hospitais, formou profissionais qualificadas, entre outras ações, as quais se coadunavam com a saúde pública da época. Contudo, ficou claro a diminuição dos investimentos dos americanos ao Brasil com o final da Segunda Guerra Mundial (Campos, 2006).

O Sesp era financiado pelos EUA e pelo Brasil e este serviço elaborava suas políticas conjuntamente IAIA, que era responsável pelo financiamento do Sesp na parte dos EUA. Nos dois primeiros anos predominava o financiamento dos EUA, sendo aproximadamente 80% e os 20% contribuição do Brasil. Nos anos seguintes essa característica muda bruscamente com predominância do financiamento pelo governo brasileiro, até julho de 1952 o Brasil contribuía com mais de 90%. Ainda assim, o Sesp possui autonomia dentro do MES e suas ações de saúde eram parecidos com o DNS, afinal os dois partilhavam de fóruns internacionais de saúde e estavam alinhados com o conhecimento no campo da saúde, sem embargo o que divergia era as questões políticas e ideológicas (Campos, 2006).

No Sesp havia um projeto de “modernização” da saúde pública no Brasil, que era basilar à qualificação e capacitação de profissionais da saúde; educação sanitária; constituição de uma rede horizontal integrada e permanente de unidade de saúde; e difundir essa rede para os estados brasileiros. As unidades sanitárias poderiam ser postos de saúde, hospital, centro de saúde, ou unidade mistas, essas unidades seriam criadas e administradas pelo Sesp e quando consolidadas seriam entregues a administração dos estados brasileiros. Essa modernização na saúde pública era inspirada na administração sanitária norte-americana (Campos, 2006).

Um grande empecilho para o crescimento e modernização do sistema de saúde era a falta de profissionais capacitados e especializados. O presidente da IAIA no Brasil, o médico Eugene Campbell, chegou a dizer que era quase inexistente no Brasil enfermeiras e engenheiros sanitários como os dos EUA. Uma das primeiras estratégias adotadas pelo Sesp foi de conceder bolsas de estudo de graduação e pós-graduação, estágios em ambiente hospitalar e laboratórios nos Estados Unidos. De 1942 a 1949 o número de profissionais latino-americanos treinados em saúde pública nos EUA foi de 681, sendo 201 brasileiros dentre eles 30 eram enfermeiras (Campos, 2006).

A IAIA contribuía com livros para as faculdades de medicina. Em 1944 os médicos e engenheiros passaram a ser treinados no Rio e São Paulo, já as enfermeiras eram enviadas para capitais para administrar novas Escolas de Enfermagem. A política de qualificação não era restrita para o nível superior universitário, o nível médio e primário era capacitado para enfermagem auxiliar e visitadoras sanitárias, guardas sanitários e técnicos de laboratório.

Programas de enfermeiras auxiliares para hospitais e visitadoras, em 1943 foram criados de forma emergencial e tempo de duração de seis meses na região amazônica e do Rio Doce (Campos, 2006).

A busca por uma solução na falta de profissionais de enfermagem possui seu reflexo na reforma de 1937 e com a realização de vários cursos promovido pelo DNS para visitadoras. No ano seguinte 12 enfermeiras percorreram capitais do Brasil para realizarem cursos de visitadoras. Porém, era evidente que necessitava de investimentos para construção de novas escolas de enfermagem. Pela avaliação da IAIA, a falta de enfermeiras profissionais era um grave problema para modernização e avanço do serviço de saúde na América Latina. Essa Agência possuía a ambição de padronizar a enfermagem Ocidental, endossado também pela Associação dos Hospitais Católicos (Campos, 2006).

A Enfermagem no Sesp começou em agosto de 1942, com aprovação do projeto “Mais Enfermeiras”, pela IAIA. Outras instituições apoiaram o programa como as fundações Rockefeller e Kellogg e a Associação de Hospitais Católicos. No ano seguinte o Escritório americano realizou um relatório do ensino de enfermagem na América Latina e detectou uma calamidade e que não possuía soluções simples para situação diagnosticada, sendo alguns países com uma ou duas escolas profissionais e no Brasil, não era diferente, com pouquíssimas escolas equiparada com o padrão Anna Nery, que era similar ao modelo norte-americano. Estimava que no Brasil até o início da década de 1940 existiam de 500 a 700 enfermeiras diplomadas, valores inexpressivos para o plano de expansão e modernização da saúde (Campos, 2006).

Após o relatório da situação da Enfermagem na América-Latina, a IAIA envia ao Brasil a Enfermeira Elizabeth Tennant, que pertencia ao Conselho Internacional da Fundação Rockefeller. Sua missão era realizar uma avaliação da enfermagem brasileira, que doravante tornou-se o Relatório Tennant. Nesse relatório, ela sugeriu ao MES a supervisão das escolas de enfermagem a serem criadas no país, e que o Sesp iria se responsabilizar em organizar as quatro primeiras escolas de enfermagem criada a partir de então, sendo uma escola para o Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Belém (Campos, 2006).

Desse modo, surge o Programa de Enfermagem do Sesp, sendo administrado por enfermeiras americanas até 1951, quando é assumido por Enfermeira brasileira. Tal programa possuía a intenção de formar enfermeiras de nível superior e auxiliares para os próprios serviços do Sesp e para colaborar com o plano da reforma de 1937, coadunando com o avanço e modernização da saúde no Brasil e interiorização e centralização do poder de Vargas (Campos, 2006).

O planejamento do Programa de Enfermagem do Sesp era de reorganizar escolas já existentes no Distrito Federal, e depois nas outras regiões; o Sesp forneceria cursos superiores, com apoio da Fundação Rockefeller; bolsas de estudos de graduação e pós-graduação nos Estados Unidos, fomentado pela Fundação Kellog, enquanto o Sesp forneceria bolsas para escolas brasileiras; e por último a formação de curta duração para visitadoras sanitárias e enfermeiras práticas, principalmente voltada para o região amazônica (Campos, 2006).

Outras questões que merecem ser ressaltadas é o avanço biomédico das décadas de 1940 e de 1950, principalmente no pós-guerra. Antes desse período só existiam duas vacinas com eficácia que era a da varíola e da difteria. A doença que eram tratadas com drogas era a malária, sífilis e a doença do sono. Com o avanço foi criada as sulfas, a penicilina, os antibióticos, a vacina para febre amarela e com o DDT parecia ser possível combater os vetores das doenças, principalmente o vetor da malária. Isso tudo, acarretou num otimismo para os sanitaristas e a visão da ciência e das tecnologias aliadas para combater as doenças e acarretar o progresso e desenvolvimento da nação (Campos, 2006).

Nesse clima otimista, a conferência Internacional de São Francisco aprovou em 1945 a criação da Organização das Nações Unidas em 1945, que já havia deliberado por uma criação de uma organização de saúde. Assim, fundou-se, em 1948, a Organização Mundial da Saúde (OMS), que passou a ser o órgão mais importante de saúde do mundo da época (Campos, 2006).

O Panorama da Educação em Enfermagem: da Proclamação da República a criação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo

O Hospital Pedro II (HP II), criado no ano de 1841, anexo a Santa Casa da Misericórdia (SCM), localizado no Rio de Janeiro, passou a funcionar no ano de 1852, sob o comando da Igreja Católica por intermédio da Irmandade da Misericórdia, da Congregação das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Estas irmãs que atuavam como enfermeiras eram procedentes da França. Nesse contexto, predominava o discurso religioso, caritativo e filantrópico da SCM, pois as irmãs de caridade estavam ali para disciplinar a favor da Igreja e não dos médicos e do saber científico. O regimento interno respaldava as irmãs de caridade no mesmo patamar hierárquico do que o médico diretor do serviço sanitário (Peres, et al 2011; Santo, Oguisso, Fonseca, 2011)

A criação de cátedra na área de *moléstia mentais* tornou possível o acúmulo de capital científico na área da psiquiatria médica e possibilitou angariar espaços e exercer poder no HPII, antes administrado pela igreja. A mudança sociopolítica do Brasil, com a Proclamação da República, fez com que o pensamento positivista e de valorização do saber médico ficasse em evidência. Isso refletiu com o Decreto nº142, de 11 de janeiro de 1890, que desvinculou o HPII da Santa Casa de Misericórdia e foi renomeado para Hospício Nacional de Alienados (HNA), pois não fazia mais sentido a homenagem ao antigo imperador (Peres, et al 2011; Santo, Oguisso, Fonseca, 2011)

A mudança administrativa do HNA, ou seja, a saída da Igreja e entrada do governo, o médico João Carlos Teixeira Brandão assume a direção e começa a retirar o poder das irmãs na parte administrativa e na ala masculina, com a contratação de enfermeiros leigos e não religiosos. Assim, o vínculo dessas irmãs logo foi descontinuado e surge a necessidade de enfermagem compatível com o novo modelo centralizador ao médico (Peres, et al 2011)

Assim, para atender a nova demanda de recursos humanos são contratados enfermeiras e auxiliares de enfermagem formadas na França. E em 1890, foi criada a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras (EPEEs) do Hospital Nacional de Alienados, atual Escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (EEAP/UNIRIO), sendo a primeira tentativa de sistematização do ensino de enfermagem no país (Santo, Oguisso, Fonseca, 2011).

Assim, a EPEEs, anexada ao HNE que havia enfermeiras formadas em Salpêtrière, foi fortemente influenciada pelo modelo bournevilleano. A Escola de Salpêtrière, veementemente influenciada pelo modelo de enfermagem do médico Bourneville, que criou instituições para o ensino leigo e escreveu um manual de formação de enfermeiras, no qual se tornou uma referência para escolas influenciadas pelo modelo bournevilleano. Esse modelo de enfermagem francesa era dirigido por médicos, com uma grande delimitação do papel da enfermeira cumpridora das tarefas (Santo, Oguisso, Fonseca, 2011).

A EPEEs, preservava as características de cuidadora e devota, como intrínseco ao papel feminino e do *habitus* religiosos e de gênero, mas perdendo o seu poder de estar vinculada a igreja, passando a sofrer a hierarquização da subalternidade do trabalho da enfermeira perante a hegemonia médica (Santo, Oguisso, Fonseca, 2011; Bourdieu, 2022).

Com a expansão do café em São Paulo entre 1800 e 1890 a cidade passa da décima a segunda colocada em número de habitantes no Brasil. No início do século XIX a cidade havia crescido e surgido novos bairros, estava enriquecendo e atraindo comércio, fazendeiros e mão

de obra. Assim, esse processo de urbanização desenfreada gerou problemas sanitários e no contexto de saúde pública (Mott, 1999).

Em São Paulo, em 1892, é criada a Escola de Enfermeiras do Hospital Samaritano, na cidade de São Paulo. Possuía o Modelo Nightingale, de origem inglesa, no qual a escola era anexada ao hospital, dirigida por enfermeiras, aulas ministradas por médicos do hospital e enfermeiras, possuía a duração de três anos, em regime de internato e era apenas para as moças. As candidatas escreviam ao hospital mostrando sua intenção, e precisavam falar inglês, passando por um período probatório de constante supervisão da diretora (Mott, 1999; Oguisso, Campos, Moreira, 2011). Até o ano de 1905 formou 5 enfermeiras, desempenhando pouca influência na sociedade (Peres, Brandão, 2021).

Em São Paulo houve iniciativas de criação de cursos de enfermagem sem sucesso e que não saíram do planejamento com: o Decreto n. 412, em 1896, que dava providências para o funcionamento de um curso de enfermagem, no Hospital de Isolamento; e a outra iniciativa, em 1906, foi pela Congregação de Farmácia, com o intuito de criar uma Escola da Enfermagem, mas, também, sem sucesso (Porto e Amorim, 2010).

Outras iniciativas, duraram pouco tempo, como: a Escola de Enfermeiras da Santa Casa da Misericórdia, que funcionou do ano de 1912 a 1917; Na Maternidade São Paulo, de 1908 a 1913, com o ensino voltado para obstetrícia.

A Cruz Vermelha Internacional, criada no início do século XIX, na Suíça, desempenhou papel importante a doentes e feridos, no qual, angariou espaço e reconhecimento na área da saúde. No Brasil, chegou no final do ano de 1908, na cidade do Rio de Janeiro, sendo o seu primeiro presidente o médico Oswaldo Cruz, e reconhecida pela Cruz Vermelha Internacional em 1912. (Porto, Campos, Oguisso, 2009).

Nesse mesmo ano, foi criada uma filial em São Paulo, ampliando o seu espaço territorial nas duas maiores cidades do Brasil (Porto, Campos, Oguisso, 2009). Nessa filial foi criada a Escola da Cruz Vermelha Brasileira, pela médica Maria Rennotte, alguns autores relatam o ano de 1912, (Mott e Tsunehiro, 2002; Porto e Amorim, 2010; Oguisso, Campos, Moreira, 2011) e outro o ano de 1914 (Baptista, 1997; Carrijo, Leite, 2011).

No Rio de Janeiro, em 1912, a Cruz Vermelha Brasileira oferta o curso de Damas da Cruz Vermelha Brasileira. Em 1914, passa a oferecer o curso de enfermeiras voluntárias, que era para pessoas do sexo feminino, em especial, alunas provenientes da elite, sendo uma das alunas Edith de Magalhães Fraenkel. Esse curso destinava a formar voluntárias, com duração de um ano, havia aulas teóricas de higiene, anatomia, fisiologia, vacinação, epidemias,

rouparia, cozinha, moléstias e práticas nos serviços de atuação da Cruz Vermelha (Mott e Tsunechiro, 2002; Porto e Amorim, 2010).

Em 1916, foi criada a Escola Prática de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, com o curso de Enfermeiras Profissionais. O objetivo de formar enfermeiras profissionais para trabalhar nos hospitais e no domicílio, era para moças com a idade de 18 a 35 anos, de classe social mais baixa, mas deveriam apresentar atestado de boa conduta e de ausência de moléstias contagiosas e a candidata passava por exames de português e aritmética. Era ofertado de forma gratuita e possuía a duração de dois anos de aulas teóricas com médicos, exceto economia doméstica. O primeiro ano era voltado para clínica médica e o segundo ano para clínica cirúrgica, materno-infantil, administração hospitalar e economia doméstica. As aulas práticas eram na Santa Casa de Misericórdia, dispensário da Cruz Vermelha, maternidade de laranjeiras e entre outro. (Mott e Tsunechiro, 2002; Porto e Amorim, 2010).

Na mesma cidade, em 1917, a Policlínica Botafogo passou a ofertar o curso de enfermagem, patrocinado por médicos que funcionou por alguns anos (Mott e Tsunechiro, 2002; Oguisso, Campos, Moreira, 2011). Até o ano de 1920, formou duas turmas (Porto e Amorim, 2010). O uniforme utilizado pela escola, aponta a inspiração do modelo de ensino da Cruz Vermelha (Souza et al., 2019). Em período de Primeira Guerra Mundial e gripe espanhola, a Cruz Vermelha, ganhou poder simbólico perante toda sociedade (Porto, Campos, Oguisso, 2009).

O modelo de Enfermeira da Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha era estampado pelos uniformes das escolas existente no Distrito Federal. O véu com uma cruz era comum entre as escolas a cruz vermelha e do curso da Policlínica de Botafogo. A EPEEs usava o gorro, mas com a cruz. O que as diferenciavam era a coloração da cruz, sendo ela vermelha, verde e azul respectivamente (Souza et al., 2019; Gonçalves et al, 2023).

Em 1920, houve duas criações de cursos de enfermagem no Rio de Janeiro. A primeira foi anunciada pela mídia o curso de enfermeiros do Posto Central de Assistência e sua organização se deu por médicos. E o outro curso proveniente da Escola de Enfermeiras Municipais, organizada pela diretoria de assistência, sendo o diretor o Dr. Lafayette de Souza e o corpo docente, também, formado de médicos (Porto e Amorim, 2010).

Em 1921, foi aprovado o Regulamento do Serviço de Saúde do Exército, que criou a Escola de Formação Sanitária Divisionárias, diretamente subordinado a Diretoria de Saúde de Guerra. Tal escola possuía o objetivo de formar enfermeiros e outros serviços que se enquadrassem na saúde e desempenhassem um papel subalterno ao médico. A escola era para pessoas do sexo masculino, o ensino era por médicos e os estágios nos hospitais militares.

Com as possibilidades das menores patentes para os enfermeiros formados por essa escola, deixava claro a submissão da profissão (Baptista, 1997).

Os médicos brasileiros passaram a serem reconhecidos na área de doenças tropicais, principalmente pelo combate à febre amarela, protagonizada por Oswaldo Cruz, no final da primeira década do século XX. E o médico sanitarista Carlos Chagas, conhecido internacionalmente pela sua descoberta da doença de Chagas, que possui o seu nome. Assim esses dois médicos foram importantes no combate a epidemias e na melhoria da condição de saúde da população brasileira em suas épocas (Peters, Peres e D'antonio, 2020).

Em 1916, a Fundação Rockefeller enviou uma missão médica ao Brasil, em ambiente rural para tratarem doenças endêmicas como a doença de Chagas, malária, ancilostomose. Assim, havendo a troca de os EUA poder realizar pesquisas, compras agrícolas e grade território com quase toda América Latina; e para o Brasil os benefícios na saúde foram inúmeros, como exemplo, a formação de mão de obra qualificada em diversas áreas da saúde (Peters, Peres e D'antonio, 2020).

O acúmulo das demandas de saúde com a Febre Amarela na virada do século, Grande Primeira Guerra, a Gripe Espanhola, as mudanças de conformação populacional dos centros urbanos, a exposição da mídia com a precariedade do interior do Brasil e o estopim com a morte do presidente Francisco de Paula Rodrigues Alves, fez com que ocorresse o movimento *pró-saneamento do Brasil*. Tal movimento contava com participação de médicos, cientistas, sanitaristas, jornalistas e políticos que pressionaram o governo a uma maior organização dos serviços de saúde, maior participação do Estado e maiores ações de combate a doenças (Santos, et al., 2011).

Epitácio Pessoa (1918-1922), o então presidente da república, criou o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), em 1920. Como chefe do Departamento foi nomeado o médico, sanitarista, Carlos Chagas (1920-1924) consolidando a ascensão médica-sanitarista na decisão sanitárias no país (Santos, et al., 2011).

Para uma maior capilarização dos serviços sanitários, o DNSP investiu-se nas visitadoras de enfermagem, que eram mulheres que trabalhavam em asilos e levavam para população medidas profiláticas vigente da época. Elas realizavam serviços em instituições públicas de prevenção de doenças; assistência a crianças ao adulto; vacinações; e orientações profiláticas, de alimentação e higiene (Peters, Peres e D'antonio, 2020).

Mas a estratégia das visitadoras se mostrou insuficiente para os planos de Carlos Chagas. Assim, a Fundação Rockefeller, convidou Chagas para os EUA, onde pode visitar os serviços de saúde do Texas, Nova York e Pensilvânia. Desta maneira, surge o interesse de

trazer a enfermagem americana ao Brasil para colaborar com a reforma sanitária. Com ajuda da FR, a junta Internacional de Saúde estabeleceu a Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, conhecida pelos historiadores da Enfermagem de “Missão Parsons” (Santos, et al., 2011; Peters, Peres e D’antonio, 2020).

A Missão Parsons, foi comandada por Ethel Parsons, que possui uma grande trajetória na saúde pública, foi enfermeira da Cruz Vermelha e esteve em missão com a Fundação Rockefeller no México. Quando foi chamada para missão brasileira, ocupava o cargo de Diretora no Departamento de Higiene Infantil em Austin, no Texas. Foi contratada pela FR para chefiar a Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, cuja objetivo era de organizar o Serviço de Enfermagem do DNSP e criar uma escola de enfermagem com estrutura e método de ensino norte-americana (Peters, Peres e D’antonio, 2020).

Parsons, ao chegar no Brasil, em 1921, tratou-se de realizar uma avaliação da situação da enfermagem no país, e constatou que não havia enfermeiras ou serviço de enfermagem nos padrões das enfermeiras dos Estados Unidos. Ou seja, não possuía o método de ensino anglo-americano de enfermagem no Brasil, e nem o modelo de saúde pública. Com esse diagnóstico situacional, a enfermeira norte-americana, comunica a FR que as instituições estavam em padrões mínimos de ensino anglo-saxão e que o Rio de Janeiro possuía Grande hospitais, mas superlotados. Ela relatou, também, que a enfermagem era desenvolvida por pessoas de ambos os sexos e despreparadas (Santos, et al., 2011; Peters, Peres e D’antonio, 2020).

A Missão Parsons, durou de 1921 a 1931, incluindo mais 33 enfermeiras de origem norte-americana. Parsons ocupava o cargo de Superintendente do Serviço de Enfermagem do DNSP. Assim, utilizou de duas grandes estratégias para posicionar a enfermagem em jogo. A primeira foi a supervisão obrigatória das visitadoras sanitárias por enfermeiras norte-americanas. E a segunda a criação de uma escola de enfermagem no modelo anglo-americano (Santos, et al., 2011; Peters, Peres e D’antonio, 2020).

Clara Louise Kieninger, enfermeira convidada por Ethel Parsons, para organizar a nova escola de enfermagem e ocupar o cargo de Diretora. Ela possuía experiência hospitalar e passou a ser chefe do serviço de enfermagem do Hospital Geral de Assistência, que anos depois recebeu o nome de Hospital Geral São Francisco de Assis (HGFS). A Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, foi criada em 1922, por um decreto, e inaugurada no dia 19 de fevereiro de 1923, nas instalações temporária do HGFS (Santos, et al., 2011; Peters, Peres e D’antonio, 2020).

Em 7 de setembro de 1922 foi lançada a pedra fundamental do Pavilhão de Aulas da então Escola de Enfermeiras do departamento Nacional de Saúde Pública. Escola de Enfermagem Anna Nery, próximo ao Hospital Geral de Assistência, por Carlos Chagas e, em 1923, a Fundação Rockefeller, iniciou a sua construção. Em 1927, o Pavilhão de Aulas foi inaugurado. Um ano antes da inauguração, a escola tem sua denominação mudada para Escola de Enfermagem Anna Nery, em homenagem a uma heroína de guerra para todos os brasileiros, cuja o objetivo de construir uma identidade de uma enfermagem brasileira (2011; Peters, Peres e D'antonio, 2020).

A Escola de Enfermagem Anna Nery iniciou com dois cursos. Um deles era o de “Visitadora Sanitária”, no qual, era emergencial para dar conta das demandas da Reforma Sanitária em andamento. O curso era composto por 15 matérias, sendo sete ofertadas por enfermeiras de saúde pública norte-americanas. O curso abordava os procedimentos de enfermagem e noções de higiene domiciliar. O segundo curso ofertado pela escola era nos moldes anglo-americano, sendo a prioridade das americanas formar enfermeiras com conhecimento teórico e prático mais consolidado para atuarem na saúde pública (Santos, et al., 2011; Peters, Peres e D'antonio, 2020).

A Missão Parsons implantou o “*Standard Curriculum for Nursing Schools*” currículo estabelecido, em 1917, através da “*National League of Nursing Schools*” sendo uma liga de Diretoras de Escolas de Enfermagem nos Estados Unidos e Canadá. O modelo estabelecido por esse currículo era pensado apenas para as moças, que passaria por uma seleção rigorosa testando os seus valores morais, intelectuais e aptidão para área; regime de internato; direção por enfermeiras; vínculo com hospitais e serviços de saúde para a prática das estudantes; e a visão da necessidade de ser incorporada à Universidade (Baptista, 1997; Santos, et al., 2011; Peters, Peres E D'antonio, 2020).

Os feitos da Missão Parsons estavam notoriamente dando resultados, pois, a previsão de término dos trabalhos no Brasil era no ano de 1928, mas, esse tempo foi ampliado, com base em um acordo entre a Fundação Rockefeller e o Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Nota-se uma questão política para essa continuidade, visto que nesse momento a EEAN já havia formado 4 turmas, totalizando mais de setenta enfermeiras, sendo mais de uma dezena pós-graduada nos EUA (Santos e Barreira, 2002).

Ao terminar sua atuação no Brasil, a Missão Parsons deixou a enfermagem moderna implantada no Brasil, representada pela Escola de Enfermagem Anna Nery, detentora do Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931, que regulava o exercício da enfermagem e fixava, as condições para equiparação das escolas de enfermagem no país. Tal legislação deixa claro

a consideração caritativa da enfermagem com o dizer “mais nobres profissões”, reconhecendo o campo domiciliar e hospitalar e sobressaltando a área de saúde pública para atuação da enfermeira. O uso do título de enfermeira diplomada só poderia ser ofertado pelas escolas padrão a EEAN, e reconhecidas pela DNSP.

O Decreto de equiparação (20.109) acarretou uma mudança na conformação do campo da formação e do exercício da enfermagem no país, afetando outros campos fundamentais para manutenção e propagação das ideias e o poder de Getúlio Vargas. De um lado os militares com a necessidade de um corpo de enfermagem masculino e subalterno ao médico para os serviços manuais, e de outro lado as religiosas na administração e comando dos hospitais e do pessoal que prestava o trabalho manual do cuidado (Baptista, 1997).

Apesar do alto nível de ensino ministrado na EEAN, o qual era compatível com os critérios de universidades de outros países, a escola não foi anexada à Universidade do Rio de Janeiro, por ocasião de sua reorganização, em 1931, quando a mesma teve reforma em seu estatuto. As alegações se davam por conveniência da organização sanitária e por estar anexada ao DNSP. Havia poucas universidades no Brasil na década de 1930 e era estimulado as Escolas superiores isoladas. Para o modelo de enfermagem anglo-americano era sine qua non estar inserida na universidade, afinal tratava-se de ensino superior de enfermagem, mas não era a realidade Brasileira (Baptista, et al. 1997). Cabe dizer que nessa época, a realidade em números de Universidades no país ainda estava em passos lentos. E a dominação masculina na posse e comando de uma escola de mulheres anexada a um Departamento dominado por homens. (Baptista e Barreira, 2000).

Nos anos de 1931, a Escola Anna Nery foi reconhecida a escola padrão e de nível universitário de outros países, mas mesmo com esse destaque não foi incorporada à universidade, como descrito anteriormente. O desejo das americanas da década de 1920 é concretizado em 1937 com a reestruturação da Universidade do Rio de Janeiro, passando a designar-se Universidade do Brasil, a Escola de Enfermagem Anna Nery pôde integrar a renovada universidade, mas na qualidade de instituição de ensino complementar. Apenas em 1946, a Universidade do Brasil em seu novo Estatuto, reconhece a EEAN, como estabelecimento de ensino superior, mesmo sem exigir das suas candidatas o curso secundário completo, ou seja, 12 anos de escolaridade (Baptista, et al. 1997).

Na década de 1940, apenas duas escolas foram criadas dentro da universidade e doze desvinculadas a universidade. Sendo a Escola de Enfermagem da USP, estadual, anexa à Faculdade de Medicina e a Escola de Enfermagem da UFBA, inaugurada em 1946, a primeira

a ingressar já como unidade de ensino autônoma, que teve como primeira diretora a enfermeira Haydée Guanais Dourado (Baptista, et al. 1997).

Na década de 1950, das dezesseis escolas de enfermagem criadas no Brasil, apenas três foram implantadas como unidades universitárias: uma federal, em Porto Alegre (1950) e duas estaduais, uma em Ribeirão Preto (1951) e outra em João Pessoa (1953), todas as três como unidades anexas a Faculdades de Medicina (Baptista, et al. 1997).

Em março de 1932, o Decreto nº 21 141, de 10 de março, aprovou a organização do quadro de enfermagem do Exército e o curso de Enfermeiros da Escola de Saúde do Exército, com duração de apenas um ano. O diploma de enfermeiro da Escola do Exército e da Cruz Vermelha eram regularizados na Diretoria de Saúde da Guerra (Baptista, 1997). No final do mesmo ano, o Decreto 22 257 de 26 de dezembro, conferia as religiosas direitos iguais as das Enfermeiras de Saúde Pública, desde que comprovasse a partir daquela data seis anos de enfermagem, ao mesmo tempo que as religiosas em posição de comando foram capacitadas e reconhecidas, para a manutenção do espaço de poder e da elite dirigente dos hospitais de suas congregações (Baptista, 1997).

O modelo anglo-americano de enfermagem fora da influência do clero e a criação do “Padrão Ana Neri”, de um certo modo, abalou as estruturas da igreja que dominava o comando do pessoal que prestava os serviços nos hospitais. Quando surgiram as escolas de enfermagem laicas e principalmente a EEAN, as Congregações mais abertas percebiam a incipiência e a inaptidão do seu grupo e o quanto abaixo iriam permanecer se nenhuma intervenção fosse aplicada. Assim, novas lutas foram empreendidas pelas congregações, para vigência do poder da Igreja no ensino de enfermagem com a capacitação das religiosas e a criação das escolas de enfermagem de caráter religioso (Baptista, 1997; Teixeira, et al, 1998).

O Brasil era um país católico, diferente dos EUA, embora houvesse o respeito das enfermeiras norte-americanas às autoridades religiosas brasileiras. Durante a direção das americanas, não houve ingresso das religiosas católicas (freiras), mas eram muito bem-vindas a de origem evangélicas. Com a entrada da primeira diretora brasileira, ocorreram as matrículas das primeiras religiosas católicas, mas estas não conseguiram concluir o curso. Com a morte de Rachel H. Lobo e o retorno das americanas na direção da EEAN, a formação das religiosas na Escola somente ocorreu no ano de 1942, na direção de Laís Netto do Reys, brasileira e fortemente católica. (Teixeira, et al, 1998).

No ano de 1933, foi criada, por Decreto Estadual, uma escola de enfermagem em Belo Horizonte. A escola teve como patrono Carlos Chagas, o médico que possibilitou a vinda e implementação da Enfermagem moderna no país. A diretora era Lais Netto dos Reys, Ex-

aluna da EEAN, da turma pioneira. O estágio das alunas era em um Hospital da Ordem de São Vicente de Paulo. Sendo a primeira escola, conhecida pela historiografia da enfermagem, até o momento deste estudo, a formar as primeiras enfermeiras religiosas no “padrão Ana Neri” (Baptista, 1997).

Escolas de origem de seitas evangélicas, também demarcaram espaços no jogo, por meio das criações de duas escolas na década de 1930, no estado de Goiás. A Escola Florence Nightingale, em 1933, na cidade de Anápolis, e a Escola Cruzeiro do Sul, em 1937, na cidade Rio Verde (Baptista, 1997). De certa forma descentralizando o ensino de enfermagem do eixo Distrito Federal e São Paulo.

A Igreja Católica continuou a expansão de suas escolas com a criação da Escola do Hospital São Paulo, anexada a Faculdade Paulista de Medicina, autorizada a funcionar desde 1938 e inaugurada com o início da primeira turma em 1939, no qual possuía grande influência no Conselho Diretor da Escola de Enfermeiras Franciscanas Missionárias de Maria, principalmente na figura da Diretora Madre Maria das Dores e das professoras monitoras Madre Maria Domineuc (Silva e Gallian, 2009). E no Distrito Federal a Escola Luiza de Marillac em 1939, dirigida pela ordem de São Vicente de Paulo (Baptista, 1997).

Na década de 1940, houve um crescente número de criação de novas escolas de enfermagem sendo elas: sete vinculadas a congregações católicas; três estaduais sendo a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP, Escola de Enfermagem do Pará (atual Escola de Enfermagem Magalhães Barata, da Universidade do Estado do Pará – UEPA), e a Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro (atual Escola de Enfermagem Aurora Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense); e duas federais, sendo uma delas a Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo e a Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia.

O programa de Enfermagem da Fundação Rockefeller mudou-se para São Paulo, que possuía estreito vínculo com o modelo de enfermagem do Sesp. Duas Instituições que ajudaram na criação da Escola de Enfermagem anexa a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. O prédio foi construído com 55% do financiamento do Sesp e inaugurado no ano de 1947. A Escola possuía como diretora Edith de Magalhães Fraenkel (Campos, 2006; Campos, Carrijo, Campai, 2020).

Outra escola criada na década de 1940, foi a Escola de Enfermeiras do Estado do Rio de Janeiro (atual Escola de Enfermagem Aurora Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense), criada por um Decreto-Lei nº 1.130 de 19 de abril de 1944. Lettie Chaikin Plaut e Gertrudes Hadgman, Enfermeiras americanas do Sesp, em 1943, estudaram a condição de

saúde do estado do Rio de Janeiro e na averiguação do melhor local para implantar uma escola no Estado, com recomendava o Relatório Tennant (Marques, 2020).

Hodgman ficou responsável pela organização do anteprojeto de criação da escola e Dolizete Cabral, da ABED, como Diretora executiva até a nomeação oficial para cargo. A Escola teve apoio financeiro do Governo, do Sesp e da Liga Brasileira de Assistência, por meio de Alzira Vargas Amaral Peixoto, filha do então ditador do Estado Novo (Marques, 2020).

A escola deveria ser dirigida por uma pessoa de alto capital profissional, então foi solicitado indicação para diretora da EEAN, Laís Netto dos Reys, que sugeriu Aurora de Afonso Costa, ex-aluna de 1927 da EEAN, assim foi aprovada a sugestão pelo Conselho da Escola, sendo Aurora requisitada pelo MES. Essa indicação veio de trabalho desempenhado e capital simbólico acumulado por Aurora A. Costa na EEAN, que chegou ocupar o cargo de vice-diretora em substituição de Maria Pamphiro na gestão de Laís Netto dos Reys e, também, pelo capital cultural adquirido nos EUA (Marques, 2020).

A Escola de Enfermeiras do Estado do Rio de Janeiro foi muito útil para o projeto de Estado de Getúlio Vargas e o ministro Capanema com a interiorização dos serviços e do maquinário estatal, principalmente pelos agentes envolvidos como sua filha Alzira Vargas, o Sesp, e pela escola Padrão. Assim, a EEERJ empreendeu esforços para expansão do “padrão Ana Neri” com o corpo docente e direção formada por professoras da EEAN e para pleitear o alto padrão de suas alunas para sociedade (Marques, 2020).

O modelo de enfermagem americano sofreu grandes dificuldades tendo que ocorrer modificações para realidade brasileira. O ensino integral e baixa remuneração das bolsas faziam com que, as moças preferissem o ensino primário, muitas abandonavam o curso, exemplo da EEERJ. As enfermeiras da Escola de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, em 1949, reclamavam de receber o menor salário do estado. As moças de classe média não achavam atraente as vagas e as moças pobres sofriam a barreira cultural e educacional para ingressarem no curso. Em regiões do interior do Brasil, como Amazonas, Espírito Santo e Minas Gerais as famílias não aceitavam o modo de internato, havendo situações em que as moças somente poderiam frequentar as aulas com a presença do pai, irmão ou marido (Campos, 2006).

As questões econômicas e culturais brasileiras, também, fizeram o realinhamento do Programa de Enfermagem. A Legião Brasileira de Assistência apoiava com 19 bolsas para Escola de Niterói e cancelou todas no meio do ano acadêmico de 1947. Em 1948 a Carreira de Enfermeira estava sendo debatida no Congresso Brasileiro, havendo a necessidade de

intervenção do diretor do Sesp para explicar a diferença de enfermeira diplomada para as auxiliares e o distinguir os processos de formação (Campos, 2006).

As mudanças do modelo assistencial, a regulamentação do trabalho e dos serviços previdenciários com o envolvimento dos serviços de saúde e a criação de grandes hospitais com o avanço de tecnológico, que requeriam cada vez mais pessoal capacitado para esses novos cenários de cuidados aos pacientes, levando a crescente expansão das escolas de enfermagem (Campos, Carrijo, Campai, 2020).

O branqueamento, o pensamento da eugenia, o elitismo para elevar a profissão ao patamar respeitada na sociedade, na década de 1940, começa a modificar pois a mão-de-obra da população feminina negra e masculina passava a ser utilizada para gerar efeitos simbólicos para a construção do Estado de Getúlio Vargas. Assim, com a expansão dos serviços públicos na saúde com hospitais, postos de saúde, programa de saúde, ações domiciliares e a necessidade de atuação bélica, houve uma maior demanda da profissão de enfermeira para suprir a necessidade do bem-estar da população brasileira (Campos, Carrijo, Campai, 2020).

Com a consolidação da historiografia da enfermagem, feita pelas próprias mãos das pesquisadoras enfermeiras, as histórias das instituições estão sendo desveladas e encontrando vestígios do passado de projetos e concretização de novas escolas e cursos de enfermagem. Sendo assim, esse capítulo não teve o objetivo de buscar novas escolas e sim citar as que já foram encontrados por pesquisadores e na literatura atual, possuindo a necessidade de mais estudos para compreensão da criação dessas escolas. Mas se torna claro o quando a enfermagem foi necessária para expansão do campo da saúde e para população brasileira.

Os antecedentes e o processo de implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, será dissertado no próximo capítulo.

Enfermeiras brasileiras protagonistas na criação e implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo

No processo de criação e implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock lobo, três enfermeiras assumiram essa importante empreitada, especialmente Zaíra Cintra Vidal, sua primeira diretora. Os traços biográficos dessas mulheres-enfermeiras ratificam que o capital simbólico angariado no campo da educação e da saúde operou como chancela para se fazerem ver e se fazerem reconhecer em um espaço tradicionalmente ocupado por homens.

Enfermeira e docente Zaira Cintra Vidal

Zaira Cintra Vidal nasceu cinco de maio de 1903, embora tenha nos documentos em língua inglesa e no seu histórico de vida escolar (1943), o ano de 1904. Nascida no Brasil e natural do Distrito Federal, Rio de Janeiro. Filha de Eugenia da Silva Cintra Vidal e de Amando de Araujo Cintra Vidal Junior. Do sexo feminino, solteira, católica e a cor não encontrada nos documentos de matrícula e do histórico escolar, pois não havia local perguntando ou a ser preenchido (CDOC/EEAN, 1924). Apenas em documento de revisão da certidão de nascimento dizendo “de côr -----” podendo ser um espaço a ser completado posteriormente e não foi preenchido, ou foi completado com caneta que não resistiu com o tempo e não deixou marcas no papel (CDOC/EEAN, 1929).

Certamente Zaira não era branca, mas conseguiu ingressar na Escola de Enfermagem Anna Nery e recebeu bolsas de estudos nos EUA na década de 1920. Em forma de violência simbólica, estrutural, não era dado as pessoas lidas como negras essa distinção, afinal as americanas certificaram-se bem de uma seleção de “moças de boa família” de pele branca para caracterizar a imagem da nova profissão na sociedade brasileira (Ferreira e Salles, 2019).

Isso porque, as instituições de ensino renomadas recrutam pessoas mais aristocráticas, ou seja, as com maior capital cultural e distinção no campo (Bourdieu, 2023). O fato é que a mobilidade social da população negra e miscigenada na década de 1920 era difícil pelas regras impostas pelo jogo e as cobranças de capital cultural (Ferreira e Salles, 2019), além da pedagogia da privação a essa população (Bourdieu, 2023). Assim, refletindo para os anos atuais, Zaira poderia ser lida socialmente ou autodeclarada como parda.

Aos 18 anos de idade Zaira formou-se em professora e trabalhou como tal até decidir inscrever-se para estudar Enfermagem na Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública (Lopes, et al. 2001). Aos 20 anos de idade no dia 19 de março de 1924 fez sua inscrição na Escola do DNSP declarando formação normal de 10 anos, ser solteira, e o parente mais próximo era sua mãe. Relatou, também, que nunca trabalhou na área da enfermagem (CDOC, 1924).

Iniciou suas aulas no dia 31 de março de 1924 e diplomou-se em enfermeira no dia seis de agosto de 1926. Na primeira série preliminar se destacou em técnicas de enfermagem; anatomia e fisiologia; ética; e história da enfermagem, porém a microbiologia não pareceu tão fácil como as outras. A segunda série júnior possuiu distinção em patologia interna e atendeu plenamente as necessidades de Higiene mental, dietética aplicada e obstetrícia (CDOC/EEAN, 1943).

Ao concluir o curso de Enfermeira, foi designada para exercer, uma comissão, o cargo de visitadora de higiene em 26 de agosto de 1926, e em sete de janeiro de 1927 foi nomeada Enfermeira de Saúde Pública. Como prêmio, recebeu uma bolsa de estudos pela Fundação Rockefeller, para o seu aperfeiçoamento nos Estados Unidos, que durou dois anos, de 1927 a 1929, perpassando por cursos no Philadelphia General Hospital, Philadelphia Contagious Disease Hospital e no Teachers College da Columbia University New York. No qual, possui o objetivo de capacitar enfermeiras para “Instrução e Administração de Escolas de Enfermagem” (CDOC/EEAN, 1943; CMNPC, 1951; Lopes, et al. 2001).

Ao retornar dos seus estudos nos EUA, em 1929, foi nomeada Enfermeira chefe da Escola de Enfermagem Anna Nery. Zaira lecionou nas cadeiras de Ética, História da Enfermagem, Técnicas de Enfermagem, Técnicas de Ataduras, Higiene Individual, Drogas e Soluções, e Técnicas Aperfeiçoadas.

Professora Zaira parecia ser bastante reconhecida pelo seu trabalho demonstrado para sociedade e reconhecida pela Diretora Rachel Haddock Lobo, primeira brasileira a ocupar tal cargo na EEAN, como o ofício D. 436 de 16 de junho de 1932, agradecendo o trabalho desenvolvida com as alunas:

Cumpro o grato dever de felicitá-la pelo brilhante êxito da demonstração apresentada ontem sobre técnicas de enfermagem, que superou a nossa expectativa, tal o ótimo desempenho das alunas apresentadas. Sinto-me orgulhosa em poder apresentar alunas tão bem-preparadas, reconhecendo que a vossa grande cooperação devemos o sucesso de nossas profissionais (CDOC/EEAN, 1943, p.1)

Além de professora da EEAN, ao retornar dos EUA, ajudou no processo de criação de uma revista de enfermagem. Na qual, Rachel Haddock Lobo ocupava o cargo de redatora chefe e a EEAN o local centralizador das atividades para criação da revista, de 1930 e 1932 as lutas empreendidas foram intensas para sua materialização da revista (Carvalho, 2002).

A comissão da revista, também chamada de jornal, presidida por Rachel Haddock Lobo e as integrantes com os membros indicadas pela Associação Nacional de Enfermeiras Diplomas Brasileiras (ANEDB): Zaíra Cintra Vidal, Zulema de Castro Amado, Maria de Castro Pamphiro, Sílvia Albuquerque Arcoverde de Albuquerque Maranhão, Alayde Cavalcanti, Marina Bandeira de Oliveira, Maria do Carmo Ribeiro, Rosaly Rodrigues Taborda e Célia Peixoto Alves (Carvalho, 2002).

Em uma reunião informal com a ANEDB, Rachel Haddock Lobo apresenta as demais enfermeiras o título da revista “Annaes de Enfermagem”, e a capa desenhada pelo seu sobrinho, estudante da Escola de Belas Artes, com referências dos monumentos egípcios, era

de cor verde com um triângulo centralizado contendo o lema “Ciência, Arte, ideal” idealizado pela enfermeira norte-americana Isabel Stewart (Carvalho, 2002).

Em 17 de março de 1932, ocorreu o primeiro encontro dessa comissão, na EEAN, no qual foi designado o cargo das integrantes, Rachel Haddock Lobo como redatora-chefe e Zaíra Cintra Vidal como redatora revisora e responsável pela parte das estudantes, Célia Peixoto Alves como secretária e Edméa Cabral Velho como tesoureira. O objetivo era um jornal trimestral no valor de três mil réis e o primeiro número em 20 de maio de 1932 (Carvalho, 2002).

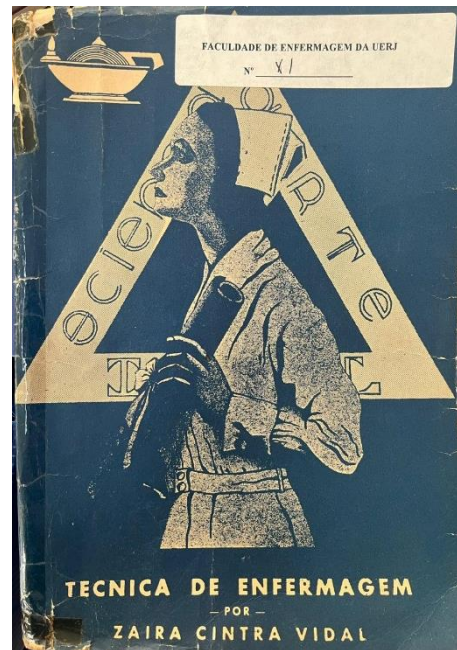
Como previsto, em maio de 1932, foi impresso o primeiro número da revista *Annaes de Enfermagem*, sendo um marco para enfermagem brasileira. Rachel Haddock Lobo homenageia Edith M. Fraenkel, que era presidenta da ANEDB, pelos seus esforços com a iniciativa de uma revista e pela associação fazer da revista um órgão oficial de comunicação com a enfermagem brasileira (Carvalho, 2002).

Para o ano de 1933, o planejamento era de publicar em 20 de maio, mas com o falecimento de Rachel Haddock Lobo, não foi possível. Assim, Zaíra Cintra Vidal, vice-presidente da ANEDB, assume o cargo de Redatora Chefe (1933 – 1938), em 23 de outubro, por unanimidade de votos, em uma reunião geral da Associação. Nesse mesmo dia, foi estabelecido o dia 25 de novembro para saída do segundo número. As primeiras páginas foram dedicadas a memória da primeira redatora-chefe. (Carvalho, 2002).

A manutenção da revista, requeria muitas lutas e esforços. Em julho de 1935, Zaíra C. Vidal, informa que a revista, sem o auxílio da ANEDB, não conseguiria custear as despesas com a gráfica. E no final do ano de 1938, na ocasião de uma nova eleição para Associação declarou "não poder e nem desejar continuar à testa do Jornal visto muito se ter preocupado e contrariado" (Carvalho, 2002, p.251). Nesse período, de redatora chefe, Zaira publicou três livros intitulados – “Técnica de Enfermagem”, “Drogas e Soluções em dez aulas” e “Técnicas de Ataduras”, respectivamente nos anos de 1933, 1934 e 1938. Correspondia as disciplinas lecionadas na EEAN.

O livro *Técnicas de Enfermagem* (Figura 1) na sua 7ª edição, de 1953, encontrado no Centro de Memória Nalva Pereira Caldas, possui uma capa azul marinho com a lâmpada da enfermagem na esquerda superior, uma enfermeira com o uniforme e touca com o olhar para a lâmpada segurando um diploma, em segundo plano um triângulo escrito “ciência, arte e ideal”, como muitos anos foi a representação da revista *Anais de enfermagem* e proposto inicialmente por Rachel Haddock Lobo em 1932 (Carvalho, 2002).

Figura 1 - Técnicas de enfermagem



Livro “Técnicas de Enfermagem”, escrito por Zaira Cintra Vidal, na sua 7ª edição, de 1953. Livro pioneiro na temática em português, com adaptações de técnicas de forma transcultural para realidade brasileira

Zaira, excelente professora, observou a dificuldade das alunas da EEAN, com a técnicas de enfermagem e resolveu escrever este livro inspirado no "Nursing Proceduros", do "Filadolfia General Hospital", porém, com adaptações a enfermagem brasileira. Zaira empreendeu esforços em descrever todas as técnicas da enfermagem moderna, observando os seus princípios e objetivos. O livro foi escrito de acordo com o assunto dado pela "Curriculum of School of Nursing", (mesmo programa adotado na EEAN). Ela destaca que foi o primeiro trabalho em português que aparece sobre esta temática e possuía como desejo que as estudantes pudessem utilizá-lo para os seus estudos e para toda enfermagem do país (Vidal, 1953).

O livro tratava-se de técnicas de enfermagem da época, com descrição e detalhamento das técnicas com uma linguagem técnica e científica. Os procedimentos eram postos em ordem de complexidade, iniciando do mais básico e terminando com o mais complexo. Assim, o livro se apresentava de uma forma didática, de fácil leitura e assimilação. No final de cada técnica possuía um espaço descrito como “apontamentos”, em branco para escrita do leitor, que demonstrava que Zaira já esperava das alunas e enfermeiras reflexões e pensamentos, a ponto de avançar no conhecimento (Morais, 2014).

O livro é dedicado a Rachel Haddock Lobo e o prefácio escrito por ela, no qual realça a inteligência vivaz da professora Zaira e o quanto foi importante suas professoras para sua formação. O último parágrafo resume bem todo o olhar transcultural de Zaira, a frente de seu tempo na produção de ciência da enfermagem brasileira:

Durante os quatro anos de curso, em nossa escola a cadeira de técnicas de enfermagem a autora apurou sempre os métodos pedagógicos, observando cuidadosamente as falhas de técnicas do Philadelphia Geral Hospital, pondo-os em confronto com a francesa, para com inteligência segura criar, modificando e adaptando, uma técnica que sendo a da nossa escola, por tão perfeita, se transformará em breve dias em técnica brasileira (Lobo, 1933, p.2).

A relação de força simbólica é estabelecida à medida que os agentes são reconhecidos e legitimados, possuindo a linguagem autorizada no campo. Assim a relação de força no mercado linguístico da produção do discurso de Rachel H. Lobo, conferiu-a reconhecimento profissional, logo, maior capital simbólico a professora Zaira, uma porta-voz da profissão.

Zaira C. Vidal, também atuou nas necessidades do Exército na Revolução de 1932. Foi convocada a apresentar-se no dia 3 de setembro de 1932, e permaneceu até 15 de outubro do corrente ano. Foi também designada para prestar serviços no Hospital de Sangue, no Estado do Rio de Janeiro, chefiando um grupo de nove enfermeiras. Esse serviço prestado resultou em elogios do Capitão Médico Chefe da Enfermagem Militar em Pinheiro Dr. Jesuíno Carlos de Albuquerque (CDOC/EEAN, 1943; CMNPC 1951).

Professora Zaira de 1929 a 1938 participou de bancas examinadoras de candidatas a ingressar a EEAN. Em 11 de março de 1937, o Diretor do Departamento Nacional de Saúde João Barros Barreto a designou para constituir a banca examinadora dos exames dos Enfermeiros Práticos da Secretaria Geral da Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal. E em novembro foi indicada pela diretora da EEAN, para banca examinadora de Enfermeiros Práticos (CDOC/EEAN, 1943).

Em maio de 1938, Bertha Pullen, Diretora da Escola Anna Nery, designou Zaira para exercer o cargo de assistente de diretora. E em 31 de outubro, por um ofício 38/554, da Escola Anna Nery, do Reitor Raul Leitão da Cunha, foi destacada como Diretora Interina até o mês de dezembro. Por essa atuação, recebeu agradecimentos do reitor por tais serviços prestados para Universidade do Brasil (CDOC/EEAN, 1943).

O fato de ocupar o cargo de assistente da Diretora representava a preparação e a sucessão ao cargo. Isto ocorreu com Rachel Haddock Lobo, formada em enfermagem pela École des Enfermières de L' Assistance Publique, e em 1927 foi para os EUA estudar

administração. Em 1930, Haddock Lobo regressou ao Brasil e ocupou o cargo de assistente da diretora, até assumir o cargo em 1931 como Diretora da EEAN, sendo a primeira Brasileira a ocupar esse cargo (Santos e Barreira, 2002; Santos e Oliveira, 2002).

Desta maneira, dentro da EEAN, parecia ser claro a nomeação de Zaíra Cintra Vidal como Diretora da Escola, pois chegou a ter uma comemoração informal pela sua conquista entre as professoras. Entretanto, para surpresa de muitas, Laís Netto dos Reis foi nomeada como diretora da EEAN (Almeida Filho, 2004).

Laís Netto dos Reis possui poder simbólico pelo elevado capital cultural e social que possuía. Formada pela EEAN e pós-graduada nos EUA em administração de Escolas de Enfermagem. Em sua experiência profissional, participou do processo de implantação e foi diretora da Escola de Enfermagem Carlos Chagas. Além disso, dotada de capital social proveniente também de uma rede social sólida, pois seu irmão ocupava um cargo importante no governo Vargas, que certamente facilitou a nomeação do seu cargo como Diretora da Escola (Almeida Filho, 2004).

Laís era uma mulher católica praticante e possuía um posicionamento político, possivelmente alinhada com pensamentos Integralista. (Almeida Filho, 2004). A Ação Integralista Brasileira surgiu em 1932, com doutrina nacionalista e pretendia combater o capitalismo financeiro e queriam o controle do Estado pela economia. Cujas, o lema era “Deus, Pátria e Família”, o integralismo era ágil e eficaz na proliferação de suas ideias com a incorporação de rituais e símbolos como cerimônias, desfiles e culto de personalidades (Fausto, 2019).

Zaira Cintra Vidal, possuía a mesma formação de Laís, mas as trajetórias profissionais eram distintas, bem como os capitais sociais. Uma permaneceu na EEAN ocupando cargos importante como redatora chefe da revista *Annaes de Enfermagem*, publicando livros importantes para profissão e treinada pelas americanas para dar continuidade na Direção da Escola. E a outra uma trajetória brilhante na direção da Escola de Enfermagem Carlos Chagas e um símbolo de mulher que muito representava as alianças do Governo de Getúlio Vargas, certamente determinante para sua nomeação.

Assim, a vida profissional de Zaira tomou novos rumos, o número de solicitações de seus serviços fora EEAN aumentou. Foi muito solicitada pelas enfermeiras do Sesp e por diferentes instituições durante o período da Segunda Guerra Mundial, também, para prestar serviços para Prefeitura do Distrito Federal.

Sendo assim, sua aproximação com a Prefeitura do Distrito Federal, se deu por um convite em 22 de novembro de 1938, pelo Departamento de Assistência Médico Hospitalar da

Secretaria Geral de Saúde e Assistência(SGSA), para a realização do curso de enfermagem no Hospital Jesus. Ao terminar tal curso, iniciou outro no Asilo São Francisco de Assis. Sobre tais atuações, recebeu elogios e agradecimentos pelo dr. Rogerio Coelho da SGSA (CDOC/EEAN, 1943). futuramente é desse Departamento e Secretaria que surgirá a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, fruto de muitas lutas empreendidas por Zaira Cintra Vidal, que será abordado no próximo capítulo.

Nesse final da década de 1930 e início da década de 1940, continuou sendo indicada para participar de bancas examinadoras de enfermeiros práticos e validação de diplomas. Participou inclusive na comissão para examinar os enfermeiros práticos que concluíram o curso no sindicato de enfermeiros terrestre (CDOC/EEAN, 1943).

No ano de 1940, professora Zaira participou da Semana da Enfermeira, conhecida atualmente como Semana Brasileira de Enfermagem (SBEn). O dia de início, foi em 12 de maio, que representa o dia de nascimento de Florence Nightingale e o dia final da semana o dia 20 de maio, que corresponde o dia de falecimento de Anna Nery (Almeida Filho et al., 2005; Padilha et al, 2015).

O Evento foi na própria Escola com apoio do MES e da Universidade do Brasil, com a presença do reitor Raul Leitão da Cunha. No discurso da criação da Semana da Enfermeira, os objetivos eram de homenagear as patronas da Semana de Enfermeira, aperfeiçoamento profissional e facilitar o encontro das diretoras das Escolas de Enfermagem. Na ocasião, Lais Netto dos Reys, anunciou a criação de três cursos de extensão que foram: auxiliares de enfermagem, Curso da Associação de Voluntárias Anna Nery, e o curso de Assistente Social (Almeida Filho et al., 2005; Padilha et al, 2015).

No terceiro dia da primeira Semana da Enfermeira, professora Zaira Cintra Vidal, fez um discurso lançando um olhar retrospectivo sobre a profissão de enfermeira. Como professora de História da Enfermagem, havia uma linguagem autorizada no assunto. O discurso perpassa pela ascensão da enfermagem com a incorporação de influências do cristianismo, da aristocracia e do militarismo, a queda do considerado “período negro” da enfermagem e depois a chegada da enfermagem moderna com a figura de Florence Nightingale. E relatou também em seu discurso que:

a enfermagem diplomada, cientificamente preparada que veio ocupar o lugar da enfermagem primitiva. [...] O papel da enfermagem é mais amplo, a responsabilidade que tem na profissão, exige de si maiores conhecimentos. [...] Há uma necessidade de instrução adequada que só pode ser haurida nos bancos de uma perfeita escola. Formar uma enfermeira é tão importante quanto formar um médico. [...] Pensarão, alguns, talvez, que a enfermeira assim preparada foge de sua finalidade. Ao contrário, é quando ela é mais útil

ao médico e mais necessária ao seu doente. [...] Os seus conhecimentos científicos terão sempre a mais ampla aplicação na sua vida prática. [...] Além do conforto moral que lhe prodigaliza, que seja uma profissional inteligente, hábil e preparada, capaz de notar as menores alterações do seu estado, tomando as devidas providências até a chegada do seu médico assistente. [...] Só assim pode realizar a perfeita simbiose entre o trabalho do médico e o da enfermeira. Só assim, os trabalhos hospitalares poderão atingir a sua finalidade e só assim se alcançará a meta ideal que é a saúde, o conforto, e bem-estar do doente (Vidal, 1940).

É perceptível a subversão, das regras do jogo, defendida por Zaira (dominada) em uma sociedade de dominação masculina, dizendo que a formação de enfermeiras (mulheres) era igualmente importante ao do médico (homens), relatando no seu discurso que alguns (dominantes) poderiam pensar que a enfermeira diplomada fugiria da sua finalidade, ou seja, reconhecendo a dominação masculina naturalizada na sociedade e afirmando e acreditando na mudança das regras do jogo. Assim, defendendo o conhecimento, a ciência e uma educação de qualidade para as mulheres.

Outro aspecto interessante que emergiu em seu discurso foi a observação de mudanças clínicas do paciente e a tomada de decisão de forma autônoma e com os seus princípios científicos. Dessa maneira, corroborando com o pensamento clínico e uma assistência sistematizada atualmente conhecido como processo de enfermagem.

Um termo utilizado em seu discurso que chamou a atenção foi “simbiose” que é bem disruptivo, entendendo que são duas espécies diferentes que se ajudam mutuamente. Abandonando a materialidade da servidão, fidelidade e lealdade somente a figura do médico e voltando o olhar para “saúde, conforto e bem-estar” do paciente.

Em 15 de junho de 1941, Zaira iniciou o trabalho de organização dos hospitais da SGSA, por entendimento entre o Secretário Geral de Saúde e Assistência, Jesuíno Carlos de Albuquerque e a Diretora da EEAN. Chefiou um grupo de diplomadas e dirigiu o serviço de enfermagem nos hospitais: Pronto de Socorro, Carlos Chagas, Getúlio Vargas, e Jesus, do Departamento de Assistência Hospitalar da Prefeitura do Distrito Federal (CDOC/EEAN, 1943).

Pelos seus feitos no período de 1941 a janeiro de 1942 recebeu elogios, publicado no Boletim de serviços, nº334 da SGSA. Assinado pelo diretor geral Dr. José Acilino de Lima Filho. Ressaltava a “integral dedicação ao trabalho, lealdade e a compreensão perfeita de seus misteres a ponto de permitir fundamentar em tal exemplo esperanças as mais vivazes” (CDOC/EEAN, 1943).

Em 15 de setembro de 1941, passou a fazer parte da comissão de enfermeiras que devia estudar o Programa Mínimo para Escolas de Enfermagem. Essa comissão foi encarregada, também, de estudar o pedido de equiparação das Escolas de Enfermeiras Luíza de Marillac, Carlos Chagas e Paulista de Medicina. Saiu da comissão por ter sido posta a disposição do governo do Estado de São Paulo, em 25 de maio de 1942 pelo Processo 6.177/42 da Divisão do Orçamento do Departamento de Saúde do Ministério da Educação e Saúde (CDOC/EEAN, 1943).

Assim, em tempos de guerra, professora Zaira Cintra Vidal, tornou-se uma autoridade no assunto. Seu desempenho, esforços e *habitus* profissional eram destaques no campo da enfermagem, tornou-se uma referência para enfermagem hospitalar e de Guerra. Com isso, foi muito requisitada nesses tempos difíceis de crise mundial, no qual, Organizou e ministrou diversos cursos de primeiros socorros, socorro de guerra e curso de voluntárias da Defesa Passiva em instituições importante à época como o curso de samaritanas da SGSA, na Associação Brasileira de Educação, na Cruz Vermelha Brasileira, na Escola Técnica de Serviço Social, no curso de Enfermagem do Fluminense e Departamento de Educação dos Serviços Hollorith. Todos os cursos divulgados em jornais de grande circulação e sempre com o destaque que o curso contava com a professora Zaira Cintra Vidal, da EEAN (Jornal A Manhã -RJ, 1942; CDOC/EEAN, 1943;).

Em 1942, em reunião de enfermeiras diplomadas na EEAN, presidida pela Diretora, foi eleita presidente de uma comissão para organização de um curso de emergência para monitoras em primeiros socorros, Instrumentação e enfermagem. Em julho, deste mesmo ano, preparou na EEAN monitoras para o ensino de Socorro de Guerra. Em setembro de 1942 colaborou com a comissão designada pela Sra. Darcy Vargas, para organizar o programa do Curso de Samaritanas Socorristas da Legião Brasileira de Assistência (CDOC/EEAN, 1943).

Em maio de 1943, a convite da diretora de enfermagem do Sesp. Sra. Louise Kieninger, partiu para Vitória, estado do Espírito Santo, para participar de curso de Emergência em Enfermagem, para auxiliar o serviço de saneamento do Vale do Rio Doce, organizado por Kieninger. Este trabalho resultou a organização de uma Escola que tomou o nome de Curso de Emergência de Guerra Alda dos Santos Neves.

Em 14 de julho de 1943, foi publicado no boletim de serviços nº 681, da Secretaria Geral de Saúde e Assistência, assinado pelo Dr. Carlos Toussaint Gomes Martins, o seguinte elogio:

À enfermeira da classe H Da. Zaíra Cintra Vidal, nome aureolado de enfermeira, instrutora e técnica de altos méritos, que empresta ao D.A.H. todas

suas energias, os meus agradecimentos pela lealdade, dedicação e perfeita noção do cumprimento do dever (CDOC/EEAN, 1943, p. 8).

Em 5 de novembro do 1943, Professora Zaira embarcou no “clipper” da Pan American Airways e chega em Washington e apresentou-se ao office of the Coordinator of Inter-american Affairs. Após isso, deixou Washington no dia 16 de novembro com destino a New-York onde iniciou os estudos de acordo com o plano elaborado por Miss Elizabeth Tennant, consultora do Sesp (Jornal – Diário de Notícias -RJ, 1943; Vidal, 1944)

Zaira visitou diversos hospitais, escolas e universidades: New-York Hospital, incluindo National Nursing Headquarters; Skidmore College e New-York Post-Graduate and Medical School Hospital; Teachers College, Columbia University; Division of Nursing, Department of Hospitals; Yale University School of Nursing; State Board of Nurses Examiners Albany; Toronto University School of Nursing; Western Reserve University School of Nursing; e deixou de visitar o Philadelphia General Hospital por adoecimento (Vidal, 1944).

Esse mesmo movimento feito com Zaira, aconteceu previamente com Edith de Magalhães Fraenkel, também foi enviada aos EUA e ao Canadá para visitas técnicas em escolas de enfermagem como estratégia para criação da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), sendo nomeada como Diretora da escola e sua consultora Ella Hansenjaeger até o ano de 1951. (Campos, Carrijo, Campai, 2020).

Em uma matéria do Jornal “A Noite” do Rio de Janeiro (1943), na primeira página, anunciava “Uma Escola de Enfermeiras em cada Estado”. Zaira C. Vidal, concedeu uma entrevista, como presidenta da ABED, dizendo que:

se espera a criação de uma escola de enfermagem em todos os Estados e acrescentou que presentemente há cinco escolas treinando 35 enfermeiras cada uma por ano. Porém, apenas do seu intenso trabalho, isto não é suficiente para atender as necessidades do país (A Noite-RJ, pag. 1)

A matéria, relata também, o roteiro de suas visitas aos hospitais e as escolas de enfermagem para estudar os métodos de ensino. E, que a ilustre visitante é acompanhada pela senhorita Valesca Paixão e pelo diretor da Escola de Enfermeiras de Belo Horizonte, Sr. Carlos Chaves.

Mesmo havendo mais escolas de enfermagem a época, Zaira C. Vidal, como presidente da ABED, relata haver apenas 5 escolas de enfermagem no Brasil. Tornando claro a relevância legal do ensino de enfermagem e o reconhecimento da diplomação pelo DNSP, ignorando outras iniciativas de formação de enfermagem, considerando apenas os diplomas de escolas que seguiam o modelo do “padrão Ana Neri”. Afinal, Zaira era presidente da Associação de Enfermeiras Brasileiras Diplomadas e egressa da EEAN, não iria contra a

legislação vigente. Certamente as escolas citadas por ela era a Escola de Enfermagem Anna Nery, Escola Carlos Chagas, Escolas Luíza de Marillac, Escola de Enfermagem Paulista de Medicina e Escola de Enfermagem da USP.

Todo capital cultural adquirido nas maiores unidades hospitalares e escolas de enfermagem do mundo, foi descrito por Zaira em um relatório intitulado “Relatório dos Estudos feitos na América do Norte” (1944), onde tomou notas de todos os pontos relevantes de cada instituição visitada. O capital cultural de Zaira forjou a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo e contribuiu para o amadurecimento da Lei Nº 775, de 6 de agosto de 1949, que tratava do ensino de enfermagem no País, enquanto presidente da ABED.

Zaira Cintra Vidal foi presidente da ABED de 1943 a 1947, sendo dois mandados consecutivos. A Associação foi criada 12 de agosto de 1926, com o nome de Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas. Até o final do ano de 1928 a associação ficou em caráter informal, sendo legalizada com o seu primeiro estatuto, devido a vontade de filiação ao Conselho Internacional de Enfermeiros, publicado em diário oficial em 05 de maio de 1929. Nesse início a ANED, almejava lutar por um desenvolvimento profissional no país, apropriação do campo de conhecimento da enfermagem e fortalecimento do *habitus* profissional (Oliveira, 1997).

Em 1929, a palavra “brasileira” foi adicionada no final do nome com o objetivo de se filiar ao Council of Nurses (Conselho Internacional de Enfermeiros - CIE), passando a ser chamada de Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras - ANEDB. E em 1944, com mudanças no estatuto e cumprimento de legislação do ministério do trabalho a palavra “nacional” foi removida, simplificando o nome da associação para Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomas - ABED (Oliveira, 1997; Mancina, Padilha, Ramos, 2019).

Edith M. Fraenkel finaliza sua primeira presidência no ano de 1938, Hilda Anna Krisch assume e permanece no cargo até o ano de 1941. Fraenkel retorna para seu segundo mandato até o ano de 1943. O período de 1928 a 1943 foi período de estruturação da Associação no cenário internacional e nacional, o estatuto passou a nortear a organização, sua filosofia e objetivos. Nesse tempo, se estabeleceu em jogo, filiou-se no CIE e criou uma revista de enfermagem (Oliveira, 1997).

A sucessora de Fraenkel, Zaíra Cintra Vidal (1943-1947), com dois mandatos consecutivos, tornou-se o elo das tensões em jogo no campo da educação em enfermagem. No cenário pós Grande Segunda Guerra, as lideranças da enfermagem eixo Rio de Janeiro - São Paulo havia divergência e disputas de poder. Como estratégia, durante o mandato de Zaira, criou-se as sessões em estados onde havia escolas de enfermagem e o número crescente de

enfermeiras. Com isso, São Paulo, o primeiro estado a criar sua sessão e em seguida do Distrito Federal. Assim, a ABED, inicia sua expansão para os demais estados brasileiros (Oliveira, 1997; Padilha, Borenstein, Santos, 2019).

Durante a gestão de Zaira Cintra Vidal, foi realizado um direcionamento para a revista *Anais de Enfermagem*, que passou a ter rumos mais exitosos com a mudança de sede da redação da revista “Anais de enfermagem” para São Paulo e com o retorno das suas publicações (Carvalho, 2002).

Além disso, durante sua presidência, foi organizado e realizado em São Paulo, o Primeiro Congresso Brasileiro de Enfermagem e organizado o segundo Congresso Brasileiro de Enfermagem. O 1º Congresso Nacional de Enfermagem, ocorreu de 17 a 22 de março de 1947, no qual professora Zaira, como presidente da associação, também participou da comissão de programa, junto com Ella Hasenjaeger (presidente da comissão) e Edith M. Fraenkel, Madre Domineuc. No dia 18 de março, terça-feira, professora Zaira apresenta “O conselho Nacional de Enfermagem” as vantagens de sua criação, seu valor para a profissão e o seu ideal numa democracia. Presidida por Edith M. Frankel. Na Quarta-feira realiza uma reunião da divisão de Educação com Edith M. Frankel com a “sessão especial para estudantes de enfermagem”. E na sexta-feira realiza a cerimônia de encerramento (CDOC/EEAN, 1947).

Durante esse período como presidente da ABED, o ano de 1945, não foi fácil na vida pessoal de professora Zaira Cintra Vidal. Na 3ª reunião da 4ª conferência de diretoras não esteve presente. E em nove de fevereiro de 1945, se ausentou da 4ª reunião da 4ª conferência de diretoras, no qual a justificativa foi pelo estado de saúde de sua mãe. No mesmo mês houve o falecimento de Eugenia da Silva Cintra Vidal, sua mãe (Jornal – Diário de Notícias -RJ, 1945), parente mais próxima (CDOC, 1924). No final do mesmo ano, houve o falecimento do seu avô Amando de Araujo Cintra Vidal (Jornal do Brasil – RJ, 1945).

Mesmo com momentos difíceis, se doou a profissão e tomou decisões importante para ABED, que repercutem até os dias atuais. Dessa maneira, Zaira C. Vidal foi baluarte para Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn), sendo o laço de união de forças em jogo, que culminou na criação das sessões e mantendo essas forças dentro da ABED, que hoje possui sessões da ABEn em cada canto desse país; direcionamentos importantes para revista *Anais de Enfermagem* que determinaram o sucesso da revista e hoje é uma das revistas mais relevante para profissão; e por último a criação do Congresso Nacional de Enfermagem, que atualmente é o evento científico mais importante da enfermagem.

No mês de maio de 1947 a professora Zaira C. Vidal, presidente da ABED, Safira Gomes Pereira, Diretora da Divisão de Saúde Pública e Rosali Rodrigues Taborda, presidente da seção do Distrito Federal da ABED, foram representar a enfermagem brasileira no IX Congresso Internacional da Enfermagem, na qual, antes de partir foi recebida pelo Ministro da Educação e Saúde a qual prestaram despedidas.

Para além da Enfermagem, Zaira Cintra Vidal, entre muitos serviços relevantes para pátria, já citado anteriormente, realizou uma preciosa cooperação no sofrimento moral dos presidiários da Rua Frei Caneca, levando ensino para os presidiários e ela comungava as ideias contra o analfabetismo: “abrir escolas é fechar cadeias”. Zaira, em sua trajetória profissional lidou com públicos diversos para lecionar, possuía um olhar diferenciado, a frente do seu tempo no processo ensino-aprendizagem.

Assim, por toda essa trajetória profissional, constituiu capital simbólico para o sucesso e brilhantismo na criação e implantação do Curso de Enfermeiras e Pós-graduação do Curso de Professor em Enfermagem e de Chefia Hospitalar da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. Sendo assim, pioneira no olhar da necessidade de uma maior especialização e nível de formação para os campos de atuação da enfermeira.

Enfermeira e docente Safira Pereira Cardoso Machado

Safira Pereira Cardoso Machado nasceu em Fortaleza, Estado do Ceará, onde fez seu curso secundário. Em documentações da década de 1940, como a ata da 3^a e 4^a conferência de Diretoras; livreto de divulgação do primeiro Congresso Brasileiro de Enfermagem e jornais, encontra-se o nome de Safira Gomes Pereira. Em documentos da década de 1960, o nome está Safira Pereira Cardoso Machado. Compreendendo assim a mudança do seu estado civil para casada e o acréscimo do sobrenome Machado, mas não foi encontrado relatos sobre tal casamento.

Ainda muito jovem “tomou um ITA no Norte e veio para Rio estudar” (Paiva, 1961, p. 18). Estudou enfermagem na Escola de Enfermagem Anna Nery. Quando estava cursando o terceiro ano, fez parte de um grupo de enfermeiras destinadas a debelar uma epidemia, no Estado de São Paulo, resultado da revolução de 1932 (CMNPC, 1951; Paiva, 1961).

Foi comissionada pelo serviço Federal para organizar os postos de saúde pública em diversos estados do Brasil. Os esforços empreendidos por Safira no Serviço Sanitário do país foram de treinamento de visitadoras de saúde pública. Nesse trajeto, identificava alunas e as

encaminhava para EEAN, a fim de aumentar o número de alunas interessadas ao curso (Paiva, 1961).

Foi sócia da Associação das Ex-alunas da EEAN e da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas. Participou da editoração da revista Anais de Enfermagem, enquanto Edith M. Frankel era redatora Chefe e Zaira C. Vidal presidente da ABED. Participou da organização do primeiro congresso Nacional de Enfermagem, nas comissões de eleições e de resoluções (CDOC, 1947; CMNPC, 1951).

Em 1947 foi ao IX Congresso internacional, nos Estados Unidos, como Diretora da Divisão de Saúde Pública e permaneceu por três meses visitando Universidades, Escolas de Enfermagem, serviços de saúde pública e Hospitais. Realizou uma palestra sobre a “Lepra no Brasil, seu tratamento e resultados obtidos” (Paiva, 1961, p.18).

Reorganizou o Serviço de Saúde Pública no Brasil, em colaboração com Miss Curtis, do Sesp. E participou da 3ª e 5ª sessões da 3ª Conferência de Diretoras e da 4ª sessão da 4ª Conferência de Diretoras na Escola de Enfermagem Anna Nery, como representante Chefe do Serviço de Enfermagem de Saúde Pública (CDOC/EEAN/UFRJ, 1944a, 1944b, 1945).

Foi convidada para ser instrutora de enfermagem e chefe da Divisão de Ensino na Escola Rachel Haddock Lobo, ao ser inaugurada. Sua atuação na Escola foi marcante e seu nome anunciava respeito e veneração. Conhecida por sua bondade, ao ajudar a todos aqueles que de seu auxílio, necessitasse (Paiva, 1961).

Na Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo lecionou as disciplinas de Técnicas de Enfermagem, Técnicas Adiantada e Revisão de Técnica. Era uma profissional exemplar pela sua dedicação ao trabalho, assídua, pontual, cumpria o seu horário de trabalho e mais um pouco, sempre bem-humorada e alegre. Há relatos do prazer ao trabalhar sob a orientação de D. Safira, suas orientações, ensinamentos e comandos eram com firmeza e dedicação. (Paiva, 1961).

Em 1957 Safira P. C. Machado deixou a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo e foi para o dispensário de tuberculose, na rua Silveira Martins. Reorganizou o serviço que foi classificado pelos seus superiores como posto 1 em organização, tornando-se uma referência para o tratamento de tuberculose (Paiva, 1961).

Enfermeira e docente Guiomar Pereira Puppain

Nasceu em Vitória, no Estado do Espírito Santo, onde fez seu curso de Normalista. No qual, foi professora de curso primário por alguns anos. Ingressou na Escola de Enfermagem Anna Nery e com brilhantismo obteve seu título de Enfermeira diplomada (Paiva, 1961).

De inteligência admirável, a pena em suas mãos, tornava um instrumento de trabalho, pois era aparente a facilidade e propensão para literatura. Integrou a ABED-DF, cuja sua atuação contribuiu para o desenvolvimento da nova sessão, como na participação das primeiras reuniões e na elaboração do regimento, incluindo os tópicos de “Atribuições das Comissões Permanentes” e “Disposições Gerais”. Também atuou na organização do segundo e terceiro Congresso Nacional de Enfermagem do país (Paiva, 1961; Teixeira, 2015)

Prestou concurso pelo Departamento de Assistência e saúde pública, sendo nomeada imediatamente como Enfermeira de Saúde Pública para prestar serviços no Distrito Federal. Foi designada para prestar serviço à EERHL, que acabava de ser criada. Em uma sede provisória, na Esplanada do Castelo, Guiomar e D. Zaira passavam o dia inteiro planejando e organizando esquemas para a futura Escola (Paiva, 1961).

Foi assistente da Diretora e neste posto prestou inestimáveis serviços à Escola, inclusive substituindo a diretora em diversos períodos em sua ausência e sua atuação sempre se fez notar, como demonstra a portaria nº 145 do ato do sr. Secretário Geral de 09 de março de 1950, onde foi designada a cobrir as férias da professora Zaira Cintra Vidal. Lecionou as disciplinas de Higiene individual, Dietética infantil pediátrica. Assim, concluído suas atividades na EERHL em 1957 (Paiva, 1961).

CAPÍTULO 2 – AS ESTRATÉGIAS PARA A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA DE ENFERMEIRAS RACHEL HADDOCK LOBO E OS SEUS EFEITOS SIMBÓLICOS (1948 – 1951)

O presente capítulo disserta as estratégias de lutas dos agentes sociais para implantar a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo e seus efeitos simbólicos. No qual, os objetivos do capítulo foram de analisar e interpretar as estratégias de lutas e os efeitos simbólicos para implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo dos seus antecedentes até a formatura de sua primeira turma de enfermeiras.

Em 1943 o Prefeito dr. Henrique Dodsworth do Distrito Federal solicitou ao Instituto dos Negócios Internacionais dos EUA, a vinda de Clara Curtis, enfermeira formada pela Universidade de Columbia, para estudar e propor o regulamento das funções de Enfermagem de Saúde Pública do Distrito Federal, no qual a solicitação foi autorizada (Caldas, 1995).

Os agentes envolvidos com a melhoria do serviço de saúde da Prefeitura, espelhavam-se na trajetória de Carlos Chagas e seus feitos para Enfermagem moderna no país. O desejo era fazer o mesmo na Prefeitura do DF, já que a vinda das enfermeiras americanas era vista com muito êxito, pois haviam fundado uma Escola de grande renome no Distrito Federal, qual seja, a Escola de Enfermagem Anna Nery (Caldas, 1995).

As enfermeiras egressas e vinculadas à EEAN, eram reconhecidas no campo da educação em enfermagem, em face do capital incorporado por conta do pertencimento a uma instituição prestigiosa no cenário nacional. E em face desse reconhecimento, o Diretor Geral da Secretaria Geral de Saúde e Assistência da Prefeitura do DF, o médico, Djalma Cortes solicitou os serviços de Zaira Cintra Vidal, que em agosto de 1943 criou o Quadro de Loteamento de enfermeiras para os Hospitais da Secretaria Geral de Saúde e Assistência e elaborou o Regimento Interno do Serviço de Enfermagem do Departamento Hospitalar da SGSA. Em setembro, do mesmo ano, Zaira Cintra Vidal apresentou um plano para criação da Escola de Enfermagem a ser anexado a um anteprojeto dentro do Departamento Hospitalar da SGSA (CDOC/EEAN, 1943; CMNPC, 1951).

Em uma matéria jornalística, do Jornal do Brasil (RJ), em 1951, escrita pela jornalista Maria Elisa Pinto Lopes, em entrevista à professora Zaira Cintra Vidal, esta relata que, o motivo para a criação da Escola de Enfermeiras surgiu da necessidade de se dar à Prefeitura do Distrito Federal, um Serviço de Enfermagem que correspondesse as exigências dos hospitais e dos serviços de Saúde Pública. Na matéria, a jornalista dá os créditos de criação ao médico, Jesuíno Carlos de Albuquerque, então Secretário Geral de Saúde e Assistência, que

elaborou um projeto para a criação de uma Escola de Enfermagem de alto padrão para servir ao Distrito Federal. O Prefeito a época era Henrique Dodsworth, que segundo a matéria, compreendia bem os problemas enfrentados pela enfermagem da Prefeitura do Distrito Federal.

Assim, o prefeito, os médicos do Departamento Hospitalar da SGSA e as enfermeiras Clara Curtis e Zaira C. Vidal envidaram esforços para melhoria do Serviço de Saúde no Distrito Federal, os quais foram materializados pela criação da Escola de Enfermeiras, na Prefeitura do Distrito Federal, por meio do Decreto Nº 6.725, de 16 de fevereiro de 1944, o qual foi assinado pelo Presidente da República, Getúlio Vargas.

A Escola era destinada ao ensino técnico-profissional e especializado de enfermagem, como também, aperfeiçoar os conhecimentos do pessoal que exercia as funções de enfermagem nos serviços de saúde subordinados à Prefeitura dos Distrito Federal (Brasil, 1944). Cabe dizer que o ensino do pessoal dos Serviços de Saúde do DF havia iniciado desde 1942, enquanto Zaira Cintra Vidal era professora da EEAN. O ensino foi formalizado no DF, em 1944, com a criação da EERHL. O curso de enfermeiras iniciou em 1948 com a primeira turma e o ensino especializado em 1955 com o curso de pós-graduação Professor em Enfermagem e Chefia Hospitalar (Paiva, 1961; Caldas, 1995).

Criada a Escola os trabalhos foram voltados para organizar o Regulamento Interno, de modo a nortear a vida escolar. Antes mesmo de Zaira ser nomeada diretora, o Regulamento foi baixado pelo Decreto Nº 7.803, de 31/08/1944. Mas foi ocorrendo modificações até sua inauguração (Jornal do Brasil – RJ, 1951).

A denominação: Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo

A escolha de Rachel Haddock Lobo, para dar nome a escola, evoca uma mulher-enfermeira e ex-diretora de uma renomada escola, qual seja, a Escola de Enfermagem Anna Nery, portanto, reconhecida no cenário nacional. Essa escolha simboliza uma estratégia empreendida pela Professora Zaira Cintra Vidal, para vincular o nome de uma figura prestigiosa da enfermagem brasileira à recém-criada escola de enfermeiras do Distrito Federal.

Rachel Haddock Lobo, nascida em 1891, no Rio de Janeiro, era pertencente a uma família de destaque. Iniciou sua carreira como enfermeira, participando da 1ª Guerra Mundial, na França. Recebeu reconhecimento por seus serviços no exterior. Quando voltou ao

Brasil, trabalhou na Fundação Graffée Guinle e, posteriormente, na Escola de Enfermagem Anna Nery (Santos e Barreira, 2002).

Com formação na França e nos Estados Unidos, destacou-se por sua atuação no ensino da enfermagem e na introdução de novas práticas na área, além de seu compromisso social, como a criação de cursos para mães carentes e o apoio em momentos de conflitos no país, como a Revolução Constitucionalista, em 1932 (Santos e Barreira, 2002).

Ao longo de sua trajetória, Rachel assumiu diversos papéis na enfermagem, desde docente até diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery, onde contribuiu para a formação de novos profissionais e para o desenvolvimento da profissão no Brasil. Suas atividades envolveram não só o ensino teórico, mas também práticas inovadoras, como a organização de Serviços de Enfermagem em tempos de crise e sua participação na Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas e na revista *Annaes de Enfermagem* (Santos e Barreira, 2002).

Rachel Haddock Lobo se destacou como uma figura importante que influenciou a enfermagem brasileira, sendo lembrada através do culto à sua memória e da criação de um mito em torno de sua figura, que reverencia seu legado e impacto na profissão. Com sua dedicação à enfermagem, comprometimento social e atuação em momentos-chave da história do país, Rachel Haddock Lobo se tornou um símbolo para as novas gerações de enfermeiras brasileiras (Santos e Barreira, 2002).

Seu legado é marcado não apenas por sua formação acadêmica e experiência prática, mas também pela sua influência no reconhecimento e valorização da profissão de enfermeira diplomada. A criação do mito em torno de sua figura ressalta não apenas suas realizações individuais, mas também o efeito simbólico de sua atuação para a construção da identidade e dignidade das enfermeiras no Brasil (Santos e Barreira, 2002).

Desta maneira, através da resolução Nº 8, de 21 de junho de 1944, O prefeito nomeou a Escola da Prefeitura do Distrito Federal de Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. O secretário Geral, expôs os motivos pelo qual deveria nomear a escola como tal:

I. Considerando o exemplo magnífico de bondade e solidariedade humana que foi a vida de RACHEL HADDOCK LOBO, inteiramente consagrada aos sofredores e desamparados; II. Considerando os esforços que empregou para elevar, em nosso meio, o conceito da enfermagem, fazendo cursos brilhantes no exterior, concorrendo, em seu incansável devotamento, para debelar o surto epidêmico da varíola, dirigindo os serviços de socorro, em Niterói, criando, no Hospital São Francisco de Assis, para mães pobres, um curso especial de alimentação, organizando o serviço de enfermeiras, nas próprias linhas de frente, durante a revolução de São Paulo, prestando, a convite da missão americana, sua colaboração na criação da Escola de Enfermeiras Anna Nery que, mais tarde, premiou sua competência e dedicação entregando-lhe a direção daquela já famosa instituição; III. considerando que, como Diretora da

Escola, sua única preocupação passou a constituir a formação de alunas que, além dos conhecimentos técnicos, incarnassem realmente o espírito de abnegação e sacrifício da verdadeira enfermeira, pelo amor, entusiasmo e fé na profissão que abraçaram; IV. considerando os trabalhos que realizou, como membro de inúmeras associações, quer no Brasil, como na América do Norte; V. considerando que ao poder público impõe-se o dever de, num preito de justiça e gratidão, fazer lembrar os nomes daqueles que souberam sacrificar seus interesses e conveniências em favor da coletividade, perpetuando sua memória nos estabelecimentos criados pela administração; VI. Tenho a honra de propor à Vossa Excelência seja dada a denominação de "RACHEL HADDOCK LOBO" a Escola de Enfermeiras criada, na Prefeitura do Distrito Federal, pelo Decreto-Lei nº 6.275 de 16 de fevereiro de 1944. [...] Dr. Ary Pinheiro de Oliveira Lima - Secretário Geral (CALDAS, 1995, p.67-68).

Assim, o texto deixa claro o capital simbólico de Rachel Haddock Lobo e o lucro simbólico que esse capital agrega à denominação de uma escola de enfermeiras à época. Os capitais (profissional, cultural, social), ou seja, seu *habitus*, foram ressaltados. Ademais, qualidades intrínsecas à natureza feminina (sua bondade, solidariedade humana, espírito de abnegação, sacrifício, amor, entusiasmo e a fé na profissão). Sua distinção, também foi pontuada, com base em sua contribuição à sociedade da época. O capital cultural no estado institucionalizado é citado com os estudos no exterior e a ocupação de diretora em uma instituição de renome.

É notável a distinção e as realizações de Rachel Haddock Lobo para o campo da enfermagem e para os cidadãos brasileiros. Assim, a formalização do nome foi feita pelo Secretário Geral e o Prefeito, mas, no pano de fundo dessas decisões formais por resoluções, acredita-se que Zaira C. Vidal possuiu forte influência em tal decisão. A admiração e ligação com a professora Rachel Haddock Lobo era evidente, com o reconhecimento de Rachel ao trabalho desenvolvido por Zaira na EEAN, a união na editoração da revista *Annaes de Enfermagem* e com as memoráveis palavras de Rachel no Prefácio do livro de Zaira Vidal “Técnicas de enfermagem”, já citado no capítulo anterior.

Em anúncios de jornais, referindo-se à Escola, era escrito Escola Rachel Haddock Lobo, sem a palavra Enfermeiras, demonstrando a autoridade do nome, do significado para o campo da enfermagem e saúde. Mesmo possuindo economia de palavras nos jornais, isso demonstra como o seu nome já a conectava com a Enfermagem e a simbologia de alto padrão que a escola queria passar para sociedade.

Rachel Haddock Lobo teve uma morte precoce, vindo a falecer no dia 25 de setembro de 1933, devido a complicações no pós-operatório de colecistectomia. Durante o seu sepultamento o médico e professor Carlos Chagas proferiu um discurso que condecorou a imagem de heroína e mulher caridosa, abnegada, símbolo do amor genuíno, piedosa, um

exemplo a ser seguido e ainda recomendou que seus feitos deveriam ser perpetuados e sua memória preservada por gerações para outras enfermeiras (Santos e Barreira, 2002).

Durante o avançar do capítulo ficará claro o quanto as professoras e alunas incorporaram as ideias de Rachel Haddock Lobo, suas disposições internas e plasmaram seus *habitus* profissional, pois esse trabalho de assimilação requer esforço e tempo dos agentes. Os pensamentos perpetuados por Rachel e sua memória resiste até os dias de hoje na Faculdade de Enfermagem da UERJ com homenagens de espaço importante como o seu Auditório Central e o nome do Centro Acadêmico dirigido pelos estudantes.

Dentro da lógica da dominação masculina, para além do que foi exposto, o nome de Rachel Haddock Lobo, pode ter sido bem aceito pelos homens no poder, por ser de origem familiar de grande capital simbólico. Carregava o nome do seu avô paterno Roberto Jorge Haddock Lobo, que nasceu em 19 de fevereiro de 1817 em Cascais, Portugal. Seu avô veio para Brasil e cursou Medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; foi eleito Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, em 1846; exerceu o cargo de Redator dos Anais de Medicina, nos períodos de 1847 a 1850; realizou a primeira anestesia com éter no país. Além disso, estudava, também, os problemas sociais e administrativos do Município do Rio de Janeiro. Foi Vereador pelo Partido Conservador avançando para o cargo de presidência da Câmara, onde realizou melhorias na cidade do Rio de Janeiro. Foi Tenente Cirurgião do Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional do Exército. Recebeu diversos títulos como o de Oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro, Dignatário da Ordem Rosa e Comendador da Ordem do Cristo. Residiu na rua Engenho Velho, na Tijuca, Rio de Janeiro, até a sua morte, no dia 30 de dezembro de 1869. Após isso, recebeu homenagens com o nome da sua rua, que passou a chamar-se rua Haddock Lobo. Somado a isso, em São Paulo, uma das principais vias do Jardim Paulista, bairro da cidade de São Paulo, é também homenageado com o nome de Haddock Lobo (Santos e Oliveira, 2002; Academia Nacional de Medicina, 2023).

Certamente essa herança sociológica de Rachel protagonizada por membro da família do sexo masculino e médico, caminhou pari e passu para as oportunidades que Rachel obteve no campo da saúde e sobretudo, da educação em enfermagem, bem como a aquiescência de seu nome, para a denominação de uma escola no Distrito Federal, especialmente por homens que eram mandatários do poder governamental, Isso porque:

As próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional da divisão entre o masculino e feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo o econômico, sobre a produção), ao passo que as mulheres ficam destinadas

(predominantemente) ao espaço privado (domésticos, lugar de reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalar) e educativo, ou ainda aos universos da produção simbólica (Bourdieu, 2020, p.154).

Desta maneira, mesmo tendo o nome de uma Enfermeira mulher em uma Escola de Enfermeiras, voltado para o cuidado, permanecia a regra do jogo e a divisão do trabalho de homem médico e mulher enfermeira, ativo e passivo, intelectual e manual (Bourdieu, 2020). Assim, a manutenção das regras do jogo e do apito dos dominadores.

Com tudo isso, as estratégias de luta e os efeitos simbólicos, são evidentes, na escolha do nome de Rachel Haddock Lobo. Seu nome de boa família aristocrática, médicos, colonizadores, mantendo a lógica dominante, logo, maior aceitação no campo e nos lucros simbólicos. Além do que, no campo da enfermagem, os lucros simbólicos da nomeação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock lobo estavam vinculados as mais nobres qualidades femininas, capital cultural elevado com sua formação no exterior, cargos importantes como a primeira brasileira na direção da EEAN, primeira redatora chefe do Annaes de enfermagem e todos os seus serviços prestados à população.

Dito isso, a imposição de um nome é a imposição de uma identidade e uma essência social “instituir, atribuir uma essência, uma competência, é o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser (ou um dever de ser). É fazer ver a alguém o que ele é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade” (Bourdieu, 2022, p.100).

Assim, a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo ao receber esse nome honrado no campo da enfermagem assume o compromisso da incorporação do *habitus* profissional e a essência dos princípios e valores de sua patrona Rachel Haddock Lobo.

Zaira Cintra Vidal: da designação do cargo de diretora à inauguração

Ary Pinheiro de Oliveira Lima foi responsável por designar Zaira Cintra Vidal como Diretora da EERHL. Ele estudou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, enquanto estudante, já auxiliava o Serviço Médico do Posto Central da Assistência Pública. Formou-se em 1918, foi efetivado médico pela municipalidade de modo interino, ascendendo a subcomissário em 1922 e a médico cirurgião em 1928. Trabalhou na Pro Matre, comandou o Ambulatório da Fábrica Mazca e Chefiou os Serviços Médicos da Caixa de Aposentadorias e Pensões da Light. No ano de 1939, foi nomeado para a Direção do Asilo São Francisco de

Assis, na qual permaneceu até a sua designação como Diretor do Hospital do Pronto Socorro em 1942 (Mathias, 2023).

Sendo assim, Ary Pinheiro trabalhou com as enfermeiras da EEAN no Asilo São Francisco de Assis e, conseqüentemente muito próximo de Zaira Cintra Vidal. Durante sua Gestão no Hospital do Pronto Socorro, Zaira foi responsável por organizar o Serviço de Enfermagem deste hospital e de outros serviços da prefeitura do DF (CDOC, 1943; Mathias, 2023).

A atuação de Ary Lima o levou ao cargo de Secretário Geral de Saúde e Assistência, em fevereiro de 1944. Sua gestão foi marcada por uma continuidade do Governo de Henrique Dodsworth, ampliando a rede hospitalar e reformando as unidades já existentes. Ressalta-se a criação do Instituto Médico Cirúrgico, do Instituto de Cardiologia, da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo e do Banco de Sangue do Rio de Janeiro. Sua administração foi marcada, também, pelo combate à tuberculose e à outras doenças infectocontagiosas que assolavam a população carioca (Mathias, 2023).

Em janeiro de 1945 o médico Ary de Oliveira Lima, indicou ao cargo a Direção da Escola a Enfermeira, Zaira Cintra Vidal. Também fez as primeiras designações dos médicos que iriam compor o corpo docente da EERHL (Jornal do Brasil, 1951). Assim, as lutas empreendidas, pela Professora Zaira, em busca do reconhecimento de seu capital simbólico, lograram êxito, pois, ocupou posições de poder e prestígio no campo da enfermagem brasileira e da saúde da Prefeitura do DF.

Sendo mais uma Escola de Enfermagem criada na capital federal, dentro da Prefeitura do Distrito Federal, não poderia ser mais uma escola de enfermeiras, afinal a escola estava sendo criada na prefeitura da maior cidade do país. Sendo assim, sua direção deveria representar a enfermagem brasileira. Assim, foi eleita a diretora dessa escola, Zaira Cintra Vidal, formada na Escola de Enfermagem Anna Nery, pós-graduada nos EUA, presidente da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas, autora do primeiro e maior livro que ditava as técnicas de enfermagem no país. O capital simbólico acumulado no e pelo campo da enfermagem e da saúde permitiu a capitalização de lucros simbólicos e como chancela para a ocupação do cargo mais importante da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo.

O capital social de Zaira Cintra Vidal, era evidente, pois detinha uma rede duradoura de relações profissionais com as enfermeiras americanas como Clara Louise Kieninger, Clara Curtis, Elizabeth Tennant, S. Gertrude E. Hodgman, e com as enfermeiras brasileiras Edith M. Franckel e muitas professoras da EEAN e integrantes da Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas. Tais interações profissionais conferem “os lucros que o

pertencimento a um grupo proporciona estão na base da solidariedade que os torna possível” (Bourdieu, 2023, p.114). Assim, também o lucro do pertencimento de grupos a tornou a pessoa ideal para dirigir e representar a EERHL.

A Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo e a Reunião de Diretoras das Escolas de Enfermagem

Zaira Cintra Vidal, na qualidade de diretora da EERHL, participava da reunião de diretoras sediada pela EEAN presidida pela Diretora Laís Netto dos Reys. As reuniões foram demarcadas com a presença de diretoras de escolas de enfermagem e chefes de serviços de enfermagem. Havia tensões e lutas distintas entre as agentes da enfermagem para defender e manter o seu poder simbólico em jogo. As religiosas, por exemplo, lutavam pela preponderância dos cuidados dos enfermos e necessitados no ambiente hospitalar, de modo a deixar facultativo o estágio de saúde pública, aumentando o tempo preliminar; as professoras da EEAN lutavam pela manutenção do seu espaço de poder em enunciar as regras do jogo no que dizia respeito, por exemplo, a regulamentação do Curso de Auxiliar de enfermagem e a Enfermeira de Saúde Pública; além de outras lutas, como outras escolas públicas, a ABED e as americanas do Sesp no progresso da imagem, reconhecimento e regulamentação do ensino e da profissão para sociedade brasileira (CDOC, 1943).

A primeira reunião ocorreu no período de 20 a 27 de novembro de 1943, no Pavilhão de Aulas da EEAN, com a celebração de uma missa na capela da escola pelo D. Jaime de Barros Câmara. Na pauta da reunião constava dezenove pontos, o que denota a alta demanda de assuntos relevantes para o desenvolvimento da profissão. Houve debate sobre o Currículo Mínimo, no que tange a duração da etapa “Preliminar” do curso, as religiosas defendiam a duração de um ano; Edith de M Fraenkel falou em favor de seis meses. Após discussão e colocado em votação, foi aprovada a posição defendida pelas religiosas. Em continuidade da discussão sobre os pontos constantes na referida pauta, a Diretora da EEAN, falou em defesa da regulamentação do Curso de Auxiliar de Enfermagem, argumentando que o cuidado à população estava entregue às pessoas leigas. Contudo, nessa reunião o assunto não foi discutido, sendo adiado para as próximas reuniões (CDOC, 1943).

Na Ata da 3ª Sessão preparatória da 3ª reunião de diretoras, que ocorreu em 27 de setembro de 1944, a Professora Zaira Cintra Vidal deixa registrado sua “satisfação íntima em ter melhorado 80% do seu pessoal” (CDOC, 1944), ao referir-se aos serviços hospitalares

organizados e o treinamento do pessoal que prestava o cuidado de enfermagem nos serviços da Prefeitura do DF. Afinal, A EERHL possuía esse objetivo desde sua criação.

Em face de a Professora Zaira Cintra Vidal acumular os cargos de Diretora da EERHL e de Presidente da ABEB, também apresentava demandas derivadas da associação. Isso ocorreu, por exemplo na 4ª reunião, conforme consta na ata. Não obstante, na 2ª reunião da 4ª conferência de Diretoras de Escolas de Enfermagem estava mencionada sua participação na qualidade de Diretora da EERHL. Na primeira ata da 1ª reunião da 5ª conferência, de 16 de julho de 1945, professora Zaira está apresentada como Diretora da EERHL (CDOC, 1945). Em um anúncio do Jornal do Brasil (1945), um meio de comunicação de grande circulação do Rio de Janeiro, Zaira está apresentada como Diretora da EERHL e como Presidente da ABED.

Sendo assim, os assuntos mencionados por Zaira foram: seus feitos na capacitação do pessoal da prefeitura; a regulamentação da profissão que culminou na materialização da lei de 1949; seu pensamento próximo com as dirigentes de São Paulo e com as religiosas com a não obrigação do estágio em saúde pública; a defesa do aumento de formação de enfermeiras hospitalares; a respeito do Annaes de Enfermagem; e sua mudança de opinião para regulamentação e criação do curso de auxiliares de enfermagem sendo instigada pela presidente da sessão com a seguinte fala: “dona Zaira Vidal por pouco está chegando a realidade do problema” e Zaira responde “mudei de ideia em face da necessidade premente do mesmo” (do problema e a pressão que a enfermagem sofria pela sociedade para criação do curso de auxiliares) (CDOC, 1944; CDOC, 1045^a; CDOC, 1045^b).

Sendo assim, a participação de Zaira Cintra Vidal nas reuniões de diretoras na qualidade de presidente da ABED e como Diretora da EERHL, antes mesmo de sua inauguração, fez com que ela capitalizasse lucros simbólicos para demarcação do espaço ocupado pela EERHL no campo da educação em enfermagem do país.

Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo: inauguração e funcionamento

A escola possuía antes de sua inauguração, além da diretora e professoras, o funcionário Manoel do Nascimento, na função de zelador. Esse funcionário já atuava em 1945 e era responsável por auxiliar a Professora no tocante a guarda de materiais e equipamentos, destinados à escola, em um depósito improvisado no Pavilhão do Hospital São Sebastião. Esse funcionário era lembrado pelas professoras e alunas da época, pois não media esforços e se doava para o bem-estar das alunas e professoras (Paiva, 1961).

Assim, na EERHL, antes mesmo de sua inauguração, havia funcionários desempenhando funções específicas e participando de espaços representativos para enfermagem. Nesse mister, é evidente a atuação sistemática da professora Zaíra junto aos envolvidos com a organização da escola antes da sua inauguração. Isso porque já havia designação e capacitação do pessoal, Regulamento e Regimento Interno. Contudo, nesse momento a escola ainda não contava com um espaço específico para sua inauguração e funcionamento do curso de Enfermeiras.

Nesse intento, esforços foram empregados para alugar uma casa que ajustasse as necessidades do curso. Todavia, os meses se passaram sem que fosse encontrado um prédio adequado. Com essa situação, o então Secretário Geral de Saúde e Assistência, Ary de Oliveira, resolveu construir uma sede provisória na área do Hospital S. Sebastião, no Caju. Um prédio de dois andares que resolvesse provisoriamente como sede da Escola (Jornal do Brasil, 1951).

Houve o início das obras da sede provisória, porém com a redemocratização do país e as mudanças das figuras de poder no campo político, ocorreu uma descontinuidade das ideias anteriores, passando por uma dificuldade administrativa, e a interrupção das obras da sua primeira sede provisória (Jornal do Brasil, 1951).

Até que, em setembro de 1947, o médico Luiz Caprigilone, foi escolhido Secretário Geral de Saúde e Assistência do Distrito Federal. Luíz ficou pouco tempo no cargo, pois, as relações profissionais eram difíceis com o Prefeito Ângelo Mendes de Moraes (1947-1951), mas obteve êxito no tocante ao reinício das obras da escola. Certamente, o fato de Luiz Caprigilone ter atuado como médico no Hospital São Francisco de Assis e Professor da Escola de Enfermagem Anna Nery, tenha oportunizado conhecer a importância da formar enfermeiras diplomadas para dar conta das questões de saúde do país. Luiz Caprigilone não só determinou o reinício das obras como estabeleceu o prazo de um mês para a sua conclusão. E, em maio de 1948, a obra foi concluída (Jornal do Brasil, 1951; Mathias, 2023).

A inauguração da sede provisória da EERHL, foi no dia 20 de junho de 1948. Em sua placa de inauguração consta a data 16 de junho, porém foi adiada por imprevisto de comparecimento das autoridades. A época era Presidente da República o General Eurico Gaspar Dutra, Prefeito do Distrito Federal Prof^o Ângelo Mendes de Moraes e Secretário Geral de Saúde e Assistência o Professor Samuel Libanio, como consta na figura 2 (CMNPC; Caldas, 1995).

Figura 2 – Placa de inauguração da sede provisória da EERHL



Placa feita para o dia da inauguração da sede provisória da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. Ano: 1948 Fonte: CMNPC. Localização: exposto na parede no CMNPC.

A troca da data de inauguração foi uma estratégia de luta dos agentes envolvidos para que todas as autoridades da Prefeitura do Distrito Federal estivessem presentes. Afinal a posição social dos que proferiram o discurso possuem a maior representação da linguagem institucional, oficial, legítimo e ortodoxo (Bourdieu, 2022). Gerando efeitos simbólicos no reconhecimento e prestígio social para nova escola que estava sendo inaugurada.

Sendo assim, autoridades de grande nome estiveram presentes na inauguração da EERHL. Como demonstra na figura 3, da esquerda para a direita, em primeiro plano, Zaíra Cintra Vidal é a primeira figura fotografada e está ao lado, à sua esquerda, por uma mulher em traje civil, não identificada. A vestimenta dessa mulher evidencia poder aquisitivo alto, pois ostenta joias, penas e casaco distinto das demais. O Prefeito Ângelo Mendes de Moraes é a quarta figura, da esquerda para a direita, sua vestimenta é terno com gravata. Os demais não foram identificados.

A ausência de identificação de figuras importante no campo da enfermagem chama atenção na fotografia, como membros da ABED e diretoras de outras Escolas de Enfermeiras. Certamente houve outras fotografias e documentos como ata e lista de presença produzidos no dia da inauguração, constando as pessoas presentes na cerimônia, porém essas fontes não foram encontradas no Centro de Memória Nalva Pereira Caldas.

Figura 3 – Inauguração da sede provisória da EERHL



Fotografia de inauguração da EERHL, sede provisória, no bairro do Caju, DF. Na imagem o prefeito, vereadores, jornalistas, enfermeiras e a diretora da Escola uniformizada. Ano: 1948 Fonte: CMNPC. Localização: fichário de aço.

A cerimônia de inauguração foi presidida pelo prefeito Mendes de Moraes e esteve presente dois secretários gerais, vereadores e jornalistas. Zaíra, em seu discurso, enalteceu a obra do governador da cidade em favor do preparo das enfermeiras para os hospitais da cidade. O vereador Álvaro Dias, integrante da comissão de saúde da Câmara municipal, salientou o significado da obra, aproveitando o momento para promover mais a prefeitura e relatando que seria o marco de muitas obras. E, por fim, a fala do prefeito Mendes de Moraes, em um discurso de poucas palavras, agradeceu dizendo estar satisfeito com as realizações do seu primeiro aniversário da administração e que possuía os planos de dar continuidade com o programa que foi traçado, almejando os interesses da população carioca (jornal Diário de Notícias, 1948).

Assim, o ritual institucional de inauguração reside na magia do sistema de relações sociais que constitui o próprio ato tornando possível e socialmente reconhecido e eficiente. Afinal os convites e os presentes formavam nitidamente a produção dos emissores e receptores legítimos (Bourdieu, 2022).

Em uma matéria do jornal Diário de Notícias do Rio de Janeiro intitulada “Inaugurada a Escola de Enfermeiros da Prefeitura”, do dia 22 de junho de 1948 (p.6). Relatava que a

inauguração da Escola havia encerrado as solenidades comemorativas do primeiro aniversário da gestão do prefeito Ângelo Mendes de Moraes. Com isso, fica claro os efeitos simbólicos de uma inauguração de uma escola de enfermagem para a qualidade e bem-estar da população, e a sua utilização como arma no campo políticos no DF para angariar maior prestígio social em sua gestão.

Vale ressaltar que, antes mesmo da chegada das alunas da EERHL, a segunda edição do Congresso Nacional de Enfermeiras já contou com as professoras da referida escola na sua organização. Professora Zaira presidiu a comissão de registro e participou das comissões de monitoria, de legislação e Annaes de Enfermagem. Zaíra fez ainda uma fala durante a Seção do Distrito Federal intitulada “A organização da A.B.E.D e as vantagens de se pertencer a um órgão de classe”; Professora Safira Pereira presidiu a comissão de exposição geral, junto com a participação de Clara Curtis; e Guiomar Pereira Puppaim participou da comissão de Programas, no preparo de cédulas para as eleições (CDOC, 1948).

Além dessas lutas empreendidas pelas professoras, a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo possuía um local/stand para exposição e propaganda do curso recém inaugurado, juntamente com outras escolas de enfermagem como: Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade do Brasil, Escola de Enfermeiras da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo, Escola de Enfermagem Carlos Chagas, Escola de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo e Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira. No congresso houve outros expositores como o Serviço Nacional de Saúde Pública, as sessões da Amazônia e da Bahia da ABED, trabalhos de enfermagem de saúde pública do Departamento de Higiene, Nestlé, Livraria Agir, Indústrias farmacêuticas, Indústria de material hospitalar, e companhias americanas (CDOC, 1948).

Portanto, é evidente os efeitos simbólicos na participação da EERHL e de suas professoras no 2º Congresso Nacional de Enfermagem da ABED, antes mesmo de receber a sua primeira turma. O que demonstra que, a participação no Congresso já era um investimento das professoras da escola em atualizar o seu capital profissional e ampliar o capital social, angariando lucros simbólicos para EERHL.

Desta maneira, a Escola é germinada com o *habitus* profissional forjado dentro da Associação Brasileiras de Enfermeiras Diplomadas, com a ideias e inovações da democracia, participação social e organização da classe trabalhadora. Ocupando espaços importantes, devido sua diretora, professoras e todo capital social que elas possuíam. A Escola era munida

como armas no jogo o apoio de grandes figuras, de maior capital cultural no campo da enfermagem do país.

Em 1944, por meio do processo de nº 7893 de 31 de agosto, foi aprovado o regimento interno da EERHL, que passou por mudanças com o processo de nº 23 513/50 – 173. O regimento interno da EERHL, foi aprovado pela comissão de estatutos e regimento do conselho nacional de educação do Ministério de Educação e Cultura.

O artigo primeiro do regimento interno da EERHL ratifica e está em conformidade com o artigo primeiro de sua legislação de criação nº 6.725 de 16 de fevereiro de 1944, cuja a finalidade era de preparar enfermeiras profissionais para o serviço de saúde, compreendendo trabalhos gerais e especializados de enfermagem hospitalar e de saúde pública, e bem assim, aperfeiçoar os conhecimentos do pessoal de enfermagem da Prefeitura do Distrito Federal.

No seu artigo segundo, do regimento interno (1950), a Escola relata que manteria dois cursos, sendo eles: o curso de enfermagem e o curso de pós-graduação. Isto reflete nas ideias de Zaira pois em suas observações na América do Norte, relatou que a Divisão de Enfermagem do Departamento Hospitalar da Cidade de Nova York trabalhava em conexão com os Hospitais da cidade e possuía como finalidade controlar a serviço de enfermagem dos hospitais da Prefeitura, e orientar os hospitais que possuem Escolas de Enfermagem. Essa divisão possuía escolas de enfermeiras profissionais, enfermeiras práticas e atendentes. No entanto, não era permitido à Escola de enfermeiras profissionais manter curso para enfermeiras práticas ou atendentes (CDOC, 1943).

Professora Zaira se declarava a favor do curso de auxiliares, mas que não iria realizá-lo dentro da Escola, como observado nos EUA. Ela relata na 4ª sessão da 3ª conferência de Diretoras da Escola de Enfermagem Anna Nery que “daqui há 3 anos com 30 diplomadas e então sim farei o curso. Por enquanto estou aperfeiçoando o meu pessoal e se há 20 anos há atendentes mais 3 não causara grandes transtornos. O principal problema é das Diplomadas” (CDOC, 1944). Mais uma vez, ratificando, que Zaira aperfeiçoava o pessoal que realizava serviços de enfermagem na Prefeitura do DF, até mesmo como atendentes, compreendendo uma das funções da Criação da EERHL em 1944. Sendo assim, fica claro que a escola funcionava desde sua criação cumprindo uma de suas finalidades.

Embora ter relatado ser a favor do curso de auxiliares, professora Zaira entendia que a emergência maior era o baixo quantitativo de enfermeiras diplomadas, assim suas lutas empreendidas na EERHL foram voltadas para os trabalhadores da enfermagem da Prefeitura do DF, ensino de graduação e pós-graduação, enquanto se manteve como diretora, o curso de auxiliares de enfermagem não existiu (Paiva, 1961), mesmo sendo Regulamentado pela Lei nº

775, de 6 de agosto de 1949. Com isso, Zaira mantendo a lógica observada nos EUA de desassociar o ensino superior de enfermeiras para o de enfermeiras práticas ou atendentes, que no Brasil tornou-se auxiliares de enfermagem (Vidal, 1943).

O currículo da EERHL foi planejado com base no currículo Guide, de acordo com o manual intitulado “Fundamentos de uma Boa Escola de Enfermagem”, construído pela Liga Nacional do Ensino de Enfermagem, no Estado de Nova York, em 1936, sendo a segunda edição em português em 1951, traduzida e publicada pelo Sesp, com ajuda de enfermeiras brasileiras.

O currículo é um avanço da discussão das enfermeiras americanas e canadenses, a Liga Nacional de Educação em Enfermagem, anteriormente citado as edições de 1917 e atualizado em 1927, implementados na EEAN. O Currículo Guide foi referência para a criação da lei nº 775 de 1949, que dispunha sobre o currículo dos cursos de enfermagem, que passava exigir conclusão do curso colegial (atual ensino médio) e o curso deveria ter duração de 36 meses.

Desta maneira, a duração do curso de Enfermagem da EERHL era de 36 meses, sendo 45 dias anuais de férias, como era regulamentado na lei nº 775. Como também, o tempo de duração de curso da Escola de Enfermagem da USP (Campos, Carrijo, Campai, 2020) e entre as Escolas de Enfermagem da América do Norte, visitadas pela professora Zaira Vidal. como: No New-York hospital, Columbia Medical Center, Divisão de Enfermagem do Departamento Hospitalar da Cidade de Nova York e Vanderbilt University School of Nursing. Em Western Reserve University School of Nursing o curso era feito em 27 meses e Yale University em 28 meses. Outras universidades com o tempo de 4 anos como a Skidmore College e Toronto University School of Nursng (Vidal, 1943).

Os seis primeiros meses, do curso de enfermagem da EERHL, eram considerados probatórios, no qual as alunas ficariam sob especial atenção da diretora e dos docentes, para poder confirmar ou não a matrícula segundo suas qualidades individuais e aptidão. O julgamento seria por provas e atitudes das alunas. A prova era aplicada as regras psicotécnicas por profissionais habilitados e as atitudes a serem observadas e julgadas era voltada para qualidade individual relacionada a enfermagem (Vidal, 1943).

Em Escolas Americanas, também, havia o período probatório ou pré-clínico, como a Escola de Enfermagem do New-york Hospital. Em outras diferenciavam os estudos iniciais dependendo do grau de escolaridade da aluna. As que possuíam o ensino completo duravam menos o curso e saia com o diploma distinto de enfermeira e o grau de Master, ou grau de

bacharel. As com ensino inferior recebia apenas o título de Enfermeira Diplomada (Vidal, 1943).

O curso era dividido em 4 series, cada um contendo 9 meses. No regulamento consta mais disciplinas por estarem separadas, mas na prática algumas disciplinas eram juntas, como microbiologia e parasitologia, por exemplo. As disciplinas eram divididas entre médicos e enfermeiras, sendo 30 disciplinas ofertadas por médicos e 27 por enfermeiras. Assim as disciplinas e os seus respectivos professores do curso de enfermagem foram as seguintes (Paiva, 1961):

- 1- Anatomia – Dr. João Cardoso de Castro
- 2- Fisiologia Dr. Antonio Rodrigues da Cunha
- 3- Bioquímica – Dr. Italo Viviane Mattoso
- 4- Microbiologia e Parasitologia – Dr. Isaias de Oliveira Sobrinho
- 5- Psicologia – Dr. Domicio de Arruda Camara
- 6- Sociologia –Dr. Roberto Pessôa e Dr. Vitor Moura
- 7- História da Enfermagem – Zaíra Cintra Vidal
- 8- Arte de enfermagem – Safira Pereira Cardoso Machado
- 9- Ajustamento profissional (Ética) – Zaíra Cintra Vidal
- 10- Aspecto Social da Doença – Dr. Vitor Tavares de Moura
- 11- Saneamento Dr. Aristides Paz de Almeida
- 12- Técnicas de Enfermagem - Drogas e Soluções – Zaira Cintra Vidal
- 13- Nutrição – Dr. José Messias do Castro
- 14- Arte Culinária – Cirene Coutinho
- 15- Técnicas adiantadas- Safira Pereira Cardoso Machado
- 16- Patologia Geral – Dr. Luiz Felipe Saldanha da Gama Murgel
- 17- Patologia Médica – Dr. Paulo Artur Pinto da Rocha
- 18- Enfermagem em Patologia Médica – Mintza Zbarkey
- 19- Patologia Cirúrgica – Dr. Joaquim Azarias de Brito
- 20- Enfermagem em Patologia Cirúrgica – Zaira Cintra Vidal
- 21- Farmacologia e terapêutica – Dr. Luiz Felipe Saldanha da Gama Murgel
- 22- Massagem – Adeline Zourob
- 23- Dietoterapia – Dr. José Messias do Carmo
- 24- Dietoterapia Pratico – Cirene Coutinho
- 25- Pediatria – Dr. David Pillar
- 26- Enfermagem em Pediatria – Aleine Fernandes do Cabo
- 27- Dietoterapia Infantil – Dr. Alvaro Monteiro
- 28- Doenças Transmissíveis – Dr. Aristides Paz de Almeida
- 29- Enfermagem em Doenças Trasmisiveis – Edméa Cabral Velho
- 30- Obstetrícia – Dr Ivan de Oliveira Figueredo
- 31- Enfermagem em Obstetrícia – Amanda Nogueira Paiva
- 32- Técnica de Sala de Operação – Zulmira de Assis Paiva
- 33- Ginecologia e Urologia – Dr. Oswaldo Gonçalves
- 34- Ortopedia – Dr. Dagmar Aderaldo Chaves
- 35- Enfermagem em Ortopedia – Eva Maria Gomes Cunha
- 36- Enfermagem em Urologia e Ginecologia – Lúcia da Conceição Costa França
- 37- Neurologia – Dr. Domingos Guilherme F. Costa
- 38- Revisão de Técnicas – Safira Pereira Cardoso Machado

- 39- Medicina preventiva – Dr. Arnaldo de Oliveira Coelho
- 40- Tisiologia – Dr. José Domingues Machado Filho
- 41- O.R.L. – Dr. Humberto Costa Ramos
- 42- Enfermagem em O.R.L. – Mintza Zbarsky
- 43- Oftalmologia – Dr. Orlando de M. Simões
- 44- Enfermagem em Oftalmologia – Mintza Zbaraky
- 45- Primeiros Socorros – Dr. Eitel Pinheiro de Oliveira Lima
- 46- Doenças Venéreas e Sifilográficas – Dr. Luiz Campos Mello
- 47- Enfermagem em Socorro de Urgência – Zulmira de Assis Paiva
- 48- Ajustamento Profissional II – Zaira Cintra Vidal
- 49- Psiquiatria – Dr. Dercio Gusmão
- 50- Enfermagem em Psiquiatria – Maria Beatriz Cavalcanti Albuquerque
- 51- Serviço Social - Maria Beatriz Cavalcanti Albuquerque
- 52- Saúde Pública – Dr. Aristidis Paz de Almeida
- 53- Enfermagem em Saúde Pública – Guiomar Pereira Puppain
- 54- Enfermagem em Doenças Venéreas – Mirabel Smith Ferreira Jorge
- 55- Estatística – Dr. Fabio Crissiuma
- 56- Enfermagem em Tisiologia – Aurina Alves da Silveira
- 57- Dietética Infantil Prática – Guiomar Pereira Puppain

Destaca-se Zaira com o maior número de disciplinas, sendo elas História da Enfermagem, Ajustamento profissional (Ética), Técnicas de Enfermagem - Drogas e Soluções, Enfermagem em Patologia Cirúrgica, Ajustamento Profissional II. Sendo assim,

o porta voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é por assim, dizer o procurador (Bourdieu, 2022, p.89)

Assim, Zaira fazia questão de ter o controle da incorporação do capital profissional pelas alunas, por meio do conhecimento ofertado nas disciplinas relevantes para formação da identidade de uma enfermeira. A disciplina História da Enfermagem é emblemática nesse aspecto por meio da compreensão do nosso passado, como na figura 4.

Figura 4 – Apresentação de História da Enfermagem



Fotografia da apresentação do trabalho da disciplina História da Enfermagem em uma linha do tempo com a modificação dos Uniformes, sede provisória, no bairro do Caju, DF. Na imagem alunas da EERHL de diferente series. Ano: 1949-1951 Fonte: CMNPC. Localização: fichário de aço.

Como demonstra a figura Zaira trabalhava a história da enfermagem de forma dinâmica, levando as alunas a construírem uma linha do tempo dos modelos de enfermagem com as modificações dos uniformes. Estudar vestimenta é valorizar o conhecimento feminino, a história das mulheres, fugindo da lógica da valorização dos heróis de guerra, da história do homem e mostrando o saber e fazer feminino por trás de uma dominação masculina e uma valorização do fazer masculino. Desta maneira, Zaira era vanguarda no ensino e numa perspectiva diferenciada e muito coerente para uma profissão feminina.

Na descrição da disciplina o conteúdo abordava a enfermagem no Egito, Babilônia, Palestina, Índia, Grécia e Roma; a influência do cristianismo e a organização das ordens seculares; período negro da enfermagem; a cruz vermelha; a enfermagem moderna com a figura de Florence Nightingale e sua influencias para profissão; Enfermagem no Brasil; desenvolvimento da enfermagem moderna no país e influência americana; Escola Anna Nery; primeiras diplomadas brasileira; e estudos sobre a vida de Rachel Haddock Lobo.

Ratificando o apreço e admiração de Zaira C. Vidal pela sua amiga Rachel Haddock Lobo, patrona da nova Escola de Enfermagem do Distrito Federal. Desta maneira, Zaira buscava na biografia da enfermeira brasileira para ensinar, inspirar e inculcar *habitus* profissionais nas novas alunas.

O poder de influência exercido através de coisas e pessoas é fundamental para que qualquer tipo de poder simbólico seja eficaz, especialmente quando se trata de influenciar um *habitus* predisposto a senti-las. Por exemplo, ao invés de dar ordens sobre o que a criação deve fazer, é possível utilizar o poder de sugestão para que ela se transforme permanentemente naquilo que se espera e a finalidade que quer atingir (Bourdieu, 2022). Afinal Rachel Haddock Lobo possuía inúmeras qualidades e representava um símbolo para enfermagem brasileira e as futuras enfermeiras que carregariam esse nome em sua formação deveria ter incorporado em seu *habitus* profissional sua essência e qualidades.

Assim, as qualidades de Rachel Haddock Lobo eram inúmeras como uma brilhante enfermeira por sua atuação como diretora da Escola de Enfermeiras Anna Nery e por sua contribuição para a enfermagem brasileira; era dedicada, inteligente e com alto conhecimento técnico ministrando aulas, organizando serviços de enfermagem em contextos desafiadores, como durante a Revolução Constitucionalista de 1932, e fundando uma revista especializada; e possuía um espírito de liderança pois foi reconhecida sendo designada diretora da escola após ocupar cargos de assistente e demonstrando capacidade organizacional e administrativa (Santos e Barreira, 2002).

Além disso, Rachel Haddock Lobo, após sua morte em 1933, houve um processo de mitificação que ocorreu e a discussão sobre os efeitos da criação de um mito em torno de seu nome e de sua representação para sociedade. Assim, tornou-se um objeto de reverência para as novas gerações de enfermeiras brasileiras, confirmando dignidade a toda a categoria de enfermeiras diplomadas (Santos e Barreira, 2002).

As disciplinas Ajustamento profissional I e II, também foram ofertadas por Zaira Cintra Vidal. Os conteúdos dessas disciplinas ratificam a preocupação com a formação de enfermeiras de alto padrão para dar conta das demandas de saúde da sociedade e desenvolver a profissão. Essas disciplinas constavam também no Currículo Guide de 1917, do curso de enfermagem das enfermeiras americanas (Santiago, et al 2021).

Outras disciplinas que era ofertadas por Zaira Vidal era Técnicas de Enfermagem - Drogas e Soluções no qual havia publicado livro com a temática (Vidal, 1942), o livro se transformou em um verdadeiro manual de referência para as estudantes de enfermagem do país (Morais, 2014). Assim, professora Zaira era uma porta-voz autorizada para ministrar tais disciplinas. Portanto, um diferencial para a formação das alunas da EERHL.

E por último a disciplina Enfermagem em Patologia Cirúrgica que era lecionada por Zaira Cintra Vidal, sendo uma de suas especialidades no qual, cursou o curso de cirurgia de

guerra no Hospital Vanderblit em Miami no ano de 1943 (Diário de Notícias, 1943). Portanto, possuía bastante autoridade no assunto.

Dessa forma, além de diretora, Zaira fez questão de traçar a estratégia de lecionar o maior número de disciplinas cujos conteúdos detinha capital profissional e científico legitimado por seus cursos de especializações. Assim, o conhecimento científico e o seu discurso reconhecido e autorizado institucionalmente foram utilizados como arma para designar:

os traços sobre os quais pode fundar-se a ação simbólica de mobilização com vistas a produzir a unidade real ou a crença nessa unidade (tanto no seio de próprio grupo como junto aos demais). Num dado prazo, em particular por intermédio das ações de imposição e de inculcação da identidade legítima (tais como as exercidas pela escola e pelo exército), tal crença tende a engendrar a unidade real (Bourdieu, 2022, p 113).

Dessa maneira, Zaira estava no total controle da formação dessas alunas no qual, os efeitos simbólicos dessa estratégia de luta foi de estar formando enfermeiras diplomadas com *habitus* profissionais coerentes e de acordo com o desejado a época, e a nível de uma escola de enfermeiras no Distrito Federal.

Essa inculcação do *habitus* nas alunas ficará mais claro com o avanço do capítulo como a escolha do nome do diretório acadêmico, o hino da EERHL, o reconhecimento da formação de mais alunas para melhoria dos serviços do DF e com a escolha da imagem do convite da formação da primeira turma.

Outra professora muito relevante era Safira Pereira, que ministrava Arte de enfermagem, Técnicas adiantadas e Revisão de Técnicas. Eram disciplinas importantes para formação das enfermeiras, pois, tratava de temáticas invasivas ao paciente como preparo para diversos exames; técnica de punção endovenosa e transfusão sanguínea; cuidados pós-operatório; curativos; e cateterismo vesical. Como relatado anteriormente, Safira possui uma trajetória de grande destaque nos serviços que prestou a sociedade e enquanto professora muito admirada pelas alunas e pelas colegas de trabalho.

Além das aulas teóricas, as alunas, realizavam estágio nos Hospitais e Serviços de Saúde Pública da Prefeitura da Secretaria Geral de Saúde e Assistência e outros serviços necessários para o curso de enfermagem. Os estágios eram realizados diariamente, para que as alunas aplicassem o seu conhecimento de sala de aula (Regulamento Interno, 1950).

A divisão do tempo dos estágios era da seguinte forma: estágio pré-clínico com duração de 6 meses; e estágio clínico com duração de 30 meses no total, os estágios perpassavam por serviços de clínica médica (3 meses), clínica cirúrgica (3 meses), clínica

pediátrica e dietética infantil (3 meses), Dietética e cozinha geral (15 dias), clínica obstétrica e neonatal (3 meses), sala de operação (2 meses), clínica ortopédica e fisioterapia (1 meses), clínica Otorrinolaringológica e Oftalmológica (1 meses), clínica ginecológica (15 dias), pronto socorro (15 dias), serviço urbano e rurais de saúde pública (3 meses), dermatologia, sífilografia e doença venéreas (1 meses), doenças transmissíveis (2 meses), neurologia e psiquiatria (2 meses), doenças da nutrição(15 dias), tuberculose (1 mês). Os estágios clínicos a cada 15 dias possuíam períodos noturnos (Regulamento Interno, 1950).

As alunas e respectivas monitores iniciaram suas atividades de estágio no dia 1º de outubro de 1949. O primeiro hospital que serviu de treinamento das alunas foi o Hospital Geral "Getúlio Vargas", na Penha. Houve uma demora para o início dos estágios por falta de transporte, de modo que, ao ser iniciado, a Escola já contava com três turmas. Sendo a classes 1951, classe 1952 – grupo I e II, deram entrada ao Hospital Geral Getúlio Versas no mesmo dia (PAIVA, 1961).

As Primeiras clínicas que ficaram sob a responsabilidade da Escola foram: Clínica Obstétrica (Maternidade) e a instrutoras a Amenda Nogueira Paiva; Clínico Médica e Ginecológica e a instrutora a Mintza Zbarsbcy; Clínica Cirúrgica e instrutora: Eva Maria Gomes Cunha; Centro Cirúrgico (S.O.) e instrutora a Zulmira de Assis Paiva; A Instrutora: Lúcia da Conceição Costa França, foi para o Hospital em fevereiro de 1950, não iniciou junto com o primeiro grupo porque estava em gestação. Mais tarde foram abertas mais outras Clínicas: Pronto Socorro, O.R.L. e Oftalmologia, na qual as alunas passaram a atuar (PAIVA, 1961).

O estágio de Doenças Transmissíveis foi feito no Hospital Isolamento Francisco de Castro e a instrutora Edméa Cabral Velho. O estágio em Tisiologia foi no anexo do Hospital S. Sebastião e a instrutora Ariana Alves de Silveira. No sexto Distrito Sanitário, em Saúde Pública, tendo como instrutora: Guiomar Pereira Puppain e Maria Beatriz Cavalcanti Albuquerque. Os estágios no Hospital Pedro Ernesto iniciaram outubro de 1952 (PAIVA, 1961).

A professora Mintza Zbarkey ministrava aulas teóricas e práticas nas disciplinas de Enfermagem em Patologia Médica, Enfermagem em otorrinolaringologia e Enfermagem em Oftalmologia. Foi homenageada pela turma pioneira e muito presente nas fotografias de cerimônias de recepção da touca. Mostrando assim sua presença, relevância e importância para professoras e alunas da escola.

Professora Guiomar Pereira Puppain ministrava as disciplinas de Enfermagem em Saúde Pública e Dietética Infantil Prática e era instrutora em Saúde Pública. Os seus

ensinamentos eram de um conteúdo relevante na formação da enfermeira moderna e de alto padrão na sociedade. Guiomar formada na Escola de Enfermagem Anna Nery, referência para o modelo de enfermagem em saúde pública no país, cumpria sua missão com excelência e reconhecimento pelas alunas.

Diante disso tudo, o ensino do curso de enfermagem da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo era de Vanguarda, pois a duração do seu curso era de 3 anos, antes mesmo da legislação de 1949 que regulamentava o ensino de enfermagem no País. A EERHL possuía aulas teóricas e práticas, ensino dinâmico e com professoras de alto capital cultural no campo da enfermagem e saúde do país. Isso se reflete pelas agentes sociais envolvidas no processo de criação, implantação e consolidação da Escola, sendo ocupada por mulheres engajadas nas discussões políticas e da educação em enfermagem no país, principalmente no âmbito da ABED (Paiva, 1961).

Professora Zaira Vidal, tratou de pôr na legislação de criação da EERHL o ensino especializado (1944) de pós-graduação. Fato que ocorre na metade da década de 1950, sendo o primeiro curso de pós-graduação em enfermagem do país, sabidamente, até o momento (PAIVA, 1961). Zaira em sua visita a América do Norte, notou que muitas escolas de enfermagem da América do Norte já possuíam cursos de pós-graduação, como Western Reserve University School of Nursing com cursos de saúde pública, Enfermagem hospitalar, administração de enfermagem e Instrução e supervisão em enfermagem hospitalar (Vidal, 1943).

A EERHL era dirigida por uma diretora, um conselho técnico-administrativo e a congregação. A nomeação da diretora é feita pelo Prefeito do DF, mediante a proposta do Secretário Geral, sendo o secretário a pessoa que poderia levar em consideração a lista tríplice proposto pela congregação. A diretora deveria, obrigatoriamente, ser diplomada em enfermagem, de preferência com especialização.

O conselho técnico administrativo era composto por 6 membros designados pela secretária-geral de saúde e assistência, mediante a proposta da congregação, permitindo a renovação de 1/3 dos nomes, e não a mudança de todos ao mesmo tempo. Já a congregação era composta pela diretora, pelos professores das cadeiras privativas, por dois representantes dos professores das cadeiras não privativas, eleitos pelos seus pares, em sessão presidida pela diretora.

O secretário geral decidia até duas enfermeiras diplomadas, com competência comprovada e por proposta pela direção da escola, a ser auxiliares de direção as quais uma

ficaria com o cargo de assistente técnica da diretora e outra com a responsabilidade pela divisão de ensino.

No ato da inauguração havia 12 candidatas matriculadas, e a própria matéria de jornal divulgando a Inauguração da Escola, a promovia para a busca de novas candidatas. Como destaque, dizia que o corpo docente era formado por médicos e enfermeiras formadas na Escola de Enfermagem Anna Nery, a duração do curso de 3 anos e o ensino gratuito (Diário de Notícias – RJ, 1948).

Vale destacar o poder simbólico do discurso ao atrair novas alunas, ao falar que as professoras eram formadas na Escola de Enfermagem Anna Nery, que era o modelo nacional de ensino de enfermagem. Dessa maneira, utilizando o poder simbólico, prestígio e reconhecimento que a EEAN possuía na sociedade para reafirmar a qualidade e o modelo de ensino da EERHL para atrair novas alunas.

Outro atrativo era a bolsa de estudo fornecida pela Campanha Nacional Contra a Tuberculose, no qual a escola manteve vínculo por alguns anos. Para se tornarem bolsista as alunas firmavam o compromisso, que após a diplomação exercerei o seu trabalho para tal organização (Diário de Notícias, 1949).

A época a tuberculose era uma endemia vivenciada pelo país e que preocupava as autoridades na década de 1940 o governo estabeleceu diversas estratégias para minimizar a situação como: a criação do serviço Nacional de Tuberculose em 1940; a difusão do tratamento com estreptomicina em 1944, representando um marco na luta contra a doença; e a Campanha Nacional Contra a Tuberculose em 1946, que demonstraram que nessa década o governo se empenhou contra a doença (Caldas, 1995; Hijjar, et al 2007).

Em destaque a Campanha Nacional Contra Tuberculose, na qual a EERHL possuía vínculo, foi uma iniciativa para combater a disseminação da doença no país. Esta campanha almejava melhorar o acesso ao tratamento, implementar medidas de controle a nível nacional e promover a conscientização pública sobre a tuberculose (Hijjar, et al 2007). Tornando claro, o quanto a enfermagem se fazia necessária em todas as ações e em que as enfermeiras da EERHL muito contribuíram (Caldas, 1995).

A chegada das alunas foi no dia 8 de agosto de 1948, a primeira turma, “pioneira”, iniciou-se com 23 alunas, sendo elas: Adair Curvo de Araujo, Carmen Guedês, Cecilia de Jesus Ferreira, Dulce Souza Lopes, Enedina de Jesus Mello, Evenita de Jesus Comes Cunha, Iolanda Mariados Santos, Janir Pinto Patrocinio, Lisia Magalhães Nascimento, Marharida Maria Gerarde de Souza, Maria Araujo, Maria Aurineide da Silva, Maria Candida de Miranda Maria Silvia Diniz Nogueira, Rosalba Pereira Lima, Simara de Lima Teixeira, Ilka Aguiar

lobão, Léa Alvez Costa, Maria Geny de Souza, Maria Madelena Silva, Maria da Penha Barros, Elizabeth Teixeira Varela.

A aula inaugural foi ofertada no dia 9 de agosto de 1948, pelo professor João Cardoso de Castro, constando diversas autoridades da Secretaria Geral de Saúde e Assistência. Essas autoridades na aula inaugural deixam evidente as lutas empreendidas, pelas professoras, para a realização de uma aula inaugural com presença de autoridade da Secretaria Geral de Saúde e Assistência do Distrito Federal. Com isso, mostram os efeitos simbólicos da Escola e seu reconhecimento e prestígio social perante as autoridades do DF.

Assim foi instaurado um ritual de inauguração para as alunas, em formato de aula, com toda estrutura social para produção de emissores e reprodutores do discurso adequado para o campo. Assim, o ato do reconhecimento que é *sine qua non* para a eficácia simbólica das autoridades, demonstrando sua habilidade e exercendo poder simbólico para estar dando início aos trabalhos do ensino das alunas da EERHL (Bourdieu, 2022).

O Diretório Acadêmico Carlos Chagas e o jornal “As Pioneiras”

Cumprindo o regimento interno da Escola, as alunas organizaram e fundaram o “Diretório Acadêmico Carlos Chagas” e um jornal, órgão oficial de comunicação do Diretório, intitulado “As Pioneiras” (Jornal do Brasil – RJ, 1951; Paiva, 1961).

Zaira enquanto aluna da EEAN vivenciou a Associação do Governo Interno das Alunas (AGIA). Esta Associação era governada pelas professoras, mas já servia para estimular e criar uma arena de formação de lutadoras para as tensões no campo da enfermagem, principalmente para ocupar posições de comando, com maior capital cultural e social, logo maior poder simbólico (Oliveira, 1997; Silva, et al. 2018; Padilha, et al, 2015).

A AGIA foi arena de formação de enfermeiras para papel de destaque no jogo da enfermagem, Remidia Bandeira de Sousa Gayoso, já havia comandado a AGIA e na ocasião, foi designada como presidenta da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas, que ocupou tal posição até o ano de 1927, quando foi eleita de forma indireta em uma reunião de enfermeiras a presidenta Edith de Magalhães Frankel, Heloisa Veloso como 1ª secretária e Maria Francisca como 1ª tesoureira, permanecendo até o ano de 1938 (Oliveira, 1997).

Assim, Zaira desde o início, já estimulava as alunas a se munirem no espaço da EERHL, em um espaço deliberativo em prol de seus interesses, com o objetivo de despertar o espírito coletivo e agregar capital simbólico na sua jornada de formação.

Assim, um efeito simbólico desse movimento foi o diretório acadêmico da EERHL ter feito a escolha do nome de Carlos Chagas, sendo bem emblemática com a apropriação e perpetuação da consagração do patrono da enfermagem no país. A preservação da memória e perpetuação dos falecidos, uma vez que será utilizado para representar o grupo de alunas, agregando lucros simbólicos devido sua eternização (Bourdieu, 2011) e por toda sua representação no campo científico, da saúde e da enfermagem moderna no país.

Outra questão que fica claro com a escolha do nome de Carlos Chagas, pelas alunas, é que as matérias cursadas, como exemplo história da enfermagem, estavam efetuando mudanças nas disposições mentais das alunas e incorporando capital cultural e moldando um *habitus* profissional a ponto de escolher um nome de alta relevância para profissão de enfermeira nos moldes moderno e norte-americano.

Quanto ao jornal “As pioneiras” citado pela matéria jornalística, não foi encontrado no CMNPC, embora fazer sentido, pois esse fato, também, ocorreu na EEAN. Clara Louise Kienninger, primeira diretora da EEAN, incentivou a realização de uma revista a primeira turma da escola, sugerindo a substituição do quadro de formatura por uma revista. Com isso, em 1925, com a formatura da primeira turma, originou-se a revista intitulada “Pioneiras” sendo de volume único (Carvalho, 2002). Zaira era aluna da escola neste período e o capital profissional adquirido com Kienninger refletiu na sua prática profissional como diretora incentivando as alunas seguirem o mesmo passo.

O Ritual da Touca

A solenidade de recepção da touca era um momento ímpar na formação da aluna de enfermagem. Representava receber o elemento mais importante para imagética da profissão para sociedade. Esse elemento do uniforme era(é) uma representação objetual da profissão e representava um modelo de enfermagem de alto padrão (Gonçalves, et al. 2023).

Nos estudos feitos pela professora Zaira, na América do Norte, era relevante o tempo de curso que levava para a aluna receber a touca. Na Escola de Enfermagem do New-York Hospital, as alunas recebiam a touca com 3 meses de curso, quando iniciavam os estágios. No Skidmore College, o recebimento da a touca era no final do período pré-clínico de 9 meses.

Na EERHL, adotou-se a cerimônia de imposição de touca com a passagem do período pré-clínico para o período clínico, que possuía a duração de 6 meses. Sendo um momento de grande relevância para constante avaliação das alunas. Afinal, elas somente avançavam no sendo aprovadas na primeira fase do curso.

A instituição desse rito de passagem ou rito de consagração possui o objetivo de separar e segregar dos que passaram e foram dignas desse momento do grupo que ainda não chegou a esse patamar. Dessa forma, instituindo a diferença de quem foi afetado e de quem não foi afetado, produzindo disposições duradouras de como ser, agir e se portar (Bourdieu, 2022). Assim, a aluna avançando no curso com sua touca, representava que já estava apta a prestar assistência aos pacientes e ser vista e lida socialmente como aluna de enfermagem.

Das 23 alunas que ingressaram na Escola, 17 avançaram para o período clínico do curso, recebendo a touca de enfermeira, em 30 de janeiro de 1949. Em março de 1949 foi admitida nova turma de alunas composta de 11 estudantes, dessas alunas somente 6 terminaram o período pré-clínico do curso recebendo a touca da enfermeira a 27 de agosto do mesmo ano. O motivo declarado por professora Zaira da evasão das alunas foi por motivo de deixaram a Escola, umas por motivo particular, outras por reprovação. (Jornal do Brasil, 1951).

Em julho de 1949, nova turma de alunas foi admitida, no total de 16 estudantes, 12 receberem a touca, em 30 de dezembro. Em março de 1950 nova turma foi admitida num total de 20 alunas, e 30 de agosto do mesmo ano houve nova cerimônia de entrega de touca que foram aprovadas no total de 18 alunas.

A cerimônia da turma da classe de 1952 grupo II, ocorreu da seguinte forma: I – Abertura da sessão, pelo Exmo. Snr. Secretário Geral de Saúde e Assistência; II- Entrega da Touca pela Diretora da Escola Zaíra Cintra Vidal (como na figura 5); III- Juramento das novas alunas; IV - Discurso do Paraninfo Dr. A. Rodrigues da Cunha. V - Discurso da Oradora da Turma – Aluna Maria do Perpetuo Socorro Ramos; e VI – Encerramento (CMNPC, 1949).

Figura 5- Imposição da touca



Fotografia da cerimônia de imposição da touca da enfermeira, a aluna Nalva Curvelo Pereira, na primeira sede provisória. Data: em 30 de dezembro de 1949. Fonte: CMNPC. Localização: em fichário de aço

A escola confeccionava convites para os familiares das alunas, autoridades do DF e anunciava nos jornais para toda a população com o seguinte título “Escola de enfermagem Rachel Haddock lobo - Entrega da touca simbólica a um grupo de alunas” (Jornal A Manhã, 1949, p.3).

Chama atenção a palavra “simbólica”, pois esse momento era marcante na formação da aluna de enfermagem, uma vez que, ela passava a vestir a indumentária de aluna de enfermagem, com a touca e o avental, sendo caracterizada como enfermeira para sociedade. Mas havia algumas diferenças na indumentária das professoras, pois as alunas possuíam os vestidos com fios brancos e azuis que gerava uma tonalidade azul claro, as toucas eram totalmente brancas e de forma arredondadas. As professoras vestiam vestidos de cor branca, a touca possui o formato bicudo e sem o uso do avental (Gonçalves, et al, 2023).

O avental era uma peça do uniforme exclusivamente utilizada pelas alunas para os momentos solenes e para o cuidado assistencial, pois ele representava o estado de aprendizado da aluna, visto que, estavam em formação e necessitavam da proteção dessa peça para não contaminar todo o uniforme (Gonçalves, et al, 2023).

Dessa maneira há o poder simbólico e uma simbologia do poder ao utilizar o uniforme, pois a aluna que passava a porta o uniforme eram reconhecidas de uma aprovação, um reconhecimento coletivo. Com isso, podendo se declarar estudante de enfermagem do

modelo vigente no país, pois sua aparência comunica a legitimidade de ser e pertencer. “Fazendo-a conhecer e reconhecer, fazendo-a existir enquanto diferença social, conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais” (Bourdieu, 2022, p.99).

Durante a cerimônia havia o momento de proferir e jurar o juramento pelas alunas, que era o Juramento de Florence Nightingale, que dizia o seguinte:

Solenemente, em presença de Deus e desta assembleia, prometo viver uma vida honesta, praticando com fidelidade minha profissão. Abster-me-ei de tudo quando for prejudicial ou impróprio, e não administrarei nem tomarei por minha iniciativa, medicamentos nocivos. Procurarei auxiliar os médicos em seus trabalhos com proficiência e lealdade, dedicando-me ao bem-estar de todos os doentes confiados aos meus cuidados. Farei tudo que estiver ao meu alcance para manter elevados os ideais da minha profissão, guardando fielmente o segredo profissional durante toda a minha vida (CMNPC, 1949).

O discurso fazia com que a aluna jurasse perante a Deus e a todos presente na assembleia, mostrando ter boa moral e índole, lealdade ao médico e questões de ética envolvendo segredo profissional. Tratando assim, de inculcar *habitus* profissional sendo eles valores, moralidade, deveres profissional e responsabilidades.

Nesse momento, todos ficavam de pé, as alunas com o braço direito estendidos proferiam o discurso como mostra na figura 6.

Figura 6 – O juramento de Florence Nightingale



Fotografia da turma de 1953 grupo I, durante o juramento de Florence Nightingale na primeira sede provisória da EERHL. Data: 30 de agosto de 1950. Data: em 30 de dezembro de 1949. Fonte: CMNPC. Localização: em fichário de aço

Ao proferir o juramento em caráter ritualístico, a imposição de um nome e função, acarretava uma instituição de uma identidade, uma essência social, a incorporação de competência, embutida o poder e o dever de ser. É fazer o agente social que vivencia tal experiência se ver como aluna de enfermagem, apita para desenvolver seus aprendizados no paciente, ao mesmo tempo se fazendo ver a forma de como deve se comportar devido sua tal identidade atribuída (Bourdieu, 2022).

O convite a familiares e de autoridade possui o objetivo de comunicar a instituição de uma nova identidade as alunas da Escola. Notificar o que deve ser e a atribuição do julgamento inscrito na definição social do ser estudante de enfermagem proferido pelo juramento. Instituinto, também, o que não deve ser e desencorajando as transgressões em disposições duradouras (Bourdieu, 2022).

Outro momento da cerimônia de recepção da touca é o discurso do Paraninfo Dr. A. Rodrigues da Cunha, professor de fisiologia que possui contato inicial com as alunas, no período pré-clínico. Sendo escolhido como um porta-voz autorizado, fundado numa crença coletiva, certificado com títulos e vínculo institucional que produziu símbolos efetivos nas

alunas a ponto de ser escolhido como patrono e representante para proferir um discurso representativo e simbólico na atribuição de crenças aquele grupo de alunas (Bourdieu, 2022).

E por último o discurso da Oradora da Turma, a Aluna Maria do Perpetuo Socorro Ramos. A escolha da oradora não é clara se foi pelas alunas ou por maior desempenho escolar. Mas o fato é que o sistema escola é um sistema de uma aparência legítima de desigualdade social e valoriza a herança cultural como um dom social e visto como natural (Bourdieu, 2023). Assim, independente da forma de escolha essa aluna possuía atributos de destaque (poder simbólico) para representar o grupo de alunas e ser porta voz do que seriam e deveriam ser.

Para o Sesp e a FR na década de 1940, na Escola de Enfermagem da USP era necessário um corpo docente renovado, desapegado ao modelo anterior de enfermagem, que formava com rituais, emblemas e marcas ideológicas, para um modelo político, social e científico. (CAMPOS, CARRIJO, CAMPAL, 2020). Mas Zaira, conseguia juntar com maestria, tradições com um novo olhar e fazer com que os rituais e emblemas angariasse lucro simbólico para Escola e as Alunas. Isto fica claro, com a criação do Hino da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo.

O Hino da Enfermeira da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo

O hino da enfermeira, cuja letra é de Maria Eugênia Celso e a música de Eduardo Souto, era cantada e proferida em momentos de solenidade como no ritual de imposição da touca e na formatura (Gonçalves, et al, 2023). Foi encontrado a letra e a partitura de piano de tal Hino, como descrito a seguir:

Servas, irmãs, do que padece
Sem ver a quem, seja o que for.
Basta Sofrer, que nos merece,
Auxílio e amparo, o sofrimento.

Em toda parte, a nosso mando,
O sofrimento, a morte até,
A pouco e pouco se abrandando,
Faz em remido de um galé.

E toda enfermeira, nos votos seus
Será mensageira, do amor, de Deus.
Pois dispensar guarida, consolação,
É lema de nossa vida
E glória de nossa profissão.

Diante da touca da enfermeira
 Branca de altruísmo e compaixão,
 É que mais sente, a verdadeira
 Fraternidade, o coração.

De nossas mãos, piedosamente,
 Alívio dar, fez-se o mister
 Tornando em nós, todos doentes,
 Um pouco mãe, cada mulher.

E toda enfermeira, nos votos seus'
 Será mensageira, do amor, de deus.
 Pois dispensar guarida, consolação,
 É lema de nossa vida
 E glória de nossa profissão.

As alunas criaram o seu próprio Hino da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo, cuja letra é de Noêmia Lucena e a música de Semíramis Bacellar G. Telles. A gravação foi feita pela banda de Música da Polícia Militar do Distrito Federal. As criadoras foram alunas da EERHL, mas Noêmia Lucena não chegou a concluir o curso (CDOC, 1956; Paiva, 1961).

A pedido Eitel Pinheiro de Oliveira Lima, Secretário Geral de Saúde e Assistência, o hino foi oficializado, pelo decreto nº13.142, de 23 de janeiro de 1956. As duas ex-alunas doaram os direitos autorais à Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo (Paiva, 1961). Assim, não é claro, o início do uso do Hino da EERHL, mas as alunas referidas não ingressaram na escola no recorte do estudo. Porém cabe a interpretação da letra, pois a materialização veio de períodos anteriores de inculcação de *habitus* profissional e de elementos simbólicos de sua patrona Rachel Haddock Lobo.

Hino da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo

O ideal é a estrela que nos guia
 Nosso lema é dar consolação
 Amparar nosso irmão em agonia
 No auge do sofrimento e dor
 Impedindo da morte a tirania
 Seja na paz, na guerra ou onde for
 Sem política, raça ou religião
 É a glória da nossa profissão

Nossa lâmpada ilumina o caminho
 Para o auxílio ao lamento de dor
 Nossas mãos levarão o carinho
 E o amparo a qualquer sofredor

Da Rachel Haddock Lobo seremos
 Mensageiros de amor fraternal
 Desfraldando bem alto a bandeira

Da ciência, da arte e ideal
Com prazer o dever cumpriremos
Elevando seu sagrado mister
Enfermeiras leais nós seremos
Como irmã, como mãe e mulher

O hino da escola possui trecho igual com o hino da enfermagem com as estrofes: “É a glória da nossa profissão”, porém com denotação diferente, enquanto o primeiro hino refere a glória da profissão ser mensageira do amor e da palavra de Deus o hino da EEHRL refere-se à glória a ajudar o sofrimento sem olhar ideologia política, raça e religião. O Hino é disruptivo com a desassociação da figura de um deus apenas de uma religião e com um olhar mais político, social e igualitário.

Outras semelhanças presente nos dois hinos são no papel caritativo do fazer feminino como irmã, mãe e mulher, reforçando o estereótipo da “natureza” feminina como uma “socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre as causas e os efeitos, e fazer ver uma construção social naturalizada (os “gêneros” como *habitus* sexuais)” (Bourdieu, 2020. p.15).

Algo que deixa ambíguo é “O ideal é a estrela que nos guia”, a estrela pode ser o sagrado ou até mesmo Rachel Haddock Lobo, que inclusive se faz presente com o orgulho de pertencimento e construção de uma identidade da Enfermeira “lobiana” e com o seu legado da crença “Da ciência, da arte e ideal”.

Sendo assim, a construção do hino da escola representa um símbolo de identidade dessas alunas, uma união em prol a profissão promovendo um senso de orgulho e pertencimento a EERHL. Com isso, o hino vai além de uma expressão artística e musical e se torna uma ferramenta de educação e valores que é perpetuando por várias gerações (Hobsbawn e Ranger, 2008).

A rapidez inédita da equiparação à escola padrão

Obedecendo a legislação vigente a época através do Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931, que regulava o exercício da enfermagem no Brasil e fixava, as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. Merece ressaltar os seguintes trechos do decreto:

Art. 4º As escolas de enfermagem oficiais ou particulares que desejarem a equiparação deverão solicitá-la ao Ministério da Educação e Saúde Pública, descrevendo em detalhe a organização dos cursos, as instalações materiais e composição e títulos do professorado, enviando exemplares dos seus estatutos, regulamentos e regimento internos. [...] § 2º A inspeção da escola só será

levada a efeito após ter a mesma completado dois anos de funcionamento. [...] Art. 7º São requisitos básicos para a equiparação: a) disporem as escolas candidatas à mesma de uma organização moldada na escola oficial padrão, especialmente no que diz respeito: à direção que será sempre confiada a uma enfermeira diplomada, com curso de aperfeiçoamento e experiência de ensino e administração em institutos similares; às condições para admissão de alunos; à duração do curso; à organização do programa desse curso; b) disporem de hospital em que possa ser dada instrução prática de enfermagem, e inclua serviços de cirurgia, medicina geral, obstetrícia, doenças contagiosas e de crianças, com o mínimo de 100 leitos, adequadamente distribuídos pelos serviços mencionados, sendo a teoria e prática de enfermagem sempre dirigidas por enfermeiras diplomadas e por um prazo de tempo igual ao da escola padrão. Parágrafo único. Será facultado às escolas, no caso de o hospital não possuir todos os serviços acima enumerados, enviar as suas alunas a outros hospitais que estejam nas mesmas condições relativas ao ensino da teoria e prática de enfermagem (Decreto nº 20.109, de 15 de junho de 1931).

Cumprindo os requisitos necessário, no ano de 1948, professora Zaira deu entrada ao processo de equiparação da EERHL a escola padrão. No qual, recebeu a Inspeção da Enfermeira Isaura Barbosa Lima, sendo apresentado um relatório ao Conselho Nacional de Educação constando todas as informações necessárias para comprovação que a escola estava apta a ser equiparada, fazendo observações de que o ensino de ética e história da enfermagem fosse privativo das enfermeiras. E havia a recomendação de imediata equiparação.

O Professor Cesáreo de Andrade, relator da matéria na Comissão de Ensino Superior do Conselho Nacional de Educação, com base no relato propôs a equiparação da mesma, com os seguintes dizeres: “é possível conceder-se à Escola Rachel Haddock Lobo a equiparação que solicita nos termos do decreto nº 20.109 de 1931, em vez de simples autorização para funcionar” (Caldas, 1995, p.76).

O Decreto nº 26.251, de 27 de janeiro de 1949 concedeu equiparação à Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lôbo, do Distrito Federal. Sendo publicado no Diário Oficial da União na Seção 1 de 11 de fevereiro de 1949.

No material produzido por Zulmira de Assis Paiva (1961) intitulado “Rumo Histórico da Escola de Enfermeiras Raquel Haddock Lobo” relata que:

Sua organização e administração foram tão eficientes que seis meses após inauguração, foi reconhecida pelo Decreto 26.251, de 27 de janeiro de 1949. Antes, nenhuma outra escola, no Brasil, havia sido reconhecida em tão curto espaço de tempo, depois de inaugurada como a Escola Raquel Haddock Lôbo, foi um “record” (PAIVA, 1961, p.3).

Assim, esse processo de equiparação foi incomum, tendo como efeito simbólico um processo de distinção das demais escolas equiparadas. A EERHL, foi criada no berço das

discussões de uma nova legislação que regularizava o exercício e ensino da enfermagem. Sua Diretora era detentora de acúmulo de capital cultural, no campo da enfermagem, portanto, possuía distinção no campo do ensino e da enfermagem hospitalar.

Capital cultural esse, que podemos nome de capital de informação, pois a cultura sendo uma dimensão da informação. Sendo empregado conceitos institucionais dentro do campo social (Marteleto e Pimenta, 2017). Dessa forma, Zaira possuía toda informação e cultura relacionados ao processo de equiparação de Escola de Enfermagem, participou de comissão de equiparação de outras escolas de enfermagem enquanto professora da EEAN. Assim, um mercado unificado e homogêneo de informações vivenciadas e expressadas em legislação vigente facilitou para implantação de uma escola de enfermeiras dentro das estruturas do campo da enfermagem.

“Da luta surge a glória”: formatura da Turma Pioneira

Antes da cerimônia da primeira formatura da EERHL, professora Zaira realizou uma festa para a despedida da turma pioneira, exposto na figura 7. Durante a festa houve uma cerimônia de acendimento de velas. Não foi encontrado registro ou convite para tal ocasião, mas pela análise fotográfica, certamente a fotografia é tirada de forma mais espontânea pela postura das alunas. As pioneiras ficaram com as velas acesas para representar a sabedoria da formação da enfermeira para todo o corpo social da Escola.

Vale dizer que a chama de uma vela é um elemento indispensável à sobrevivência, mas é no campo simbólico que exerce o seu poder. O fato é que o fogo é incorporado em diversas mitologias e religiões, em atos litúrgicos, invocatórios, de sacrifício, união, conforto familiar, fecundidade e uma canal entre o homem e sua divindade (Hirata, 2002).

No Centro-Oeste e no Norte do país, há uma lenda que um Pagé roubou uma brasa do sol e levou para sua aldeia, mas foi castigado e foi transformado em japu-verde, no qual o bico, é avermelhado lembrando sua metamorfose e transformação (Hirata, 2002). No cristianismo as velas e o fogo se fizeram presentes e possuíam uma simbologia da presença de Deus, Jesus e Espírito Santo, com o significado de paz, sabedoria, amor, e no culto aos mortos. Desta forma, o fogo transforma e nesse momento era a comemoração de uma transformação para ser uma enfermeira com sabedoria e amor.

Assim, ao acender as velas de todas as alunas da primeira classe, anunciava para a sociedade a transformação que aquelas meninas estavam passando em se tornarem enfermeiras diplomadas. A estratégia em transformar em uma solenização entre autoridades,

se pauta na necessidade de que todo ritual precisa ter seus destinatários. Tal estratégia gerou lucros simbólico às alunas ao serem vistas e notadas, tanto que todas as alunas foram incorporadas com enfermeiras aos serviços da prefeitura do DF (Caldas, 1995). Desta maneira, um ritual feito e pensado para seus destinatários

Figura 7 – Festa de despedida das pioneiras



Fotografia da despedida da turma pioneira durante a cerimônia do acender das velas na primeira sede provisória da EERHL. Data: 06 de agosto de 1951. Fonte: CMNPC. Localização: em fichário de aço

A festa aparentou ser bem importante, pois o número de flores na fotografia é elevado e a Diretora da Escola utilizava uma pelerine, um elemento do uniforme da enfermeira utilizando em momentos muitos específicos, e é o único registro da diretora com esse elemento do uniforme, encontrado até o momento (Gonçalves, 2023).

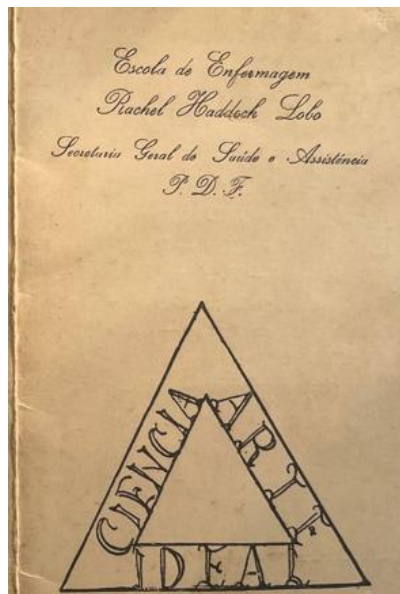
Exatamente 3 anos depois da primeira aula da turma pioneira, no dia 9 de agosto de 1951, foi a data da colação de grau. Uma turma que iniciou com 23 alunas, 17 avançaram para o período clínico e receberam a touca, mas apenas 11 alunas se formaram. Sendo elas: Carmen Guedes – Bahia; Dulce Souza Lopes – Espírito Santo; Enedina de Jesus Melo – Piauí; Eulina Cabral – D. Federal; Evenita de Jesus Gomes Cunha – Ceará; Iolanda Maria dos Santos – D. Federal; Margarida M. Gerarda de Souza – Ceará; Maria Aurineide Silva – Ceará (Oradora); Maria Candida Miranda – Minas Gerais; Roralba Pereira Lima – Pará; Siomara Lima Teixeira – Piauí.

A maioria das alunas vieram da região nordeste do país, totalizando 6 alunas. Quatro alunas são da região sudeste e uma aluna da região norte. Assim, a vinda dessas alunas de outros estados para o Rio de Janeiro, deve-se a divulgação do Sesp nessas regiões, afinal não foi encontrado anúncios de jornais sobre a EERHL fora do Rio de Janeiro, embora os jornais da capital circulassem todo o país. Dessa forma, como descrito no capítulo anterior, a atuação do Sesp na região do Vale do rio Doce no Espírito Santo, a costa nordestina, Pará ajudou a angariou estudantes para a Escola.

Um fato interessante é que a primeira turma da Escola de Enfermagem Anna Nery, formada em 1925, também foi nomeada de turma “As pioneiras” (Peters, Peres e D’antonio, 2020). Zaira enquanto aluna da EEAN, que ingressou no ano de 1924, conviveu com as pioneira e certamente isso ficou marcado em seu *habitus* profissional, que refletiu na nomeação igual na EERHL.

A imagem escolhida para capa do convite de formatura (figura 8) foi o mesmo utilizado na primeira edição da revista Annaes de Enfermagem, e em algumas edições do livro da professora Zaira Cintra Vidal. Assim, é evidente o *habitus* profissional inculcado na formação das enfermeiras “lobianas”. Ou melhor, com as idealizações da enfermeira norte-americana Isabel Stewart, mas perpetuada no Brasil por Rachel Haddock Lobo e ainda muito vivas na década de 1950, com o lema “ciência, arte e ideal”.

Figura 8 – Convite de formatura das pioneiras



Convite distribuído para as autoridades e familiares da primeira turma formada na Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. Ano: 1951. Local: CMNPC. Localização: primeira gaveta do fichário de aço

A cerimônia de formatura ocorreu em dois momentos, sendo às 10 horas da manhã a missa em ação de graças, na Igreja S. Francisco de Paula, às 21 horas a colação de grau no Instituto Nacional de Música. O grande homenageado foi o Dr. João Carlos Vital, homenagem especial ao Dr. Jorge Bandeira de Mello, o paraninfo professora Zaira Cintra Vidal. As outras homenagens foram prestadas para Dr. Jurandir Lodi, Dr. Jesuino de Albuquerque, Dr. Ary de Oliveira Lima, Dr. Luiz Capriglione, Annita Dourado Teixeira e ao Corpo Docente da Escola (CMNPC, 1951). Esteve presente o secretário de saúde e assistência, doutor Jorge Bandeira de Maio, até o mais modesto funcionário da EERHL (Jornal do Brasil, 1951).

O ritual de formatura sendo um ritual de passagem e solenização, cuja o objetivo é distinguir as pessoas que passaram por um determinado processo das outras que ainda não vivenciaram tal processo, ou seja, separar um antes e um depois. É um rito de instituição (Bourdieu, 2022), no qual institui o título de enfermeira diplomada para sociedade e diferenciando a enfermeira da aluna de enfermagem.

Diferenciar as novas enfermeiras de forma não verbal, pelo uniforme e seus lucros simbólicos foi uma estratégia utilizada pela Escola. As alunas vestiam sua indumentária já relatada e vista nas fotografias anteriores, mas agora a aluna que estava em seu ritual de

passagem para enfermeira não veste o avental, seu uniforme era de coloração totalmente branca, com o uso de pelerine na altura do vestido e a touca possui o friso azul marinho, sacramentando a distinção e a diferença pelo poder simbólico da indumentária da enfermeira do modelo anglo-americano e impregnado no imaginário popular até os dias de hoje (Gonçalves, et al, 2023).

A colação de grau ocorreu da seguinte forma: abertura da sessão realizada pelo representante do Prefeito Carlos Vital; entrega de Diploma; pronunciamento do juramento da Enfermeira pela aluna Maria Aurineide Silva; Cerimônia da passagem da lâmpada da classe diplomada a classe 1952 grupo I e Dama da Lâmpada a aluna Carmen Guedes e Golda Baeneter; apresentação do Hino da Enfermeira; e encerramento com o Hino Nacional Brasileiro.

A turma pioneira escolheu o seguinte lema “DA LUTA SURGE A GLÓRIA” (CMNPC, 1951). E de fato, a glória chegou depois de muitas lutas empreendidas pelas agentes da EERHL, como mostra a figura 9, com a foto de formatura. Um momento sacralizado dessas lutadoras para manutenção e consolidação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo.

As alunas enfrentaram problemas de espaço reduzido com a chegada de novas turmas, um “micro-ônibus” com poucos lugares para toda escola, a demora para o início dos estágios, a distância de seus familiares e um regime rígido de formação e inculcação de capital profissional. Mas isso tudo, fez com que, a EERHL formasse lutadoras resilientes e competentes para serem incorporadas no campo da enfermagem.

Figura 9 – As pioneiras e suas professoras



Fotografia posada na Igreja S. Francisco de Paula, Diretora Zaira na frente da composição e 10 alunas se diplomando e 3 professoras ao fundo, não identificadas. Ano: 1951. Local: CMNPC. Localização: fichário de aço

Alguns momentos da cerimônia merecem destaque pelo seu alto valor simbólico, como a passagem da lâmpada da turma das pioneiras para a aluna da turma que irá se formar no próximo semestre, era um ritual realizado durante a colação de grau das turmas da EERHL, como na figura 10. Assim, representando a passagem da luz de uma turma que acabou de conquistar a sua própria luz, com a diplomação, para uma turma que ainda está em formação. Essa luz, vinda simbolicamente de Florence Nightingale, também era proferido pelo juramento.

Figura 10 – Ritual da Passagem da lâmpada



Passagem da lâmpada da classe 1953 pela aluna Erandy Barroso para aluna da classe de 1954 Edreinda Lago. Data:1953. Fonte: CMNPC. Localização: em fichário de aço

A escolha das alunas era por maior desempenho escolar, ou seja, pelas suas maiores notas nas disciplinas. Assim, era eleita a dama da lâmpada da turma formando e a turma que iria se formar no próximo semestre. Ao fazer essa escolha e nomear a aluna como dama da lâmpada a distinguia das demais e apresentava aos presentes a “melhor do grupo”.

Mas isso, de forma inconsciente ou consciente leva em consideração a origem social, possuindo uma aparência fundada e naturalizada no desempenho escolar, mas é mais profundo, pois a origem social e os *habitus* primários adquirido com a família desde o vocabulário e o capital cultural dos pais vão produzir a distinção e transparecer no maior desempenho dentro do sistema escolar (Bourdieu, 2023).

Assim a violência simbólica sofrida pelas demais alunas fica evidente. É um sentimento inocente em pensar que o funcionamento de um sistema produziria exigências distintas da sua própria existência como sistema. Dessa forma, consagra, expõe, perpetua e legitima a desigualdades reais em mérito e dons. Com isso, a escola transforma a desigualdade (econômicas, sociais e culturais) em desigualdade de direito de distinção de qualidade e perpetua a valorização da herança cultural e a “ideologia do dom” (Bourdieu, 2023).

Outro momento importante era a imposição da insígnia que as alunas diplomadas recebiam com o símbolo da Escola. No qual, o criador é desconhecido. A insígnia era de metal em forma de broche redondo, dividida em quatro partes com uma cruz centralizada, com uma lâmpada de primeiro plano e bastão de Esculápio em segundo plano. Em cada extremidades da cruz está a sigla SGSA que significava Secretaria Geral de Assistência e Saúde do Distrito Federal, no qual a escola estava vinculada. Entre cada lateral das extremidades da cruz estava escrito o nome da escola, com a omissão da palavra “enfermeiras”, como na figura 11.

Figura 11 – Insígnia utilizado pelas alunas diplomadas



Fotografia retirada pelo autor do broche utilizado pelas alunas diplomadas da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. Ano; 1951. Local: CMNPC. Localização: vitrine de vidro

A lâmpada da enfermagem é um símbolo para profissão em sua era moderna trazida pela figura de Florence Nightingale ou melhor a “Dama da Lâmpada”. Florence fincou essa figura, principalmente em seu feito na vigilância noturna sendo entendida como uma

participação espiritual na dor dos sofredores, empatia, auxílio na melhoria dos doentes. Representando assim o caminho iluminado da cura, conforto e bem-estar (Toledo, et al, 2008; Lopyola e Oliveira, 2021).

O bastão de Esculápio é proveniente da mitologia greco-romana, no qual a história de Esculápio ou Asclépio, filho do Deus Apolo e Corones, foi criado com o Centauro Quíron e com quem aprendeu a arte da cura. Esculápio dominou a arte de ressurreição, alterando a ordem natural da vida, com isso levou a fúria do Deus Hades, rei do submundo onde ficavam os mortos. Gerando a fúria do Deus Hades, que se queixa de Esculápio para o Olimpo, onde o Deus Zeus matou Esculápio com um raio, que ao subir aos céus se transformou no serpentário da constelação (Young, et al. 2013).

O símbolo surge de uma lenda durante o século IX a.C, quando, Esculápio estava ajudando um amigo gravemente ferido e surgiu uma serpente, no qual Esculápio matou com o seu cajado e em seguida surge outra serpente com ervas em sua boca em que ressuscitou a serpente morta por ele. Ao observar isto, Esculápio cura seu amigo gravemente ferido com as ervas trazida pela cobra (Young, et al. 2013).

A serpente sempre esteve presente nas histórias humanas, como algo mágico e encantado, um certo fascínio pelo animal. Seu comportamento expressa muita sabedoria e sua transformação na primavera o rejuvenescimento, saúde e prosperidade. A serpente é cultuada com mais de 3.000 a.C (Young, et al. 2013).

Assim, a figura de Esculápio aparece com os peitorais despidos e portando um bastão com uma serpente subindo sobre tal bastão. Assim, com duplo sentido de apoio ou como instrumento de punição. Em 1898 o exército britânico adotou o símbolo, em 1899 a equipe médica belga estampou em seus uniformes, em 1902 foi incorporado pelos médicos dos Estados Unidos da América na substituição da cruz de São João. E assim foi sendo utilizado para representar a profissão de médico por vario países como na Alemanha, Bélgica, Cuba, Filipinas, Grã-Bretanha, México, Peru e entre outros. Sendo um elemento central do símbolo da Organização Mundial da Saúde desde sua criação em 1947 (Young, et al. 2013).

Outro símbolo que aparece no broche da EERHL é a cruz enquadada celta, um tradicional símbolo presbiteriano, símbolo universal para os cristões, que simboliza a crucificação de Jesus. Símbolo estampado em broches, pingentes e até mesmo na realização do desenhar a cruz na testa. Por outro lado, historiadores afirmam que é uma simbologia mais antiga vinda dos pagãos. O fato é que o significado teológico relacionado a cruz, é que a haste horizontal representa o relacionamento da humanidade com o divino, e Deus é representado pela haste vertical na parte superior e a parte inferior o mundo material (Martins, 2015).

Assim, a EERHL escolheu símbolos relevantes para enfermagem, religião e a saúde. A lâmpada fincava a representação de uma escola que seguia os avanços do modelo proposto por Florence Nightingale. Nos outros símbolos, fica nítido a incorporação do discurso masculino (dominantes e dominados) com a incorporação do bastão de Esculápio da Medicina e a cruz do patriarcado representando o discurso autorizado de maior poder simbólico no campo da saúde.

Assim, como estratégia de luta para a conquista de espaços dominados pela Igreja e a Medicina (dominação masculina), as enfermeiras foram munidas de símbolos que representava o discurso masculino e religioso para maior inserção no campo e minimizando as reações de intrusão e estranheza num campo dominado por outras forças (Barreira, 1999).

A imposição de um broche, impregnado de lucros simbólicos, sendo uma estratégia de luta das professoras em incorporar uma definição de identidade do pertencimento a EERHL. Assim, impondo condições reais a representação do real, produzindo propriedades mentais (estigmas e emblemas) com conexão ao local de origem, dessa forma, Pierre Bourdieu (2023, p.108) fala sobre as “lutas pelo monopólio do poder de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo social e, por essa via, *de fazer e desfazer os grupos*”.

E por último a ser destacado desse ritual de formatura, é a escolha dos homenageados. Escolher os professores e as autoridade da época como homenageados foi uma estratégia de luta dos agentes da EERHL para agregar lucros simbólicos e legitimar o ritual de formatura de instituição das novas enfermeiras.

O discurso das autoridades possui uma verdadeira força de lei, fundada com poder simbólico, sendo possível produzir e conferir a realidade. Assim, o lucro simbólico das palavras dessas autoridades possui o poder de enunciar o ser e produzir mudanças mentais ao ser e fazer crer pelo fato de dizer e possuir autoridade para tal, ou seja, anunciar e oficializar o novo grupo de enfermeiras produzindo o efeito arbitrário da existência, consagrando-as e legitimando-as perante a sociedade (Bourdieu, 2023).

A conquista de um espaço

Segundo a matéria jornalística do Diário de Notícias do Rio de Janeiro intitulada “Inaugurada a Escola de Enfermeiros da Prefeitura”, do dia 22 de junho de 1948 (p.6). A escola foi instalada em um prédio recentemente construindo no terreno do hospital São Sebastião, na rua Carlos Seidh, nº 137, e que sua estrutura obedecia aos:

mais modernos preceitos exigidos pela higiene e medicina Moderna [...] O edifício, onde serão aproveitadas das verdadeiras vocações para os serviços de enfermagem dos nossos hospitais, dispõe de sala de demonstração práticas, dietéticas, bibliotecas, recreação, esporte, música, quartos para dormitórios para as alunas, enfermarias, consultórios, há ambulatórios, sala para refeições e banheiros sanitários (jornal Diário de Notícias, 1948, p.6).

A matéria jornalística descreveu as instalações da Escola anexadas ao Hospital São. Sebastião. As alunas e professoras diziam que o prédio era pequeno para o funcionamento de uma escola de enfermagem. Sua lotação máxima era de 22 alunas e parecia “uma casa de boneca” (Paiva, 1961, p12). Possuía três salas de aulas destinadas para: técnica de enfermagem, dietética, química e microbiologia. As outras aulas eram administradas em salas improvisadas, nos outros pavilhões vizinhos (Paiva, 1961).

Assim, a primeira turma ocupou a capacidade máxima da escola, tornando insuficiente com a chegada das novas turmas nos anos seguinte, sendo o ano de 1951 impraticável para o número total de alunas. Isso se configurou como um problema para admissão de um maior número de alunas. Com a admissão desse novo grupo a diretora, em seu relatório anual, salientou novamente a necessidade premente de mudanças de residência (Paiva, 1961).

Enquanto se esperava as novas instalações, a sede definitiva, a Escola iria ocupar um outro prédio no Hospital São Sebastião para instalar as novas alunas. Porém, a Escola não chegou a ocupar o novo prédio, porque em junho desse mesmo ano, o Prefeito determinou que o edifício fosse utilizado para receber doentes crônicos (Paiva, 1961).

Diante do exposto, fica explícito o limitado espaço físico da Escola e a dificuldade da admissão de novas alunas. Com isso, foram envidados esforços para não deixar de receber semestralmente novos grupos de alunas e para ter um novo espaço que comportasse o quadro social da escola e o internato.

Em uma visita feita por uma jornalista a sede provisória da EERHL, relatou suas impressões ao observar as instalações interna, com a seguinte descrição:

Em todas as instalações, nos quartos, como no refeitório, nos banheiros como na cozinha ou nos laboratórios o asseio imperava honrando da forma mais concreta os princípios que regem a higiene, comprovando a verdadeira compreensão daqueles que arcam com tão altruísta carreira como a da enfermagem, onde deve prevalecer entre outras coisas o bom aspecto (JORNAL DO BRASIL-RJ, 1951, p3e5).

Desta maneira, o espaço era limitado, mas era organizado, harmonioso, limpo e compatível com os parâmetros necessários para uma escola de enfermagem de alto padrão.

Desde as construções e inauguração da primeira sede da EERHL, era sabido que seria algo provisório, como consta na placa de identificação da Escola, que ficava posta nas suas dependências (figura 12). Com a entrada semestralmente de novas turmas, as professoras e alunas tiveram que elaborar estratégias para adaptar os espaços para aumentar os dormitórios e as salas de aulas nos pavilhões do Hospital São Sebastião.

Figura 12 – Placa de identificação da EERHL



Fotografia do próprio autor no Centro de Memória Nalva Pereira Caldas da Faculdade de Enfermagem da UERJ da primeira placa de identificação da EERHL. Ano. 2023. Localização: CMNPC

A primeira sede possuía dois andares como demonstra a figura 13.

Figura 13 – Primeira sede provisória da EERHL



Fotografia retirada de uma matéria do Jornal do Brasil intitulada: O que é a Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo. Data: 26 de agosto de 1951. Localização: hemeroteca digital

A matéria de jornal relatou o quanto ficaram encantados com a formatura da primeira turma: “impressionara de forma tão alvissareira” e quiseram conhecer in loco suas instalações.

Iniciaram relatando o privilégio de terem um carro, pois o lugar era longínquo e parecia o Saara, esquecido por Deus e que possuía apenas uma linha de ônibus que fazia a linha Praça da Independência-Caju Retiro e duas de bonde.

A jornalista, aproveitou a matéria para “denunciar” que os trabalhadores da fábrica próximo passavam por um castigo e o lugar estava mais para o fim do mundo. A matéria se seguiu pedindo justiça social para as autoridades. Com isso, é possível identificar o lugar da produção social da jornalista, em caráter ideológico e ficando do lado dos trabalhadores.

Assim, fica evidente, as situações e lutas enfrentadas pelas alunas que possuíam apenas um micro-ônibus com capacidade para 12 alunas, e que não correspondia as mais simples necessidades da Escola (Jornal do Brasil -RJ, 1951). Sendo desgastante para as alunas irem as unidades de saúde da prefeitura para realizarem os estágios diariamente.

Segundo a matéria, a equipe do jornal chegara sem avisar as 15:30 da tarde e foram muito bem recebidos pela diretora, que os levou ao seu gabinete e os acolheu como todos os requisitos de fino trato de uma dama, com um sorriso indisfarçável de alegria por ter despertado o interesse dos jornalistas nas lutas empreendidas para implantação da EERHL, como estampado na foto do jornal (Figura 14).

Figura 14 – visita dos jornalistas



Professora Zaira Cintra Vidal dando depoimento para jornalista Maria Elisa Pinto Lopes. Fotografia retirada de uma matéria do Jornal do Brasil intitulada: O que é a Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo. Data: 26 de agosto de 1951. Localização: hemeroteca digital

Segundo a jornalista Maria Elisa Pinto Lopes, professora Zaira achava-se no momento da visita com muito trabalho em sua mesa, sendo solicitada constantemente para as mais diversas assuntos, atendendo solicitações e opinando sobre as várias tarefas que envolvia o seu fazer administrativo de Diretora (Jornal do Brasil -RJ, 1951).

A respeito da capacidade física da escola a matéria relata que:

A residência atual se mostra completamente deficiente para abrigar o número de alunas que se acham na Escola, e isso vem acarretar uma série de males, dificultando o ingresso de maior número de alunas que estão se candidatando a carreira de Enfermagem. Este número de alunas, acanhado, impede que seja levado em auxílio mais eficiente nos Hospitais (Jornal do Brasil -RJ, 1951, p.3).

O ritual de diplomação da primeira turma despertou interesse dos jornalistas, a querer reivindicar mais espaço para ter mais alunas. Os efeitos simbólicos da EERHL para sociedade era a representação da melhoria nos hospitais da prefeitura do DF e para os cariocas. Ter mais alunas de enfermagem era sinônimo de qualidade dos serviços de saúde, para população.

A eficácia simbólica desse discurso vinda de um jornal de grande circulação no Rio de Janeiro, demonstrando competência linguística e a autoridade do locutor, por ser um jornalista que se encontra menos institucionalizada na EERHL. Assim, o poder simbólico foi exercido

atestando, acreditando e reconhecendo ao grupo de alunas e professoras EERHL e o quando aquela instituição era relevante para a melhoria da saúde da população carioca. Havendo assim, o reconhecimento da sociedade depois de muitas lutas empreendidas pelos agentes da EERHL para formar sua primeira turma.

Entre os efeitos simbólicos conquistados pelas lutas travadas pelos agentes sociais da EERHL, foi que a instituição “ficou famosa” (PAIVA, 1961, p.12), ficou conhecida, e a influência das alunas e professoras desencadeou ações positivas pelo Secretário Geral de Saúde e Assistência, Dr. Jorge Endeira de Mello, que resolveu doar a Escola, em caráter provisório, o prédio do antigo Hospital Henri Ford, na Rua Barão de Itapagipe, 331, demonstrada na figura 15. Assim, os efeitos simbólicos das lutas empreendida pelas professoras e alunas se concretizou com a transferência, para sua segunda sede provisória, no dia 2 de julho de 1952.

Figura 15 – Segunda sede provisória da EERHL



Fotografia do antigo Hospital Henri Ford, na Rua Barão de Itapagipe, 331, com a identificação de Escola de Enfermeiras R.H. Lobo. Ano: 1952. Local: CMNPC. Localização: fichário de aço

Nesta mesma ocasião, o Sr. Secretario, através do prefeito, conseguiu da câmara dos vereadores, uma verba para construção da sede definitiva da Escola, na avenida 28 de Setembro, ao lado do Hospital Pedro Ernesto, que já havia planos no papel, e planejamento arquitetônico em 1951 como na figura 16.

Figura 16 – Planejamento de uma sede definitiva



Fotografia dos planos arquitetônicos para sede definitiva da escola de enfermeiras Rachel Haddock lobo na avenida 28 de Setembro. Ano: 1951. Local: CMNPC. Localizado na caixa 16, Conteúdo: Plantas Baixas e ocupação do espaço

Desta forma, professora Zaira sempre deixou claro as exigências para uma boa Escola de Enfermeiras e o que deveria conter no espaço da Escola, com isso o projeto aparenta grandiosidade com 12 andares, espaço para as aulas e moradia das alunas e professoras. O que faltava era verba para tal construção. Sendo inaugurado décadas depois no ano de 1971, com o nome pavilhão Prof^o Paulo de Carvalho. Sendo sede até os dias de hoje da Faculdade de Enfermagem da UERJ e da Faculdade de Odontologia da UERJ.

A tentativa de entrada na Universidade

Com a criação da Universidade do Distrito Federal pela Lei nº 547 de dezembro de 1950, foram incluídas a Escola de Filosofia do Instituto Lafayette, Faculdade de Ciências Médicas, Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e Faculdade de Ciência Econômicas do Rio de Janeiro.

Zaira descobriu a notícia da incorporação dos institutos pelo jornal e em tempo hábil foi diretamente ao seu superior Secretário Geral da SGSA reivindicar o lugar do assentamento de seu estabelecimento de ensino superior na Universidade. Com isso, Professora Zaira, através de um Ofício nº59, de 10 de abril de 1951, apresenta ao Secretário Geral os motivos favoráveis a integração da Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo a Universidade do Distrito Federal. No documento ela explana a equiparação a escola padrão, e o reconhecimento pela legislação vigente; acrescenta que a Escola de Enfermagem Anna Nery

era incorporada à Universidade equivalente entre os estabelecimentos de nível superior; argumenta, também, que as instituições da Prefeitura do Distrito Federal (EERHL e Instituto de Serviço Social) foram marginalizados no reconhecimento e incorporação a Universidade; E por último, relata a justa inclusão dos professores da Escola na universidade e a garantia das transferências de todos os seus direitos.

O fato é que Zaira era bem esclarecida com a realidade do ensino de enfermagem no país, e se espelhava no modelo americano que na sua implantação da enfermagem moderna no país, na década de 1930, já havia o desejo de incorporação da Escola de Enfermagem Anna Nery na Universidade do Rio de Janeiro (Baptista, 1995). Como também, Zaira observou em sua visita as Escolas de enfermagem incorporadas às Universidades do EUA (Vidal, 1943).

Com isso, o vereador João Machado, cria um Projeto de Lei nº 343 – 1951 com o objetivo de incluir na Universidade do Distrito Federal a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. Em sua justificativa, bem assessorada, se deu os seguintes argumentos: Que se tratava de uma escola equiparada à escola padrão e reconhecida pela Divisão de Ensino Superior do Ministério da Educação; comparou escolas de enfermagem do mesmo perfil que integravam a universidade, citando a Escola de Enfermagem Anna Nery; Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; a Escola de Enfermagem da Universidade da Bahia, Escola de Enfermagem de Porto Alegre; e a Escola de Enfermagem Carlos Chagas; e pediu justiça social para o reconhecimento da profissão de enfermeira para um elevado valor social e equivalendo a outras profissões (Caldas, 1995).

Zaira ao receber o citado projeto, reafirma a importância desse ato para elevar o nível cultural da Escola equivalendo as outras escolas padrão, e a garantia do sucesso do Distrito Federal em produzir um Escola de excelência e que poderia se tornar referência para todo o país. Ela reafirma que com esse feito a Escola estaria verdadeiramente no patamar que deveria ocupar e que aumentaria o número, a qualidade e o prestígio das enfermeiras formadas para o serviço nosocomiais da Prefeitura e capital do Distrito Federal (Caldas, 1995).

O projeto foi aprovado e as autoridades da época expressaram seus cumprimentos à Edith de Magalhães Fraenkel, então Diretora da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, por meio de um telegrama, com os cumprimentos pela incorporação da Escola a Universidade do Distrito Federal (Caldas, 1995).

Porém, o prefeito vetou a integração da Escola a Universidade através do Boletim de Serviço da SGSA nº2.702, de 20 de dezembro de 1951, com a justificativa de não ser conveniente para a municipalidade a perda do patrimônio criado e mantido pela Prefeitura. Relatou ser injusto com os funcionários a mudança do vínculo empregatício do público para o

privado, e que retardaria o reconhecimento da universidade pelas instituições federais pelas condições de funcionamento da Escola (Caldas, 1995).

A EERHL era de grande valia dentro da Prefeitura do Distrito Federal, onde o secretário da SGSA e o prefeito não queriam renunciar à instituição. O fato é que a escola estava entranhada nos serviços da Secretaria de Saúde do DF e gerou uma expressiva e notável melhoria na assistência a população carioca. Sendo assim, perder a Escola poderia representar um retrocesso para o serviço. Mas para o outro lado, demonstrando o despreço pela profissão em não pôr a Escola no ambiente universitário, no qual já possuía requisito para tal (Caldas, 1995).

O fato é que a violência simbólica enfrentada pela Escola de Enfermeiras e o Instituto de Serviço Social, profissões femininas, foi a divisão do espaço social entre a posição social do homem e da mulher. “possuir um grande capital cultural não basta por si só para dar acesso às condições de uma verdadeira autonomia econômica e cultural em relação aos homens [...] e a pressão do modelo dominante, que pode continuar a povoar os *habitus* masculino e feminino” (Bourdieu, 2020, p.175).

Assim, colocar estabelecimentos de ensino femininos no mesmo patamar que os estabelecimentos de ensino predominantemente masculino na universidade, iria contra a corrente da hegemonia do poder masculino da divisão, distinção e naturalização do mundo social entre o homem e a mulher (Bourdieu, 2020).

O argumento que a incorporação da escola retardaria o reconhecimento da universidade finca a violência simbólica sofrida pela EERHL, uma instituição reconhecida por órgãos nacionais de nível superior de formação de enfermeiras e dentro dos padrões de outras escolas já inserida na universidade.

Mas a se destacar, mais uma vez, o quantos essas disposições do *habitus* feminino para professora Zaira eram distintos do esperado, pois prontamente reivindicou o seu espaço de igualdade aos homens na Universidade. Os espaços de lutas frequentados por Zaira como a ABED e o convívio com mulheres de diferentes nações a forjou e inculcou disposições distintas do esperado pela sociedade da figura feminina, coerente assim com o seu tempo e com as reivindicações das mulheres.

Desta maneira, Zaira deixa claro que não naturalizava a distinção social entre o homem e a mulher, do intelectual e do manual, do pensador e o executor (Bourdieu, 2020). Ela sabia claramente o quanto merecia e precisava ocupar o espaço que era também das mulheres, afinal uma profissão com saberes únicos, específicos e necessária a sociedade com as outras já na universidade.

As seguintes diretoras tentaram a segunda e a terceira vez a entrar na universidade do Distrito Federal, e, apenas na quarta tentativa, em 1963, a escola foi incorporada à Universidade do Estado da Guanabara, na gestão de Nalva Pereira Caldas. A Universidade do Distrito Federal passa a se chamar Universidade do Rio de Janeiro em 1958, Universidade do Estado da Guanabara em 1961 e Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1975 (Caldas, 1995).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1940 e o tempos de guerra ampliaram a necessidade de uma enfermagem hospitalar de alto padrão. Nesse período, houve o crescimento expressivo do número de escolas de enfermagem. Havendo a busca de capital cultural na América do Norte para uma atualização do *habitus* profissional da enfermagem brasileira. Diante do exposto é possível inferir que o capital simbólico da professora Zaira Cintra Vidal acumulado no campo e pelo campo foi determinante para o sucesso das vitórias das lutas e estratégias empreendidas pelas agentes para instalar um serviço de enfermagem de alto padrão nos serviços da municipalidade e implantar a Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo.

Algumas estratégias de lutas foram empreendidas pelas agentes sociais para implantação da EERHL, como: a escolha da diretora Zaira Cintra Vidal com alto capital cultural e social no campo da enfermagem; a denominação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo com um nome simbólico para profissão; a participação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo nas conferências de diretoras de escolas de enfermagem; participação no segundo Congresso Nacional de Enfermagem do país; o processo de equiparação destinto das demais escolas do país; foi estabelecido diversas ações para haver incorporação de *habitus* profissionais e ampliação do capital social das alunas com a criação do Diretório Acadêmico Carlos Chagas, o ritual de recebimento da touca, o hino da enfermeira, o juramento da enfermagem, e ritual de formatura; e a conquista de maiores espaços e de uma sede permanente.

Assim, os efeitos simbólicos da implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo foram evidenciados com a necessidade da população carioca e trabalhadora de receber cuidado de enfermagem qualificado. Sendo a Escola um símbolo para qualidade na assistência no Distrito Federal e a consolidação da enfermagem moderna e brasileira.

A Escola possuía suas armas simbólicas forjadas por professoras formadas na Escola de Enfermagem Anna Nery, com capital cultural agregado dos Estados Unidos, professoras engajadas em luta de classe da enfermagem na Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas e com capital social distinto no campo da enfermagem e da saúde.

O estudo deixa como legado parte das contribuições de Zaira Cintra Vidal para o campo da enfermagem brasileira, o início da história da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo e suas verdadeiras alianças e influências nas forças em jogo no campo da enfermagem brasileira.

Dessa maneira, o estudo avança no início da história da Escola e das agentes envolvidas, havendo a necessidade de se explorar mais a biografia das professoras da Escola como Safira Pereira, Guiomar Puppaim, Mintza Zbarsky e Zulmira de Assis Paiva. Como também das alunas pioneiras e suas lutas empreendidas no campo da enfermagem.

Outras temáticas com lacunas do conhecimento, identificadas durante essa pesquisa, que requer aprofundamento na compreensão da não incorporação da EERHL na Universidade em 1952 suas outras tentativas até sua incorporação na década de 1960, a saída de Zaira, Safira, Guiomar da escola depois da metade da década de 1950, a criação de uma capela em 1956 e as forças em jogo que imperavam na EERHL.

O estudo constituiu desafios para interpretação dos agentes nas fotografias em virtude do tempo decorrido levando a perda das informações e da não identificação nas fotografias, porém um *corpus* documental importante, de diferentes perspectivas, distintos locais de produção a respeito da mesma temática foi analisado e confrontadas para reconstruir uma versão balizada, consistente e erudita desta história. Desta forma, isso também, é um desafio para historiografia da enfermagem brasileira lidar com as fontes históricas em não apenas preservá-la, mas também de identificá-las e muni-la de informação. Para além disso, há novos desafios com a revolução digital e com a ciência aberta.

Com isso, é possível concluir, com o olhar do presente, que espaços de lutas difíceis fazem boas lutadoras. Suas fundadoras ocupavam espaços importantes no campo da enfermagem e isso se reflete em sua trajetória e no seu presente com suas lideranças ocupando a ABEn Nacional, ABEn sessão RJ e COREn-RJ.

A fundadora da EERHL era uma educadora nata com o olhar de muita esperança nas modificações sociais produzida pela educação. A trajetória de ensino da Faculdade de Enfermagem da UERJ é de muito destaque e hoje seu currículo diferenciado contra a corrente do regime de créditos, numa perspectiva integrado, de forma horizontal na relação educador-educando.

REFERÊNCIAS

FONTES DIRETAS ESCRITAS:

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Revisão de Registro de Nascimento de Zaira Cintra Vidal**. 18 de fevereiro 1929. CDOC/EEAN/UFRJ. módulo B, caixa 1A(35), ANO 1932, ORIGEM: as pioneiras.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Histórico da vida escolar de Zaira Cintra Vidal**. 18 de fevereiro 1929. CDOC/EEAN/UFRJ. módulo B, caixa 1A(35), ANO 1932, ORIGEM: as pioneiras.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Hystory Card de Zaira Cintra Vidal**. 24 de maio de 1943. CDOC/EEAN/UFRJ. módulo B, caixa 1A(35), ANO 1932, ORIGEM: as pioneiras.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Número de enfermeiras no Brasil, por ano de formatura e por escola, de 1917 a 1950**. não catalogado. origem: Ministério da Educação e saúde, Serviço Especial de Saúde Pública. Novembro de 1950.

BRASIL. **Decreto nº 20.109**, de 15 de junho de 1931. Publicado no DOU de 28/6/1931. Seção I fls 10516. Regula o exercício da enfermagem no Brasil e fixa as condições para a equiparação das escolas de enfermagem. 1931. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20109-15-junho-1931-544273-publicacaooriginal-83805-pe.html>>. Acesso em 03 de dezembro de 2023.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 6.275**, de 16 de fevereiro de 1944. Publicado no DOU de 18/2/1944, Seção 1 - Página 2775. Cria na Prefeitura do Distrito Federal uma Escola de Enfermeiras, e dá outras providências. 1944. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-6275-16-fevereiro-1944-452553-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=DECRETA%3A-,Art.,dessa%20natureza%2C%20subordinados%20%C3%A0%20Prefeitura.>>. Acessado em 03 de dezembro de 2023.

BRASIL. **Decreto nº 26.251**, de 27 de janeiro de 1949. Publicado no DOU de 11/2/1949. Seção 1 - 11/2/1949, Página 1993. Concede equiparação à Escola de Enfermeiras Raquel Haddock Lôbo, do Distrito Federal. 1949. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-26251-27-janeiro-1949-455355-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acessado em 03 de dezembro de 2023.

BRASIL. **Lei Nº 775**, de 6 de agosto de 1949. Publicado no DOU de 13/8/1949 - Dispõe sobre ensino de enfermagem no País e dá outras providências. 1949. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/1775.htm> Acessado em de 03 de dezembro de 2023.

CALDAS, Nalva Pereira. **Os Caminhos da Lembranças: um Olhar Retrospectivo sobre a memória da Faculdade de Enfermagem da UERJ**. Rio de Janeiro, BR, 1995. (Dissertação

de mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://catalogo-redesirius.uerj.br/sophia_web/asp/prima-pdf.asp?codigoMidia=7&iIndexSrv=1> Acessado em: 13 mar. 2022.

ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY. **Histórico da vida funcional de Zaira Cintra Vidal**. Currículo acadêmico de Zaira Cintra Vidal. 1943. CDOC/EEAN/UFRJ. Módulo B, caixa 1A(35), ano 1932, origem: As Pioneiras, código ZCV.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Carta nº1815**. Viagem de funcionário de Dona Zaira Cintra Vidal com o Sesp, em viagem de estudo sobre enfermagem, a região sul do país. 11 de outubro de 1944. CDOC/EEAN/UFRJ. módulo B, caixa 1A(35), ANO 1932, ORIGEM: as pioneiras.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 3ª sessão preparatória da 3ª reunião de diretoras**. 28 de setembro de 1944. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 4ª sessão da 3ª conferência de diretoras de escola de enfermagem**. 28 de setembro de 1944. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 5ª sessão da 3ª conferência de diretoras de escola de enfermagem**. 29 de setembro de 1944. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 6ª sessão da 3ª conferência de diretoras de escola de enfermagem**. 30 de setembro de 1944. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da sessão inaugural da 4ª reunião de diretoras**. 5 de fevereiro de 1945.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 2ª reunião da 4ª conferência de diretoras de Escolas de enfermagem**. 06 de fevereiro de 1945. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 4ª reunião da 4ª conferência de diretoras de Escolas de Enfermagem**. 09 de fevereiro de 1945. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 1ª reunião da 5ª conferência de diretoras de Escolas de Enfermagem**. 16 de julho de 1945. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 2ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela Escola Ana Neri**. 17 de julho de 1945. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 3ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri**. 18 de julho de 1945. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 4ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri.** 19 de julho de 1945. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 5ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri.** 20 de julho de 1945. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Ata da 6ª seção da 5ª conferência de diretoras de escolas de enfermagem promovido pela escola Ana Neri.** 21 de julho de 1945. CDOC/EEAN/UFRJ. Localizado no caderno de atas das diretoras, nº 30.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Livreto de divulgação e programação do 1º congresso Nacional de Enfermagem.** Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas. São Paulo. 17 a 22 de março 1947. CDOC/EEAN/UFRJ, modulo G, caixa 07.1, ano 1938-1950, origem gabinete direção, conteúdo: diretora Lais Netto dos Reys.

ESCOLAS DE ENFERMAGEM ENNE NERY. **Livreto de divulgação e programação do 2º congresso Nacional de Enfermagem.** Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas. Rio de Janeiro. 18 a 24 de julho de 1948. CDOC/EEAN/UFRJ, modulo G, caixa 07.1, ano 1938-1950, origem gabinete direção, conteúdo: diretora Lais Netto dos Reys.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Certificado de comprovação de presidência da associação.** Associação Brasileira de Enfermagem. Fortaleza, 20 de julho de 1963. CMNPC/ENF/UERJ. Exposto em vitrine de vidro.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Processo nº 23513/50.** Regimento interno da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo. Rio de Janeiro, Distrito Federal, Ano 1950. CMNPC/ENF/UERJ. Localizado na caixa 27 com o conteúdo evolução dos regimentos internos.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Offício nº 23 de 26 de janeiro de 1950.** Relatório das atividades do estabelecimento em 1949.2. Rio de Janeiro, Distrito Federal, Ano 1950. CMNPC/ENF/UERJ. Localizado: módulo 2, prateleira A, caixa 1, conteúdo: relatórios das atividades desenvolvidas na Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo enviados ao MEC – 1949 a 1955.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Convite de solenidade de recepção de touca.** Convite para autoridades e familiares das alunas da EERHL, classe de 1952 grupo II. 30 de dezembro de 1949. CMNPC/ENF/UERJ. Localizado em fichário de ferro, nº1, primeira gaveta.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Convite de formatura da turma pioneira.** Convite de formatura para autoridades e familiares das alunas pioneiras da EERHL. 09 de agosto de 1951. CMNPC/ENF/UERJ. Localizado em fichário de ferro, nº1, primeira gaveta.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Placa de inauguração da primeira sede.** Placa feita para ser exposta na inauguração da EERHL. 1948. CMNPC/ENF/UERJ. Exposto em parede no CMNPC.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Hino da Enfermeira**. Letra e partitura de piano. Ano não identificado. CMNPC/ENF/UERJ. Exposto em vitrine de vidro.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Hino da Escola de Enfermeiras Raquel Haddock Lobo**. Hino criado por alunas da EERHL. 1956. CMNPC/ENF/UERJ. Exposto em vitrine de vidro.

LOBO, Rachel Haddock. **Prefacio de livro feito por Rachel Haddock Lobo para o livro da professora Zaira Cintra Vidal**. CDOC/EEAN/UFRJ. Localização: módulo GR, caixa 07, Origem: Curso de Graduação.

JORNAL A MANHÃ. Rio de Janeiro. **O curso de samaritanas**. Edição 00189 (1), 1942. p. 10. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL A MANHÃ. Rio de Janeiro. **Inaugurado o curso de enfermagem dos serviços Hollerith**. Edição 00289 (1). 1942, p.9. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL A MANHÃ. Rio de Janeiro. **Cooperação da A.B.I. com a Legião**. Edição 00289 (1). 1942. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL A MANHÃ. Rio de Janeiro. **As novas enfermeiras do Posto 5, da Cruz Vermelha receberam seus diplomas**. Edição 00495 (1), 1943, p.3. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL A MANHÃ. Rio de Janeiro. **Escola de enfermagem Rachel Haddock lobo: Entre da touca simbólica a um grupo de alunas**. Edição 02573 (1), 1949. p.3. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL A NOITE. Rio de Janeiro. **Uma Escola de Enfermeiras em cada estado**. Edição 11432 (2), 1943. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. **Viajantes**. Edição 06455 (1), 1943. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. **Viajantes**. Edição 06558 (1), 1944. p.9. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. **Avisos Fúnebres: Eugenia da Silva Cintra Vidal**. Edição 06848 (1), 1945. p. 2, primeira secção. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. **Inaugurada a escola de enfermeiros da prefeitura**. Edição 07870 (1), 1948. p. 6, primeira secção. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. **Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo**. Edição 08076 (1), 1949. p. 8. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. **Curso de Enfermagem Oficial Gratuito**. Edição 08149 (1), 1949. p. 6, segunda secção. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. **Matrículas na Escola de Enfermeiras "Rachel Haddock Lobo"**. Edição 08377(1), 1950. p.4. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. **Homenagens: Professora Zaira Cintra Vidal**. Edição 08529 (1), 1950. p. 3. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro. **Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lôbo: Colarão grau, hoje, as novas enfermeiras**. Edição 08819 (1), Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. **5ª Conferência de Diretoras de Escolas de Enfermagem**. Edição 00174 (1), 1945. p. 10. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. **Amando de Araujo Cintra Vidal**. Missa de 7º dia. Edição 00258 (1). 1945. p. 13. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. **Em Viagem as representantes do Brasil ao IX Congresso Internacional de Enfermagem**. Edição 00106 (1), 1947. p. 6. Localizado: Hemeroteca digital.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro. Reportagem de Maria Elisa Pinto Lopes. **O que é A Escola de Enfermagem Rachel Haddock Lobo** - Aquele órgão da secretaria geral de saúde e assistência da PDF diplomou a sua primeira turma de enfermeiras - em visita á quele estabelecimento de ensino observamos a existência de um plano didático admirável. Edição 00198 (1), 1951. p. 3 e 5. Localizado: Hemeroteca digital.

MATHIAS, Caio. **LIMA, Ary Pinheiro de Oliveira Secretaria Geral de Saúde e Assistência**. Prefeitura do Distrito Federal (1829 – 1960). Disponível em: < <http://expagcrj.rio.rj.gov.br/lima-ary-pinheiro-de-oliveira/> > Acessado em 03 de dezembro de 2023.

MATHIAS, Caio. **CAPRIGLIONE, Luís Amadeu Secretário Geral da Saúde e Assistência**. Prefeitura do Distrito Federal (1829 – 1960). Disponível em: < <http://expagcrj.rio.rj.gov.br/capriglione-luis-amadeu/> > Acessado em 03 de dezembro de 2023.

PAIVA, Zulmira de Assis. **Rumo Histórico da Escola de Enfermeiras Raquel Haddock Lobo**. Documento datilografado em homenagem as pioneiras Zaira Cintra Vidal, Safira Pereira Cardoso Machado e Guiomar Pereira Puppaim. 1961. CMNPC/ENF/UERJ. Exposto em vitrine de vido.

O JORNAL. Rio de Janeiro. Matéria de Fernando Tude de Souza. **V Congresso Nacional de Enfermagem**. Edição 09674 (1), 1951. Localizado: Hemeroteca digital.

VIDAL, Zaira Cintra. **Manual de Enfermagem - Técnicas de ataduras**. 2ªedição. Rio de Janeiro. 1948. CMNPC/ENF/UERJ. Exposto em vitrine de vido.

VIDAL, Zaira Cintra. **Técnicas de enfermagem**. 7ª edição. 1953. CMNPC/ENF/UERJ. Exposto em vitrine de vido.

VIDAL, Zaira Cintra. **Semana da Enfermagem**. Discurso proferido por professora Zaira Cintra Vidal na primeira semana de enfermagem com o tema: A instrução e a Enfermagem. 1940. CDOC/EEAN/UFRJ. Modulo G, caixa 07, ano 1938/ 1950/ 1963, origem: Gabinete Direção, conteúdo: Diretora Lais Netto dos Reys.

VIDAL, Zaira Cintra. **Relatório dos Estudos feitos na América do Norte**. Relatório escrito por Zaira Cintra Vidal com suas observações aos estudos dos hospitais e escolas de

enfermagem nos Estados Unidos e Canadá. 26 de abril de 1944. Módulo B, caixa 1A(35), ano 1932, origem: As Pioneiras.

FONTES DIRETAS ICONOGRAFICAS E FOTOGRAFICAS:

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Inauguração da sede provisória da EERHL. Local: Sede provisória. Ano de 1948. Localizado no acervo iconográfico e fotográfico do CMNPC armazenado em arquivo de ferro.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Cerimônia de imposição da touca. Local: Sede provisória. Ano de 1949. Acervo iconográfico e fotográfico do CMNPC armazenado em arquivo de ferro.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. O juramento de Florence Nightingale. Local: Sede provisória. 30 de agosto de 1950. Acervo iconográfico e fotográfico do CMNPC armazenado em arquivo de ferro.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Passagem da lâmpada da classe 1951 para 1952. 09 de agosto de 1951. Acervo iconográfico e fotográfico do CMNPC armazenado em arquivo de ferro.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Broche com a insígnia da Escola. Local: Sede provisória. 1951. Exposto em vitrine de vidro.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Planejamento de uma sede definitiva. 1951. Localizado na caixa 16, origem: sesa e reitora UERJ, Conteúdo: Plantas Baixas e ocupação do espaço.

FACULDADE DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Segunda sede provisória da EERHL. Local: segunda sede provisória. 1952. Acervo iconográfico e fotográfico do CMNPC armazenado em arquivo de ferro.

FONTES SECUNDARIA

ALMEIDA FILHO, Antonio José. **A Escola Anna Nery (EAN) no front do campo da educação em enfermagem e o (re) alinhamento das posições de poder (1931 – 1949)**. Tese (Doutorado em enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 200. 2004.

AZEVEDO, Carlos Eduardo Franco. et al. **A estratégia de triangulação: dos Objetivos. Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo**. In: IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, Brasília/ DF- 3 a 5 de novembro de 2013. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/281285824_A_Estrategia_de_Triangulacao_Objetivos_Possibilidades_Limitacoes_e_Proximidades_com_o_Pragmatismo> Acessado em: 3 de mar. 2022.

BARREIRA, Ieda de Alencar. Contribuição da História da Enfermagem Brasileira para o desenvolvimento da profissão. **Esc Anna Nery Rev Enferm.** Rio de Janeiro, v. 3, n.1, abril de 1999. 125-141.

BARREIRA, Ieda de Alencar; BAPTISTA; Suely de Souza; SAUTHIER, Jussara; SANTOS, Tânia Cristina Franco; APERIBENSE, Pacita Geovana Gama de Souza; PERES, Maria Angélica de Almeida; OLIVEIRA, Alexandre Barbosa; ALMEIDA FILHO, Antonio José. **Primeira República: a implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos.** In:

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico.** Editora Vozes, 10ª ed., Petrópolis, RJ, 2015. 8ª reimpressão 2022. ISBN 978-85-326-3182-4

_____. A fonte histórica e seu lugar de produção. **Cad. Pesq. Cdhis**, Uberlândia, v.25, n.2, jul. – dez., 2012. p. 407 – 429. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/15209/11834> > Acessado em: 09 ago 2022.

_____. Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para a pesquisa histórica. **Mouseion**, Canoas/RS, n.12, mai-ago, p.129-159.m 2012. Disponível em < <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/332/414> > Acessado em: 03 jul 2022.

BAPTISTA, Suely de Souza; BARREIRA, Ieda de Alencar. A enfermagem na universidade brasileira: buscando espaços, conquistando posições. **Esc. Anna Nery R. Enferm.** Rio de Janeiro, v.4, n.1, abril de 2000, pp. 21-30. Disponível Em: <Redalyc.A enfermagem na universidade brasileira: buscando espaços, conquistando posições> Acessado em 25 de junho de 2024.

BAPTISTA, Suely de Souza. Trajetória das Escolas de Enfermagem na Sociedade. **Esc. Anna Nery R. Enferm.** Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, dez. 1997. Disponível em: <[brasileirahttps://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/v1n2a07.pdf](https://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/v1n2a07.pdf)> Acessado em: 03 dezembro de 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Tradução: Mariza Corrêa. Papyrus. Campinas, SP. 1996.

_____. **Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos de etnologia cabila.** Celta. Portugal, 2002.

_____. **O Poder Simbólico.** Tradução Fernando Tomaz (língua portuguesa). 11ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **A dominação masculina.** Tradução Maria Helena Kuhner (língua portuguesa). 18ª ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2020.

_____. **A Economia das Trocas Linguísticas: o que falar quer dizer**. Prefácio de Sergio Miceli e tradução de Sergio Miceli et al. 2ª ed. e 2ª reimpressão. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

_____. **Escrito de Educação**. Organização de Maria Alice Nogueira e Afranio Catani. 17ª ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2023.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>> Acessado em: 09 de fev. 2022.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Agenda nacional de prioridades de pesquisa em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Ciência e Tecnologia**. – 2. ed., 4. reimpr. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/agenda_nacional_prioridades_2ed_4imp.pdf> Acessado em: 13 jul 2022.

_____. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>> Acessado em: 09 de jun. 2022, 12:27:23.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS. **Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual**. Brasília, 24 de fevereiro de 2021. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf> Acessado em: 13 jul 2022.

_____. **Lei Nº 749, de 27 de junho de 1949**. Retifica a Lei nº 537, de 14 de dezembro de 1948 e discrimina verbas constantes de seu anexo n. 4 - Presidência da República. Diário Oficial da União - Seção 1. Brasil, BR. 1949. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-749-27-junho-1949-366333-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acessado em 03 de dezembro de 2023.

_____. **Lei nº 1.102**, de 18 de maio de 1950. Aprova o Plano Salte e dispõe sobre sua execução. Diário Oficial da União, seção 1, Coleção de Leis do Brasil. Brasil, BR. 1950. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-1102-18-maio-1950-363354-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

_____. **Lei Nº 537**, de 14 de dezembro de 1948. Estima a Receita e fixa a Despesa da União para o exercício financeiro de 1949. Diário Oficial da União, seção 1. Brasil, BR. 1948 Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1940-1949/lei-537-14-dezembro-1948-377063-publicacaooriginal-46838-pl.html>> Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os polos da prática metodológica**. Tradução Ruth Joffily, Prefacio de Jean Ladriere. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

CALDAS, Nalva Pereira. A experiência da criação do Centro de Memória da faculdade de Enfermagem da UERJ. **Esc. Anna Nery Rev. de Enferm**, Rio de Janeiro, v. 4 n. 3 p. 347 - 357 dezembro de 2000. Disponível em: <<https://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/v4n3a08.pdf>> Acessado em: 03 ago 2022.

CAMPOS, André Luiz Vieira de. Políticas internacionais de saúde na era vargas: o Serviço Especial de Saúde Pública, 1942 – 1960 [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, 318 p. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-100-6. <https://doi.org/10.7476/9786557081006>.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARRIJO, Alessandra Rosa; LEITE, Maria Madalena Januário. **História, instituições e enfermagem**. In: OGUISSO, Taka; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; FREITAS, Giovana Fernandes de. Pesquisa em história da enfermagem. 2ªed. Barueri, São Paulo. Manole, 2011. p.178 – 210.

COSTA, Laís de Miranda Crispim; SANTOS, Tânia Cristina Franco; DOS SANTOS, Regina Maria; COELHO, Maria José; PORTO, Isaura Setenta. Contribución de estudios históricos de las escuelas de enfermería a la memoria y la identidad profesional: una revisión integradora. **Cultura de los Cuidados**. (online), Maceió, v. 20, n. 46, p. 102 -114. 2016. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/61756/1/CultCuid_46_10.pdf > Acessado em: 13 mar. 2022.

CARVALHO, Anayde Corrêa de. Associação Brasileira de Enfermagem - 1926/1976: Documentário. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília, v. 55, n. 3, p. 249-263, maio/jun. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/wdJvVhRwdhQQGLnCrrBTYxB/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

CARVALHO, Vilma de. Por uma epistemologia do cuidado de enfermagem e a formação dos sujeitos do conhecimento na área da enfermagem – do ângulo de uma visão filosófica. **Esc. Anna Nery Rev. de enferm**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 406 – 414. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/sMkwnTkhyNNVJB8DXkPcFVv/?lang=pt>> Acessado em: 15 jul 2022.

DRIESSNACK, Martha; SOUSA, Valmi D.; MENDES, Isabel Amélia Costa; Revisão dos desenhos de pesquisa relevantes para enfermagem: part 2: desenhos de pesquisa qualitativa. **Rev Latino-am Enfermagem**, São Paulo, v.15, n.4, jul-ago, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n4/pt_v15n4a25.pdf> Acessado em: 13 mar. 2022.

FREIRE, Mary Ann Menezes; AMORIM, Wellington Mendonça de. A Enfermagem de Saúde Pública no Distrito Federal: A Influência do Relatório Goldmark (1923 A 1927). **Esc Anna Nery Rev Enferm**. Rio de Janeiro. v. 12, n. 1. 2008 p.115 – 24. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ean/a/3FSHvY7DTQYkVm8RyQwvwjn/?format=pdf&lang=pt>>
Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, Juiz de Fora, n. 116, julho, p. 21-39, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n116/14397.pdf>> Acessado em: 27 fev. 2022.

FREITAS, Sônia Maria. **História oral: procedimentos e possibilidades**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanistas, 2006. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/88822480/Historia-Oral-Procedimentos-e-possibilidades-Sonia-Maria-Freitas>> Acessado em: 13 jun de 2022, 19:46:45.

GONÇALVES, Mayki Bruno dos Santos; XAVIER, Maria Lelita; ALMEIDA FILHO, Antonio José de; APERIBENSE, Pacita Geovana Gama de Sousa, DE ALMEIDA Margareth Teixeira de Souza; SANTOS, Tânia Cristina Franco. Uniform and the image of the nurse graduated from the Rachel Haddock Lobo Nursing School. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2023; 31:e747862023. Disponível em <<https://docs.bvsalud.org/biblioref/2024/01/1526025/e74786-uniforme-e-a-imagem-da-enfermeira-diagramado-port.pdf>> Acessado em: 25 de junho de 2024.

HIJJAR, Miguel Aiub; GERHARDT, Germano; TEIXEIRA, Gilmário M; PROCÓPIO, Maria José. Retrospecto do controle da tuberculose no Brasil. *Rev Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 41, n. Supl. 1. 2007; p.50-58. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/hQdTLVHssMBb86tdQMPhhWR/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em 25 de junho de 2024.

HIRATA, Marisa Correia. A lâmpada e sua Chama de fogo como Símbolo da Enfermagem. **Cultura de los Cuidados** [Internet] 2002. Ano 6, n.11. Disponível em <https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/4861/1/CC_11_04.pdf> Acessado em 25 de junho de 2024.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. A Invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997. Disponível em:<[HOBBSAWN, E. Invenção das tradições. Introdução.pdf \(usp.br\)](#)> Acessado em 25 de junho de 2024.

IGLESIAS, María Elinor Dulzaides; GÓMES, Ana María Molina. **Análisis documental y de información: dos componentes de un mismo proceso**. ACIMED, Cidade de Havana, v.12, n.2, mar-abr, 2004. Disponível em: <<http://scielo.sld.cu/pdf/aci/v12n2/aci11204.pdf>> Acessado em: 13 março 2019.

HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro; Rosa dos Tempos, 2023.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. Ateliê Editorial, 3ª ed., revista e ampliada, São Paulo, 2009.

LIMA, Thaísa Góis F. de M. S; BAPTISTA, Suely de Souza. Circunstâncias de criação das escolas de enfermagem do estado do Rio de Janeiro. **Esc. Anna Nery Rev. Enfer**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.197-208. ago. 2000. Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/tce/v27n4/0104-0707-tce-27-04-e4210017.pdf> > Acessado em 07 mar. 2022.

LOPES, Gertrudes Teixeira; CALDAS, Nalva Pereira; LIMA, Tábata Cristina Silva; MARTINGIL, Izabella de Carvalho. A vida e obra de Zaíra Cintra Vidal. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 53, n. 4, p. 253-260, abr./jun. 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/W5tNsZBjTfznZT6Cw8RVjhC/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 02 ago. 2022.

LOPES, Gertrudes Teixeira; COSTA, Laís de Miranda Crispim; FIGUEIREDO, Mariangela Aparecida Gonçalves; SANTOS, Tânia Cristina Franco. **Nalva Pereira Caldas: Vida e Obra**. In: ALMEIDA FILHO, Antônio José; PERES, Maria Angélica de Almeida; LIMA, Regina Garcia; SILVA, Eliete Maria; BELLAGUARDA, Maria Ligia dos Reis; ALVES, Sônia Maria; SANTOS Regina Maria dos. História de vida de Enfermeiras Brasileiras: contribuição para o desenvolvimento da enfermagem [livro eletrônico], Brasília: ABEn, p. 182, 2016. Disponível em <https://bvsenfermeria.bvsalud.org/vitrinas/wp-content/uploads/2021/11/book_Alma-Carrasco_comp.pdf> Acessado em: 22 agosto 2022.

LOPYOLA, Cristina Maria Douat; OLIVEIRA, Rosane Mara Pontes de. Florence Nightingale e a arte de enfermagem: texto e contexto da Inglaterra Vitoriana. **Escola Anna Nery** [Internet]. 2021; v.25, n.4. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0152>> Acessado em: 25 de junho de 2024.

MARTELETO, Regina Maria; PMENTA, Ricardo Madeiros. Pierre Bourdieu e a produção social da cultura, do conhecimento e da informação. Rio de Janeiro: Garamond, 2017. Disponível em: <pierre_bourdieu_ebook-libre.pdf (d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net)> Acessado em 25 de junho de 2024.

MARTINS, Angelina Carr Ribeiro. A Religião do Cristianismo Primitivo: Arte, Símbolos e Resignificações nas Catacumbas Romanas. **Revista Último Andar** [Internet] n. 25, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/mayki/Downloads/24646-Texto%20do%20artigo-64141-1-10-20150922.pdf>> Acessado em: 25 de junho de 2024.

MEDEIROS, Marcelo; TIPPLE, Ana Clara Veiga; MUNARI, Denize Bouttelet. A expansão das escolas de enfermagem no Brasil na primeira metade do século XX. **Revista Eletrônica de Enfermagem** (online), Goiânia, v.1, n.1, out-dez. 1999. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/15605/5/Artigo%20-%20Marcelo%20Medeiros%20-%201999.pdf>> Acessado em 13 jun. 2022.

MEIHY, José Carlos Sabe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. Contexto, 2ªed., São Paulo, 2015.

MONTEIRO, José Marciano. **10 lições sobre Bourdieu**. Vozes, Petrópolis, RJ, 2018.

MORAIS, Mary Ann Menezes Freire. **As Representações da Técnica no livro “Técnica de Enfermagem”, de Zaíra Cintra Vidal (1933 – 1963)**. Tese (Doutorado em enfermagem) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 270. 2014. Disponível em; <<https://www.unirio.br/ppgenfbio/arquivos/teses-arquivos/13-tese-mary-ann-morais>> Acessado em 25 de junho de 2024.

MOTT, Maria Lúcia. TSUNECHIRO, Maria Alice. Os Cursos de Enfermagem da Cruz Vermelha Brasileira e o início da enfermagem profissional no Brasil. **Rev. Bras. Enferm., Brasília**, v. 55, n. 5. 2002. p. 592-599. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/W7mGbHV7zy65rh8JDLmmjDM/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

MOTT, Maria Lúcia. Revendo a história da enfermagem em São Paulo (1890-1920). **Cadernos pagu**. São Paulo. V.13 1999. p.327- Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635331/3133>> Acessado em; 03 de dezembro de 2023.

OGUISSO, Taka; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; MOREIRA, Almerinda. Enfermagem pré-profissional no Brasil: questões e personagens. **Enfermagem em Foco. V.2n**. supl. 2011. p. 68-72. Disponível em: < <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/85> > Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

OLIVEIRA, Isabel dos Reis Silva; BARRETO, Ivete Santos; LIMA, Maria Goreti de. Os setenta anos da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn). **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v. 50, n. 3, 1997 p. 441 -458, jul./set. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/7mdYGB9pqrRQCWLBHNSps8j/?format=pdf>> Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

PADILHA, Maria Itayara Coelho de Souza; BORENSTEIN, Miriam Süsskind. O método de pesquisa histórica na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.14, n.4, p.575-584, out.-dez, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n4/a15v14n4.pdf>> Acessado em: 08 mar. 2022.

PADILHA, Maria Itayra; BORENSTEIN, Miriam Susskind; SANTOS, Iraci. (Org.). *Enfermagem: história de uma profissão* [livro eletrônico]. São Caetano do Sul, 2ª ed. São Paulo, Difusão Editora, 2015.

PADILHA, Maria Itayra; BORENSTEIN, Miriam Susskind; SANTOS, Iraci dos. *Enfermagem História de uma profissão*. 2.ed. São Caetano do Sul, Difusão Editora. 2017.
SILVA, Silvio Eder Dias da; SANTOS, Arielle Lima dos; DIAS, Brenda Jamille Costa; FURTADO, Igor Peniche; RIBEIRO, Ilana Sudária de Oliveira; SEIDEL, Manuela Almeida; COSTA, Joel Lobato da. Associação Brasileira de Enfermagem: as representações sociais dentro das pesquisas em enfermagem no contexto atual. **J. Health Biol Sci.** V.6, n. 3. 2018. p. 342-346. Disponível em:< <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/11/964787/15-1754.pdf>> Acessado em 03 de dezembro de 2023.

PANOFSKY, E. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PAVA, Andrea Macêdo; NEVES, Eduardo Borba. A arte de ensinar enfermagem: uma história de sucesso A arte de ensinar enfermagem: uma história de sucesso. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v.64, n. 1, jan. – fev. p. 145 -151. 2011. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/reben/a/4n3WtkW8R7mwqMC7tkpHqjC/?format=pdf&lang=pt> > Acessado em: 13 mar. 2022.

PERES, Maria Angélica de Almeida; BARREIRA, Ieda de Alencar; SANTOS, Tânia Cristina Franco; ALMEIDA FILHO, Antonio José de; OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *O ensino*

da psiquiatria e o poder disciplinar da enfermagem religiosa: O Hospício de Pedro II no segundo reinado. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, V.20, n, 4, Out-Dez de 2011. p. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/tce/a/rzVvcPqPGqS5BBnfbVqWxfM/?format=pdf&lang=pt>>

Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

PERES, Maria Angélica de Almeida; BRANDÃO, Ana Paula Costa Lacerda; AGUADO, Mercedes de Dios; PAIM, Lygia. PERES, BRANDÃO, 2021 - Brazilian nursing: heritage of the professional conception of Florence Nightingale. **Cultura de los Cuidados** (Edición digital), 25 (Nº esp.). Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2021.esp.05>>

Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

PETERS, Angela Aparecida; PERES, Maria Angélica de Almeida, D'ANTONIO, Patricia. Influences of the Anglo-American Teaching System in Brazil: Contributions by the Parsons Mission (1921-1925). **OJIN: The Online Journal of Issues in Nursing**. v. 25, n. 2, Manuscript 6. 2020. Disponível em:

<<https://ojin.nursingworld.org/MainMenuCategories/ANAMarketplace/ANAPeriodicals/OJIN/TableofContents/Vol-25-2020/No2-May-2020/Influences-of-the-Anglo-American-Teaching-System-in-Brazil-Contributions-by-the-Parsons-Mission-19.html>> Acessado em: 03 de dezembro de 2023

PIMENTEL, Maria Regina Araujo Reicherte; XAVIER, Maria Lelita. Faculdade de enfermagem da universidade do estado do Rio de Janeiro: 70 anos de sua trajetória. **História da enfermagem Revista eletrônica** (online). Brasília, v. 9, n. 2, p. 86-88. 2018. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v9/n2/_EDITORIAL-1_portugues.pdf> Acessado em: 13 março 2022.

PORTO, Fernando; AMORIM, Wellington de Mendonça. Escolas e Cursos De Enfermagem Na História da profissão no brasil (1890-1922). **Cultura de los Cuidados**. 1er. Semestre, ano XIV, n 27. 2010. Disponível em:

<https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/14388/1/CC_27_05.pdf> Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

PORTO, Fernando; CAMPOS, Paulo Fernando de Souza; OGUISSO, Taka. Brazilian Red Cross (são paulo branch) in media (1916-1930). **Esc Anna Nery Rev Enferm**. Rio de Janeiro, v. 13, n 3. jul-set, 2009; p. 492-99. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ean/a/WL7MVtGsNRPHtyzGk9JXBQt/?format=pdf&lang=pt>>

Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

QUADROS, Raquel dos Santos; MACHADO, Maria Cristina Gomes. O ministro Gustavo Capanema e a ação cultural do ministério da educação e saúde na era Vargas. **Revista @rquivo Brasileiro de Educação**, Belo Horizonte, v.1, n.2, p. 62-75, jul./dez., 2013. Disponível em:

<<https://periodicos.pucminas.br/index.php/arquivobrasileiroeducacao/article/view/P.2318-7344.2013v1n2p62/7965>> Acessado em: 12 set 2023.

RENOVATO, Rogério Dias; BAGNATO, Maria Helena Salgado. **As contribuições Serviço Especial de Saúde para a formação profissional da Enfermagem no Brasil (1942-1960)**. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v 61, n. 6, p. 909-915, nov./dez., 2008.

Disponível em: <

<https://www.scielo.br/j/reben/a/kgmy6YyMyYrHr6Rpp4L6Lcy/?format=pdf&lang=pt>
Acessado em: 10 ago 2022.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*, Rio Grande do Sul, v. 1, n.1, p.1-15, jul. 2009. Disponível em: <<https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/view/6/pdf>> Acessado em: 13 mer. 2022.

SAND, Isabel Cristina Pacheco van der; HILDEBRANDT, Leila Mariza; CABRAL, Fernanda Beheregaray; MOREIRA, Marlea Chagas; GUTIÉRREZ, Maria Gaby Rivero de. Produção do conhecimento em enfermagem à luz do(a) campos sociais e do espaço quadripolar da pesquisa: um exercício reflexivo. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 4, p.1187 – 1196, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/jBM79j6gHzJgnWnJ9kGkrBv/?lang=pt>> Acessado em: 15 jul 2022.

SANTIAGO, Emiliane Silva; LUCHESI, Luciana Barizon; OGUISSO, Taka; PORTO, Fernando. Reflexões de Edith de Magalhães Fraenkel sobre o currículo de Enfermagem na década de 1940. **Hist enferm Rev eletronica** [Internet]. 2021;12(1):7-20. Disponível em<<https://doi.org/10.51234/here.21.v12n1.a1>> Acessado em 25 de junho de 2024.

SANTO, Tiago Braga do Espírito; OGUISSO, Taka; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. A profissionalização da enfermagem brasileira na mídia escrita no final do século XIX: uma análise de gênero. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**. São Paulo. v.19, n.5. set.-out de 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlae/a/x7BNRHrkjZPSjHCvmjXH8xm/?format=pdf&lang=pt2011>> Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

SANTOS, Tânia Cristina Franco; OLIVEIRA, Sonô Taíra. Rachel Haddock Lobo: vida profissional e sua contribuição para a REBEn. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 55, n. 3, maio-jun, 2002. p. 264-268. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/gF4hKRSS5fSbr9CwvdjQ6DM/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 05 ago 2022.

SANTOS, Tânia Cristina Franco; BARREIRA, Ieda de Alencar; FONTE, Aline Silva; DE OLIVEIRA, Alexandre Barbosa. Participação americana na formação de um modelo de enfermeira na sociedade brasileira na década de 1920. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo. V.45, n.4, p. 966-973. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/ZQ8RwDW8bYJ6dCFMxqLZvvg/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 13 março 2022.

SANTOS, Tânia Cristina Franco; PERES, Maria Angélica de Almeida; ALMEIDA FILHO, Antonio José de; APERIBENSE, Pacita Geovana Gama de Sousa; ALCÁNTARA, Elaine Lázaro. Legado de Florence Nightingale: reflexão sob a ótica de Pierre Bourdieu. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.31:e20210200, 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tce/a/Tp7bhPFV9KrXzFY3Yj84ZXD/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em: 12 jun 2022.

SELAU, Mauricio da Silva. História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais. **Revista Esboços**. Florianópolis, v. 11, n.11, p. 217-228, 2004. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/486/9887>> Acessado em: 13 jun 2022.

SILVA, Cátia Andrade; ALMEIDA, Lílian Conceição Guimarães. Conhecendo história oral: uma experiência para a enfermagem. **Revista Enfermagem UERJ**. Rio de Janeiro, v.13, 2005. P.97-101. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v13n1/v13n1a15.pdf>> Acessado em: 13 maio, 2022.

SILVA, Maria Regina Guimarães; GALLIAN, Dante Marcello Claramonte. A Escola de Enfermagem do Hospital São Paulo e seu primeiro currículo (1939-1942). **Rev Bras Enferm**. Brasília. V.62, n. 2. 2009. mar-abril. p. 317-22. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/CJKm3ntzxY7qfWwJVdzPPrC/?lang=pt>> Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

SOUZA, Hugo Alberto Neves de; TRIGUEIRO, Keythluci Faria; OLIVEIRA, Alexandre Barbosa; BERNARDES, Margarida; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; PORTO, Fernando Nurses' public image: documentary research (1910-1920). **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro, 2019; 27:e39281. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerrj/article/view/39281> > Acessado em: 03 de dezembro de 2023.

TEIXEIRA, Carmen Luisa dos Santos; BAPTISTE, Suely de Souza; CAVALCANTI Rosa Maria; SAUTHIER, Jussara. Alunas Religiosas na Escola de Enfermagem Anna Nery. **Esc. Anna Nery R. Enfen**. Rio de Janeiro, v.2, n.1/2, abr./set. 1998. Disponível em: < <https://cdn.publisher.gn1.link/eean.edu.br/pdf/v2n1-2a06.pdf> > Acessado em; 03 de dezembro de 2023.

TOLEDO, Josefar Reis de; SANTOS, Tânia Cristina Franco; ARAÚJO, Maria Aparecida de; ALMEIDA FILHO, Antônio José de. Emblemas e Rituais: reconstruindo a História da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. **Esc Anna Nery Rev Enferm**. [Internet] v. 12, n. 2, 2008: 243 – 50. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ean/a/j8RhLwLg6QrCFrnvNYqbQHP/?format=pdf&lang=pt>> Acessado em 25 de junho de 2024.

YOUNG, Pablo; FINN, Bárbara C.; BRUETMAN, Julio E.; GELOS, Jorge Cesaro; TRIMARCHI, Hernán. Rod of Asclepius. Symbol of Medicine. **Rev Med Chile**. V 141, 2013, p. 1197-1201. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.4067/S0034-98872013000900013>> Acessado em; 25 de junho de 2024.

APÊNDICE A - Carta de anuência para autorização de pesquisa EEAN/UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO
SENSU



Carta de anuência para autorização de pesquisa

Ilmo Prof.º Dr.ª: Elisabete Pimenta Araújo Paz

Solicitamos autorização institucional para a realização da pesquisa intitulada “Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo: lutas simbólicas para criação e implantação (1944-1951)” pelo pesquisador Mayki Bruno dos Santos Gonçalves, cuja orientadora é a Prof.ª Dr.ª Tânia Cristina Franco Santos. A pesquisa possui como objetivos descrever o jogo de forças que determinaram a criação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo no ano de 1944, analisar as estratégias de luta no processo de implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo no período de 1944 a 1951, e discutir os efeitos simbólicos da criação e implantação de mais uma escola de enfermeiras na antiga capital federal. Será necessário o acesso aos dados a serem colhidos, através dos documentos escritos e iconográficos do Centro de Documentação da Escola de Enfermagem Anna Nery. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição conste no relatório final, bem como em futuras publicações na forma de trabalhos científicos, anais de eventos e de artigo científico. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados para a realização deste estudo. Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta direção, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que façam necessários.

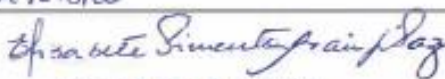
Rio de Janeiro, 04 de outubro de 2022.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Tânia Cristina Franco Santos

Orientando: Mayki Bruno dos Santos Gonçalves

Concordamos a solicitação

Não concordamos com a solicitação

Responsável pela Escola de Enfermagem Anna Nery - UFRJ	
Nome completo	Elisabete Pimenta Araújo Paz
Cargo	Diretora
assinatura e carimbo	 Elisabete Pimenta Araújo Paz

Diretora
EEAN/CCS/UFRJ
SIAPE: 363474

APÊNDICE B - Carta de anuência para autorização de pesquisa – ENF/UERJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE ENFERMAGEM ANNA NERY
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU



Carta de anuência para autorização de pesquisa

Ilmo Prof.ª Dr.ª: Luiza Mara Correia

Solicitamos autorização institucional para a realização da pesquisa intitulada “Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo: lutas simbólicas para criação e implantação (1944-1951)” pelo pesquisador Mayki Bruno dos Santos Gonçalves, cuja orientadora é a Prof.ª Dr.ª Tânia Cristina Franco Santos. A pesquisa possui como objetivos descrever o jogo de forças que determinaram a criação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo no ano de 1944, analisar as estratégias de luta no processo de implantação da Escola de Enfermeiras Rachel Haddock Lobo no período de 1944 a 1951, e discutir os efeitos simbólicos da criação e implantação de mais uma escola de enfermeiras na antiga capital federal. Será necessário o acesso aos dados a serem colhidos, através dos documentos escritos e iconográficos do Centro de Memória Nalva Pereira Caldas. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome desta instituição conste no relatório final, bem como em futuras publicações na forma de trabalhos científicos, anais de eventos e de artigo científico. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados para a realização deste estudo. Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta direção, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que façam necessários.

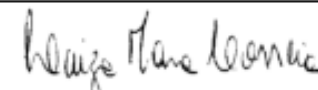
Rio de Janeiro, 10 de maio de 2022.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Tânia Cristina Franco Santos

Orientando: Mayki Bruno dos Santos Gonçalves

Concordamos a solicitação

Não concordamos com a solicitação

Responsável pela Faculdade de Enfermagem da UERJ	
Nome completo	Luiza Mara Correia
Cargo	Diretora
assinatura e carimbo	 <p>Luiza Mara Correia Diretora da Faculdade de Enfermagem da UERJ Matr. 31.262-9/ID. 2554775-5</p>

ANEXO A – Quadro para coleta das fontes escritas**Quadro para coleta das fontes escritas**

Quadro para coleta das fontes escritas	
Modelo de documento	
Descrição da temática do documento	
Local	
Localização	
Data	
Autor	
Estado de conservação	
Observações:	

Fonte: APERIBENSE, Pacita Geovana Gama de Sousa. Uniformes e suas relações com a identidade profissional do enfermeiro formado pela Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1969-1985). Tese (Doutorado em enfermagem) – Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. p. 221. 2016. Disponível em: < <http://objdig.ufrj.br/51/teses/844209.pdf> > Acessado em: 10 de outubro de 2022.

ANEXO B – Instrumento para exame da fotografia**INSTRUMENTO PARA DESCRIÇÃO ICONOGRÁFICA****Nível Contextual**

Dados gerais

Título:

Autor:

Procedência:

Gênero:

Localização:

Parâmetros Técnicos (formato, suporte, dimensões da fotografia e estado de conservação, tipo de câmera)

Dados biográficos do autor:

Nível Morfológico

Motivo fotográfico:

Elementos morfológicos (ponto, linhas, planos, nitidez, cor, etc.):

Nível Compositivo

Espaço de representação:

Tempo de representação:

Artefatos (bandeiras, mobiliário, indumentária):

Outros (legendas, alterações, dedicatórias)

Nível Enunciativo

Atributos e atitudes dos personagens (pose, uso do espaço, expressão facial):

Articulação dos aspectos visíveis aos invisíveis:

Relações intertextuais (articulações com o contexto de produção da fotografia e com outras fontes documentais do estudo):

Data: __/__/____

Assinatura:

Fonte: KOSSOY, Boris. Fotografia & História. Ateliê Editorial, 3ª ed., revista e ampliada, São Paulo, 2009.